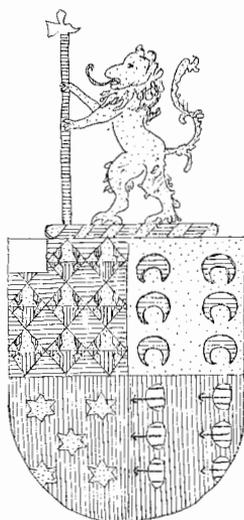


VELHAS CASAS

IX

Casa de Sezim

(1)



Maria Mendes Sarrazinha, nome fresco, alegre, a vir de tempos remotos. Aparece-nos no ano de Cristo de 1345 (Era de 1383), já casada com Gervas Ennes e logo a supomos filha, ou neta, de Sarrazim Mendes, fidalgo, senhor em 1290 dum casal em S. Pedro de Azurém, termo de Guimarães (1).

Maria Mendes Sarrazinha — gostaríamos de a pôr entre a verdura dos campos, carregados de flores, de frutos, de ribeiros a saltarem como pede a graça e o perfume do seu nome. Mas 1345 é um ano de campos mirrados: os géneros faltam, os sinos dobram a pedir orações pelos muitos mortos. A 3 de Junho Maria Mendes Sarrazinha e seu marido Gervas Ennes desistem, a favor do Cabido e do Chantre da Igreja de Santa Maria de Guimarães, da renda anual de dois maravedis imposta nas suas herdades de Santa Maria de Atães, em virtude dum «legado de Pero Bernardiz e Martim Cachopo» (2). A 19 de Setembro «com a graça que lhes fazem de não dormirem em sua vida

(1) Abade de Tagilde — «*Vimaranis Monumenta Historica*», Part II, p. 348, CCLXXVIII — Inquirições Gerais de D. Diniz (1290). Inq. da freg.^a de S. Pedro de Azurém. Desconheço se Sarrazim Mendes, «Filho dalgo», sr. dum casal é o mesmo Sarrazim Mendes citado no «*Nobiliário*» do Conde Dom Pedro», a p. 216.

(2) Pergaminho XLII do «*Archivo da Colegiada de Guimarães*», L.^o 1 da Nota Antiga, f. 9, Arq. Mun. A. Pimenta. (1-2-3) Os extratos dos prazos e outros

com confrade nenhum⁽³⁾, entregam maravidi e meio e são recebidos na Confraria dos Clérigos⁽⁴⁾. «Ante as suas casas» em Guimarães, vamos deixá-los; vamos perdê-los por uns anos.

Anos onde em Portugal governarão três Reis. Onde avança a Peste Negra, a matar, a dizimar mais dum terço da população portuguesa⁽⁵⁾. Onde, depois, tudo a renascer, principia em Coimbra o chorar da música e dos homens pela triste morte da linda Inês, punhal cruel espetado no seu colo de garça, muito quente de amor e de vida. Onde talvez Maria Mendes Sarrazinha tenha visto, em 1356, o Rei Dom Afonso IV a reconciliar-se com seu filho em Guimarães⁽⁶⁾.

Vieram então os «Taaes dez annos nunca havidos em Portugall». El-Rei Dom Pedro a correr o Reino, a distribuir justiça, a espantar as gentes «*Tragendo gran casa de caçadores e moços de monte e d'aves e cães de todas as maneiras que pera taaes jogos eram pertencentes*»⁽⁷⁾, o jubilo, a Paz.

Paz logo turvada no reinado seguinte: o de Dom Fernando, a despontar com sábio governo, a desenrolar-se em inglórias guerras. Já na primeira, em 1369, é Guimarães cercada por Henrique II, o

contratos nesses livros foram publicados pelo Abade de Tagilde na «*Revista de Guimarães*»; o desta desistência vem no vol. XXII, n.ºs 3 e 4. Foi esta feita «ante as casas de morada» dos referidos pelo Tab. Gil Lourenço.

No livro citado na nota 1, há referências a Pero Bernardiz e a Martim Cachopo e suas propriedades, pp. 225, 272 e 293.

Nada mais sei sobre Gervas Ennes (no texto). Um Gervas Ennes escreve a carta d'el Rei D. Pedro a confirmar os privilégios do Mosteiro de S. Torcato; está publicada no L.º mencionado na nota 1, p. 406.

(3) Explica-se esta frase ao ler os «Estatutos da Confraria dos Tabeliães que se chama do Serviço de Santa Maria», publicados pelo Abade de Tagilde «*Catálogo dos Pergaminhos existentes no Archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães*», Lisboa, Imp. Nacional, 1909, p. 65: «... são os irmãos obrigados (entre outros deveres) a acompanhar e dormir a noite velando o irmão finado aquelles dos confrades que morarem perto e forem indicados pelo mordomo».

(4) Esta doação de maravidi e meio imposto no casal da Cancela, em S. João de Pencelo, e a posse tomada pela Confraria dos Clérigos no dia imediato foi feita pelo Tab. Tomé Afonso e entre as tes.tas estavam Gil Vicente, Abade de S.ta Lagriça, e Martim Barqueiros. Doc. n.º CXXIII no «Catálogo» da nota 3.

(5) Joaquim Veríssimo Serrão — «*História de Portugal*», Vol. I, Ed. Verbo, 2.ª ed, pp 272 e segs, — A Peste Negra.

(6) Foi em 1355, no claustro do antigo convento de S. Francisco, em Guimarães. Este doc. foi 1.º transcrito por Ayres de Sá — «*Frei Gonçalo Velho*», 1899, p. 71, e depois no «*Vimaranis Monumenta Historica*», p. 405. Cita-o João de Meyra n'«*O Concelho de Guimarães*», Porto, 1907, p. 59 e Alfredo Pimenta — «*Guimarães*» (Pub. Com. das Festas Centenárias de Portugal), p. 17.

(7) Fernão Lopes — «*Crónica de Dom Pedro*».

Trastâmara, e suas forças. «*Aperta o castelhano o cerco, chegando aos muros, e manda armar engenhos de arremêso*» (8). São três semanas: pedregulhos a cruzarem-se sobre as muralhas, setas a voarem. Vencem os sitiados. Louva o Rei «*os que defendendo e amparando essa nossa villa, de dom anrique que se chama rey de castella quando a agora a teve cercada com o sseu poder e lhe fezeram muytos dapnos e dezonras*» (9). Sabe «*que o termo da dita villa foy roubado e queimado gran parte e mortos muytos lavradores e roubados de gados e do quanto avyam*» (10).

Prossegue a guerra por outras vilas, outros lugares. A 10.7.1372, em S. Salvador de Tagilde, assina-se a aliança com o Duque de Lancastre (11). A época é dura, é difícil, agravada com o casamento de Dom Fernando com Dona Leonor Telles, com mais lutas, mais revoltas, a inutilizarem, a desfazerem todas as qualidades dum bom Rei. Nessa desolação a alastrar pela terra é com alegria que tornamos a ouvir, a 10.3.1376, mais uma vez esse nome tão suave: Maria Mendes Sarrazinha. Vive na vila. Era de 1414 (Cristo, 1376) a 10 de Março, na sua casa em Guimarães; a Afonso Martins, filho de Martim Gil e irmão do Cónego Vasco Martins, e a todos os seus sucessores, doa, com reserva do usufruto, a sua quinta e três casais de Sezim «*pel'as*

(8) João de Meyra, L.º citado na nota 6, p. 60.

O chefe dos sitiados era Gonçalo Paes de Meyra, alcaide-Mor do Castelo de Guimarães e do Castelo de Valença (nomeado em 1357 por D. Afonso IV, docs. pubs. no «*Vimaranis Monumenta Historica*», p. 405). Segundo os nobiliários foi bisavô de Brás Afonso de Meyra, que se distinguiu na Índia. Este é o 11.º avô, com uma quebra de varonia e duas legitimações, do Dr. João de Meyra. Ver meu artigo «João de Meyra, centenário de um vimaranense ilustre», in *Notícias de Guimarães*, de 31-7-1981.

(9) Carta de Privilégios concedidos à vila de Guimarães por El-Rei Dom Fernando em 1370, transcrita no «*Vimaranis Monumenta Historica*», p. 415.

(10) Idem.

(11) Sérgio da Silva Pinto — «*O primeiro tratado de aliança anglo-português — Tratado de Tagilde de 10 de Julho de 1372*», Braga, Bol. do Arq. Mun. 1949, I, pp. 347-363. Foi o 1.º a dar a conhecer o tratado e a publicar a transcrição paleográfica e a fotocópia do doc., que se encontra em Londres no Public Record Office, Arquivos do Ducado de Lancastre. V também P. E. Russel — «*The English Intervention in Spain and Portugal in time of Edward III and Richard II*», Oxford, 1955, pp. 557-561; Sérgio da Silva Pinto — «*Guimarães, Berço da Aliança*» (conf.) In «*Livro de Ouro do Centenário da Cidade de Guimarães*», Guimarães, 1954; «*600 Anos de Aliança Anglo-Portuguesa*», ed. do Governo Britânico e da British Broadcasting Corp., a acompanhar a Medalha Comemorativa deste tratado (1372-1972).

boas obras que delle recebeu e espera receber e por creança ⁽¹²⁾ *que lhe.fêz». São testemunhas: o tabelião João Afonso, o cônego Vasco Martins, o abade de Gondomar Gonçalo Fernandes, e Afonso Rodrigues Peixoto* ⁽¹³⁾. Ao doar ⁽¹⁴⁾ Sezim, em Santa Eulália de Nespeira, sai destas páginas, docemente, a pairar, quase como apareceu, Maria Mendes Sarrazinha.

Posse tomada a 26 de Março da mesma era ⁽¹⁵⁾ Afonso Martins, Senhor de Sezim, abre-nos, treze anos depois, as portas dum dos casais. A 6.9.1390 mostra-nos, com sua mulher Maria André, *«metade do Paço telhado, cortes de pedra, casa da eira, bacelos e vinhas»*. Estão contentes; ao Cabido pagam a renda de dez maravidis e um par de galinhas ⁽¹⁶⁾. O resto a quinta, a herdade, os mais casais em que moravam *«a pegar uns com os outros e com o monte dos Cavallos»*

(12) Creança neste texto, deve querer dizer: que o criou, educou, talvez mesmo tenha amamentado.

(13) Citado no meu *«Velhas Casas (V) — Casa de Pousada»*, nota 46.

(14) Perg.º do Arq. Part. da Casa de Sezim. (N.º 24 do L.º 1). O Abade de Tagilde ao catalogar esse arq. no tempo do 1.º Barão de Pombeiro fez o seg. extracto do doc.: «Traslado da doação da quinta de Sesim com as 3 casas que a esta pertencem, feita por Maria Mendes Sarrazinha, moradora em Guimarães, a Affonso Martins, filho de Martim Gil, e irmão do cônego Vasco Martins, e todos os sucessores, assim como os trazia d'esta emprazados Gonçalo Martins e mulher Domingas Gonçalves. Se elle morrer antes da doadora, voltam para esta. Fez-lhe a doação pelas boas obras que d'elle recebeu, espera receber e por creança que lhe fez. Com reserva do usufructo para ella. Feita a doação em Guimarães a 10 de Março da era de 1414 (Christo 1376) pello tabelião Vasco Martins, sendo testemunhas João Affonso, tabelião, Vasco Martins cônego; Gonçalo Fernandes, abbade de Gondomar; Affonso Rodrigues Peixoto. No verso do perg.º está escrito: «Doação de Martim Gill». O traslado foi passado a 4-5-1453 (Chr. 1415) pelo tab. João Annes por mandado de Afonso Lourenço, juiz de Guimarães, a requerimento de Afonso Martins, mor. em Sezim. Nas minhas *«Capelas Vinculadas»*, nota 22, dou a este doc. a data do traslado, dizendo erradamente que a doação foi feita por Martim Gil.

(15) O doc. da posse está incorporado no traslado acima.

(16) Enprazamento feito no coro da Igreja de S.ta Maria a 6.9. da Era de 1428 (Chr. 1390) Tab. Vasco Martins, Nota Antiga, L.º 5, fl. 3 v.º, Arq. Mun. A. Pimenta (1-2-3). Extracto pub. por Tagilde (v. nota 2), perg.º LXXXVIII, *«Revista de Guimarães»*, vol. XXVII. Lê-se no «Mostrador Grande», Arq. Mun. A. Pimenta (4-3-5); F. 29: «a q.ta de Cezim com seus privilégios com seus casais e dous privilégios... Foi emprazada por prazo fattozim a Affonso miz e sua m.er m.a André em 4 de Junho de 1448 no L.º 1 dos Pergaminhos a fl. 70 e Lançada no L.º 2.º dos Testamentos e doações a fl. 78 n.º 40 e antes deste prazo houve mais 2 de 3 vidas um feito a Martim Nog.ra e sua m.er M.a Dias com nome de herdamento de Cezim e outro com nome de Cazal de Cezim feito a Affonso Miz e m.er Maria André em 8.bro de 1428 no L.º 5.º dos pergaminhos fl. 3 v. a qual qt.a com suas pertenças foi reconhecida no Tombo... Folhas de Privilégios n.ºs 122-123. L.º delles p. 65».

é-lhes aforado para sempre, a 4.6.1410 «com tal preito e condiçam que os ditos Affonso Martins e sua mulher deçem e paagassem cada hum anno ao dito Cabido em pas e em salvo per a dita quinta e todas as outras suas herdades e outrosy pelfos ditos casais por todos juntamente ou por hu ante o dito Cabido quizer treze maravidis da dita moeda antiga... e mais hu par de galinhas cada hum per dia de Natal e sahindo deste mundo os ditos Afonso Martins e Maria Andre dahy em diante pagaram seus herdeiros e sucessores ao dito Cabido e por a dita quinta e herdades sobreditas desasseis maravidis para sempre...» (17). Quem serão seus herdeiros e sucessores?

Paremos alguns anos no côro, no claustro, na Capela de S. João da Igreja de Santa Maria de Guimarães. Vamos ver os pais, os conhecidos, e, principalmente, o irmão de Afonso Martins, o reverendo cônego Vasco Martins, Abade de Arões. Pela «Clasta de Santa Maria», a 16 de Outubro da Era de 1391 (1353) avançam os pais de Afonso e Vasco Martins: Martim Gil, de Guimarães, e sua mulher Aldonça Martins. Vão empraçar por três vidas umas casas na rua Felgueiras, entre «o eixido das casas do Mestre Escola de Lisboa e as casas dos gaffos». Pagarão 16 soldos de renda e lá vão com a testemunha: Diogo «homem de Martim Gil» (18). Anos antes, em 1348, um Martim Gil assiste às doações ao Mosteiro de S. Torcato (19). Pouco mais sabemos. A 21.10.1361, em casa do tabelião André Afonso, Fernão Annes,

(17) V. nota ant. Lê-se no L.º 2 de Testamentos e Doações, Arq. Mun. A. Pimenta (3-3-7), p. 78: «Contrato de aforamento perpétuo dos casais de Cizim em Nesp.ra 4.6. da era de 1448 na capella de Sanhoanne da Igreja de Santa Maria aforarão e derão para sempre a Affonso Martins Vieira e Maria André sua m.er ambos presentes o casal que dito Cabido ha em Cizim freiguezia de Santa Ovaya de Nespereira o qual he conjunto de cada parte com a quinta e herdade dos ditos Affonso Martins e sua mulher em que elles moravão no dito lugar de Cizim em que ora morava Diego Calheiras e pega com o casal e herdade do dito Affonso Martins e com o monte de Cavallos o qual hora rendia ao dito Cabido tres maravidis da dita moeda os quais casais lhes aforou o dito Cabido como dito he ... (v. texto). As tes.tas foram: João Domingues Papeiro, Pero Martins, que fora alcaide da vila, Gonçalo Anes de Novais e Gonçalo Annes, porteiro. O contrato foi feito por João Annes, Tab. d'el-Rei.

(18) Nota Antiga, L.º 1.º, fl. 36 v.º, Arq. Mun. A. Pimenta (1-2-3). O ext.º (nota 2) vem na «Revista de Guimarães», vol. XXIV, n.º 3 e 4, 1907.

(19) João Lopes de Faria — *Archivo da Collegiada de Guimarães* — Tombo dos Coutos in «Revista de Guimarães», vol. XXX, 1913. — 10.º. A 2.2. da era de 1387 Martim Gil é, entre outros, testemunha da doação do padroado das igrejas de S. Cosme da Lobeira e S. Romão de Rendufe feita a Lourenço Martins Prior e a seu convento o Mosteiro de S. Torcato. A 9.2 da mesma era testemunha uma doação idêntica mas só do padroado da igreja de Rendufe. Idem, n.º 11. A 14.3.1352 Martim Gil, juiz de Guimarães, profere umas sentenças — Nota antiga — L.º 1, fl. 29 v.º. Ext. na Rev., vol. XXIV, N.º 1.

vassalo d'el Rei, e mulher, Aldonça Martins, já partilham «os bens que ficaram por falecimento de Martim Gil» com Vasco Martins, a receber de tornas 140 libras de «dinheiros portugueses»⁽²⁰⁾. É tudo?

Na igreja de Santa Maria há gente, movimento, algazarra. Uma espreitadela ao côro: a 23.9.1391 Afonso Anes, mercador, perante Álvaro Gil, abade de Unhão⁽²¹⁾, e os irmãos Vasco Martins, abade de Arões, e Afonso Martins, renuncia «o prazo do Eixido que foi do Chapel, peliteiro que está a par da albergaria da rua dos gatos que chama de S. Domingos»⁽²²⁾. Uma olhadela ao claustro: madeirame, pedras, cal. Reforma-se a igreja em cumprimento do voto d'el Rei D. João I na bendita tarde de Aljubarrota. Trinta de Outubro de 1395: faz-se «o Estromento ã como se tomou a cruz aos frades de Sam Domingos por virem ãterar sã licença hua mulher e mandou rogar o Arcebispo»⁽²³⁾. Tantos cônegos, tanta gente. Entre eles, com júbilo, desco-

(20) Perg.º do Arq. Part. da Casa de Sezim (N.º 16 do L.º 1). aos l.os ficam a q.t.a de Pentieiros, o Lugar da Ribeira e a vinha de Golpilhões, e ao 2.º o lugar do Banhadeiro e a casa, lugar e vinhas de Vila Verde. Segundo Tagilde, Aldonça Martins é mãe de Vasco Martins e Fernão Anes seu 2.º marido. São estes que a 27.2.1362 emprazam o seu casal da Ribeira, em Creixomil. (Ver nota 28.)

(21) Citado no meu «*Velhas Casas, (V) Casa de Pousada*», p. 9, foi adm. do Morgadio de Pousada.

(22) A 23.9. da era de 1429 (Cristo 1391). Nota Antiga, L.º 5, fl. 9 v.º. Ext. DCXIV (v. nota 2) «*Rev. de Guimarães*», vol. XXVII, n.º 3 e 4, 1910.

(23) Nota Antiga, L.º 3, fl. 20, Arq. Mun. A. Pimenta. O ext. está na *Rev. de Guimarães* vol. XXVIII, n. 1, 1910. Levantou grande celeuma os frades de S. Domingos terem vindo sem licença enterrar uma mulher à Igreja de S.ta Maria. Tiraram-lhes os Cônegos a Cruz; queixam-se os frades ao Arcebispo: «que lhes tomaram hua Cruz ssem razom e ssem direito por a quall razom elles ffeserem saber ao arcebispo». Envia «mensagem» o Primaz das Hespanhas: «se a Cruz era dos Frades que mandava que lha dessem e se era «do dito Cabido q mandava e rrogava aos ditos... q da sua parte dissessem aos chantre e coonygos e Cabido da dita Eigreja q se a Cruz era delle dito arcebispo q mandava que lha dessem e q se sua era delles q lhes enviava rogar q lha dessem». Disseram os cônegos que a Cruz era deles, que lhes fôra tomada dentro da Igreja onde a traziam «levantada com o corpo de hua passada e disseram aos frades que por rogo e mandado do senhor arcebispo lha dariam como sua...». A Cruz é entregue aos Frades; «logo protestam q mjnguem alghunns capitees do pee da dita crus e pedia q lhos dessem e os ditos chantre e Coonigos disserom q nom sabiam delles parte nem os ouveram». Para fora da Capela Mor sai um frade com a Cruz a bradar «q a recebia com protestaçom». Estiveram presentes a este instrumento: o chantre, João Lourenço, os cônegos capelães da Igreja de S.ta M.ª: Vasco Martins, Afonso Esteves, João Gonçalves, Nicolau Afonso, Pero Silvestre, Gonçalo Penela, Gonçalo Anes de Évora, Afonso Lourenço, Estêvão Anes, Pero Nicolas, Gil Anes e Afonso Giraldes. Pelos frades: Frei Lourenço, doutor do mosteiro de S. Domingos desta vila, e Frei João da Teixeira, «procurador q se dizia do Priol e convento do dito mosteiro.» Foram tes.tas: Vasco Anes, da Adeganha; Gonçalo Anes Colete; João Afonso, abade de Freitas; Álvaro

brimos a João Garcia, «mestre da obra da Igreja de Santa Maria»⁽²⁴⁾ e a Afonso Vasques, filho do cónego Vasco Martins, abade de Arões.

«—*Rogo-lhe por mercê que passe*».

«—*Por nenhuma guisa o faço*».

Vasco Martins, abade de Arões, Vasco Martins abade da Castinheira, ambos cónegos na igreja de Santa Maria. Parados à porta, sem saber qual passará primeiro, em mesuras e arrecuas. «Prouve a Deus» juntá-los por muitos anos; a par andam nas escrituras, em prazos, nos pergaminhos. Ambos presenciam os emprazamentos de casas nas ruas Sapateira e S. Tiago, dos moínhos de Aldão, de terras em Azurém e

Roiz Carvalho; João Anes, abade de S. Payo; Afonso vasques f.º do Cónego Vasco Martins, João Garcia «mestre da obra da Igreja de Santa Maria da dita villa»; Pero Gonçalves do Tesouro e outros. O Tab. foi Vasco Gonçalves.

(24) Além do doc. citado, João Garcia aparece em mais 2 pergaminhos da Nota Antiga: a 28.6.1409 empraça-lhe o Cabido, e a sua m.er Constança Annes, um pardieiro à Torre Velha que fora de Martim Sem Sal com obrigação de construírem no tempo de dois anos «casa alçada com sobrado»; assistem Braz Esteves, Tesoureiro e Vasco Martins, abade da Castinheira (L.º 10, fl. 5. O ext. vem no vol. XXVII da «Revista»); a 4.3.1413 são-lhes emprazadas umas casas na Rua de Traspom com renda de 4 libras (L.º 6, fl. 3 Ext. vol. XXVII). Foi também tes.ta da conflituosa visita do Arcebispo Dom Martinho à Igreja de S.ta Maria: portas da Igreja fechadas para o Arcebispo não entrar, abrigado debaixo do Padrão. «João Garcia mestre da obra que presente estava foi por a outra parte por a porta descontra S. Braz a ver o dito priol e dizerlhe que viesse as ditas portas principaes...», in João-Lopes de Faria — «Santa Maria de Guimarães», *Revista de Guimarães*, vol. XXXI, p. 209. Constança Anes, viúva de João Garcia também aparece em alguns perg.os: a 22.8.1425 renuncia a umas casas na Rua de S.ta Maria (L.º 4, fl. 10. Ext.º vol. XXVII da «Revista»); a 29.6.1431 doa o direito que tinha no moinho da Bouça, em Silvares, a sua sobrinha Maria Gonçalves e marido Lopo Martins, alfaiate; as tes.tas são entre outros 2 costureiros de Afonso Gil, alfaiate (Perg.º CCXLIX do «*Catálogo dos Pergaminhos*», nota 3). A 5.12.1431 as casas «q soya trazer» são emprazadas a Joana Martins; foram tes.tas Afonso Vasques Peixoto e «Lopo Vaazquez criado do Conde» (Nota Antiga, DCLX do 6.º L.º, fl. 18; Ext. vol. XXVIII da «Revista»). Seu testamento Lopo Afonso, vassalo d'el Rei, escrivão das sisas, em 1449, cumpre um seu legado dando a terça parte dumas casas na Judiaria onde moravam Salomão Querido e David Ales, à Confraria do Serviço de Nossa Sr.ª (Perg.º CCLXXIV do «*Catálogo*»). João Garcia e m.er tiv. pelo menos 1 f.ª: Constança Anes, m.er de Vasco Afonso: a 20.6.1404 é-lhes emprazado por 25 maravidis de renda o lugar da Carraposa (Nota Ant., L.º 9, fl. 20 v.º, ext. no vol XXVIII da Rev.).

Fernando de Pamplona — «*Dicionário de Pintores e Escultores*», ed. dir. e pref. por R. Espírito Santo Silva, 1954, vol. II, pp. 115 a 117, refere como obras de João Garcia o claustro do Mosteiro de S. João de Alpendurada (1382) e a reconstrução da Colegiada de Guimarães; e como obras prováveis o 1.º túmulo d'el Rei D. Fernando e os dos mosteiros de Vila Boa do Bispo e Marco. A. L. de Carvalho — «*Os Mesteres de Guimarães*», vol. VII, pp.-58 e segs. dá-o também como autor dum chariz municipal em G.es (transcreve o contrato) pelo qual recebera em 1392 «Oitocentas libras da moeda que ora corre de dez soldos o real» e dumas casas ante a porta da Sinagoga, citadas a p. 39 do «Livro de Testamentos e Doações».

no julgado de Cabeceiras de Basto⁽²⁵⁾. Qual deles, a 26.6.1395, é nomeado prebendeiro, recebedor, procurador e administrador geral das rendas do Cabido por tempo de dois anos? Qual deles terá em paga, anualmente, a «sua ração de Conego e mais 50 libras»?⁽²⁶⁾. Qual deles é o testamenteiro do cónego Gil Eannes?⁽²⁷⁾. Cisma o abade de Arões nas lentas e avermelhadas águas do Rio de Couros, a entrarem na sua propriedade da Ribeira, em Creixomil⁽²⁸⁾, nas ruas, terras e becos citados em documentos por ele testemunhados de 1361 a 1426⁽²⁹⁾. Em igual número revolteiam os pergaminhos com a rubrica do abade da Castinheira⁽³⁰⁾.

(25) Nota Antiga, Arq. Mun. A. Pimenta (1-2-3). L.º 5, fl. 19 (a 14.11.1401); L.º 8, fl. 9 v.º (a 30.11.1403); L.º 5, fl. 18 (a 5.1.1402); L.º 10, fl. 6 (a 12.7.1409) e L.º 10, fl. 37 v.º (a 3.3.1414). Exts. na «*Revista de Guimarães*», vols. XXVII, XXVIII e XXIX.

(26) «Nomeação do prebendeiro e recebedor procurador e administrador geral das rendas do cabido feita por dous annos ao cónego Vaasco Martins assinando-lhe anualmente uma ração de cónego-e mais 50 libras», a 26.6.1395. Nota Antiga, L.º 5, fl. 6. Ext. do Abade de Tagilde, vol. XXVII da «*Revista de Guimarães*».

(27) Ver 23.1.1375 na Nota Antiga, L.º 3, p. 5. Ext. no vol. XXV da «*Revista de Guimarães*». No «Livro de Testamentos e Doações», vol. I, p. 31 v.º, Arq. Mun. A. Pimenta (3-3-6), o cónego Vasco Martins faz prazo dumas casas a um seu criado com obrigação de dar ao Cabido 1 maravidi e meio por 6 Missas oficiadas. O cónego Vasco Martins, da Colegiada, (qual deles?) é citado em quase todos os empraçamentos do L.º A-1-1-1 do Arq. Mun. A. Pimenta.

(28) Sentença do ouvidor de Guimarães, Martim Annes em lugar de Luís Thomaz annadel de besteiros, sobre a agoa do Rio de Couros que por traz da Rua de Gatos vae para a Qt.^a da Ribeira em Creixomil. Autor o cónego Vasco Martins, dono da Ribeira, réu Gil Pires, almuinheiro e besteiro, morador na rua de Gatos. Dada no paço do concelho a 27 de Julho da era de 1443 (Christo-1405), Tab. Vasco Gonçalves. Perg.º n.º 1 do Livro 1 dos Pergaminhos do Arq. Part. da Casa de Sezim. Esta q.ta da Ribeira tinha ficado em 1361 à mãe do cónego (v. nota 20). Metade tinha sido comprada a 13.4.1321 por João Soares e Margarida Luís (Perg.º n.º 23 do Arq. Part. de Sezim). A 27.2.1362 Fernão Anes, vassalo d'el Rei, e sua mulher Aldonça Martins (mãe do cónego) empraçam-na a Domingos Migueis pela renda de 18 maravidis, 2 pares de capões, 20 ovos e 2 feixes de palha. (Perg.º n.º 27 do mesmo Arq.) A q.ta seguiu na família; há testamentos dos caseiros.

(29) São: Rua S.ta Maria (26.8. era de 1450 em «Testamentos e Doações», vol I, p. 9, Arq. Mun. A. Pimenta (3-6-6). Na Nota Antiga além dos documentos já citados: a 17.3.1402 a Rua de S.ta Maria, L.º 8, fl. 2; ext. no vol. XXVIII da Rev. é o DCCCCLXVIII. A 3.11.1406 as casas, vinhas, chantados e devezas em S.ta Maria de Silves, L.º 9, fl. 9 v.º; ext. no vol. XXVIII é o DCCCXXXIII. A 10.10.1409 «na sacristia que está à porta do tesouro» a courela da vinha dos Pombaes, L.º 10, fl. 1, DCCCCLXXX do vol. XXVIII da Rev. A 15.11.1415 o Casal da Cancela, Corvite, L.º 6, fl. 1, ext. DCXIII no vol. XXVII. No perg.º CCXXIX do «*Catálogo*» (nota 3) outra vez a Rua de S.ta Maria, a 20.5.1426, no empraçamento perpétuo duma casa e adega «que chamam de Passadoyro».

(30) Além de outros já citados: Na «Nota Antiga» — 19.1.1397 emp. dumas

Com os dois abades passam muitos vultos no claustro da igreja de Santa Maria. De hábitos, de roupões debruados a peles, de opas cintilantes. Com armaduras, de calças soladas, de saial. Envolto em véus, tocados de linhos, cobertos de crepes. Lá vai um Vasco Martins: o tabelião de notas⁽³¹⁾. E ali, a fugir, outro Vasco Martins, filho do Mestre Escola, escorraçado, privado de todos os bens «*por andar em desserviço d'el Rei e do Reino*»⁽³²⁾. Surgem no canto Gonçalo Gomes, almoxarife, vassalo d'el Rei⁽³³⁾, Martim Sem Sal, homem de teres⁽³⁴⁾, Constança Annes, mulher e depois viúva de Mestre João Garcia. Ao correr dos arcos, frente aos altares, ajoelhados, o tesoureiro Braz Esteves⁽³⁵⁾, «*Johanne homem de D. Luis de Freitas priol da Igreja de Santa Maria*»⁽³⁶⁾, o «*vedor das obras do conde Dom Afonso de Bar-*

casas na Rua de S.ta M.ª, L.º 5, fl. 17. Ext. DXCIII do vol. XXVII da Rev.; 10.2.1402 emp. da vinha da Portela do Carvalho de Pero Chamiço, em Azurém, L.º 8, fl. 1; ext. DCCLXIV do vol. XXVIII. Em 25.2.1407 é-lhe emp. umas casas na Rua de S.ta M.ª com seu enxido, L.º 9, fl. 15, ext. DCCCLII do vol. XXVIII; 8.6.1415 emp. de casas na Rua dos Gatos, L.º 5, ext. DCXII no vol. XXVII. A 18.11.1424 emp. doutras casas na rua de S.ta Maria a confrontarem com as em que vive João Esteves, vedor das obras do Conde D. Afonso de Barcelos L.º 4.º, fl. 2, ext. CCCCLXXI do vol. XXVII. No «*Catálogo*»: CLXXXIX; a 1.6.1401 é testemunha duma composição entre partes adversas.

(31) Muitos docs. da — Nota Antiga — e no «*Catálogo de Pergaminhos*» levam a sua chancela.

(32) «CLXIV Carta de el Rei, dada no Porto a 11 de Junho da era de 1423, (Cristo 1385) passada por João Afonso, bacharel em degredos, doando ao chantre de Guimarães, João Lourenço, pelo muito serviço que fizera e ao reino, todos os bens que no termo de Guimarães e em outros possuía Vasco Martins filho do Mestre Escola, que andava em desserviço seu e do reino. Tem pendente, envolvido em bolsa de pergaminho, o selo régio, em cera, mas todo esmigalhado». Abade de Tagilde — «*Catálogo dos Pergaminhos*», p. 60, e Alfredo Pimenta — «*Cartas de Reis*», in «*Boletim de Trabalhos Históricos*», I vol. N.º 2, p. 4 onde está transcrita.

(33) É-lhe feito o emprazamento citado em 4.º lugar na nota 25; paga de renda 75 libras de dinheiros portugueses da moeda antiga.

(34) Era casado com Sancha Anes, morava à Torre Velha (Nota Ant.), L.º 1, 2 prazos a fl. 16 e 1.º perg.º da nota 24.-

(35) Citado no 2.º perg.º da nota 25.

(36) Id. Sobre D. Luís de Freitas lê-se em Manuel Alves de Oliveira — «*História da Real Colegiada de Guimarães*», Guimarães, 1978, p. 79: «...pois já em 1401 se faz referência ao seu sucessor, D. Rui Lourenço, que fôra Deão da Sé de Coimbra, licenciado em Degredos, e do desembargo do Rei D. João I.

Sem qualquer data ou indicação de posse, vem, a seguir, D. Luís de Freitas, antecessor que foi de D. Diogo Álvares de Brito, este apresentado por carta de D. João I, passada em Santarém a 3 de Janeiro de 1403...».

celos»⁽³⁷⁾. Cadenciadas ladaínhas dos clérigos a passarem; coloridos pendões das famílias que estiveram em Aljubarrota. Barulho das armas púlidas, a chocarem, a retinirem; sussuro dos passos das mancebas dos cónegos, a deslizarem, fugídias. O entrar, o sair, o mexer dos escudeiros, dos gafos, dos chantres, dos moços, dos grandes, dos humildes. Apetece-nos interrogá-los, pará-los no tempo. E João Garcia, (quem sabe?) com as suas mãos de artista, agarra um ao outro dos seus traços e no calcário os imortaliza, a emoldurarem o lindo e gótico janelão da igreja da Colegiada de Nossa Senhora.

Alguns documentos para a história de Afonso Vasques Peixoto. No primeiro, de 1395, já acima descrito, o que conseguimos ver? Filho do cónego Vasco Martins, abade de Arões, testemunha no claustro do pleito com os frades de S. Domingos: manhãs geladas, horas de vésperas, de matinas, de lóas, de longas rezas e compridas lições. A servir os Cónegos: levar-lhes as escudelas de fumegante sopa, apresentar-lhes as bacias de água-às-mãos, ajudar à Santa Missa. O exercitar nas armas, as correrias, os galopes. A dura escola dum menino a crescer sem mãe entre as pedras dum mosteiro, os graves sons da música sacra, o desfilar alegre das montarias.

Serviu o Rei? Um senhor, um fidalgo, um prelado? A quem acompanhou com «bons cavalos e armas»? Foi nobilitado por ser de linhagem ou da criação da fidalguia? É vassalo d'El-Rei pronto a cumprir as ordens de Dom João I, Rei de Portugal e dos Algarves, Senhor de Ceuta. Segura como os melhores, os de mais peso, a vara do Juízo, da Autoridade. Afonso Vasques Peixoto, homem feito, escudeiro, vassalo d'El-Rei, Juiz Ordinário da dita vila⁽³⁸⁾, confrade da Irmandade⁽³⁹⁾, e testemunha⁽⁴⁰⁾ a sentenciar a paz nas querelas de águas e caminhos⁽⁴¹⁾.

(37) V. nota 30. Nos perg.^{os} da «Nota Antiga», e no «*Catálogo de Pergaminhos*», etc., podemos ver toda a grandeza da Casa do Conde de Barcelos em Guimarães: aparecem vedores das obras, criados, escudeiros, clérigos, carneiros, tabelães, etc.

(38) Assim é citado a p. 153 (24.2.1430) no L.^o de Testamentos e Doações, vol. I (3-6-6), Arq. Mun. A. Pimenta, e na sentença que proferiu nos Paços do Concelho a 14.3.1441 julgando deserto o agravo interposto pelos réus contra uma sentença já proferida. A acção era do Prior de S. Torcato contra diversos lavradores que fazendo moinhos e prezas impediam a correnteza da água da foz do Rial e do Requeixo no Rio Selho. L.^o citado na nota 3 p. 93.

(39) Afonso Vasques Peixoto, Confrade da Confraria do Serviço de Santa Maria, é testemunha dum emprazamento perpétuo numa casa «sita dentro da cerca velha do Castelo na rua direita», a 10.2.1440. L.^o citado na nota anterior, p. 92.

(40) Testemunha no perg.^o citado em 4.^o lugar na nota 24.

(41) Afonso Vasques Peixoto e Bartolomeu Afonso, Juizes de Guimarães,

Ao chegar à Praça Maior, acabada a rua de Santa Maria, ficava a sua casa. Pegava com «*as que confrontam com a Praça e Alpendre das Teigas e ruas publicas de Vasco do Souto e da Via Sacra*»⁽⁴²⁾. Abrigados pela alpendrada mediam os mercadores os cereais; além ainda se remexiam as cinzas das casas da Rua Sapateira, lambidas pelo fogo⁽⁴³⁾. Tocavam os sinos. Destes documentos é tudo quanto conseguimos saber sobre a vida de Afonso Vasques Peixoto, instituidor do vínculo de Sezim.

O escuro da noite é, por vezes, alumiado por um estrelajar de foguetes. Vêem-se cores, desenhos, muita luz. Depois é o silêncio; mas já se notaram com esplendor vistosos contornos. Quase no fim da vida de Afonso Vasques Peixoto, também assistimos a uma luz a dar-nos pormenores, detalhes que não vimos no seu decorrer; as páginas do seu testamento⁽⁴⁴⁾.

Encomenda a alma a «*Deos Padre meo Senhor que a creou no corpo de minha mãe*», roga a «*Virgem Santa Maria sua Madre queira com todollos Santos e Santas da glória do Paraizo*», dar-lhe o perdão de seus pecados. Escolhe para repouso do seu corpo o «moimento» no

proferem a 17.11.1442 a 2.^a sentença sobre uma sebe feita junto ao rego que do Real conduzia a água para S. Torcato, e que fora mandado derruir. Perg.^o CXCIX do L.^o citado na nota 3.

(42) Emp.^o a 16.9.1449. Escrito por João Vasques, vassalo d'el Rey público tabelião de Guimarães por D. Afonso, duque de Bragança, conde de Barcelos, Senhor da villa de Guimarães, f.^o do muito virtuoso e vitorioso Senhor Rey Dom Joham de clara memória». Nota Antiga, L.^o 7, fl. 9. Ext. no vol. XXVIII da «*Rev. de Ges.*, N.^o 1 e 2. Já depois de sua morte, a 17.9.1462, são emprazadas as casas onde vivera; escrito pelo mesmo João Vasques «tabelião por Dom Fernando, primogénito, herdeiro do Duque de Bragança, Marquês e Conde de...». Nota Antiga, L.^o 12, fl. 16. MCXXIV ext. na «*Rev. de Guimarães*», vol. XXIX, N.^o 3.

(43) A 18.11.1446 são «emprazados um allope na rua Çapateira que agora ardeu junto com a torre de M.^a Glz». Nota Ant.^a, L.^o 11, fl. 24 v.^o, MXXXI, ext. na *Rev. de Guimarães*, vol. XXIX, N.^o 2 e a 9.1.1450 «um chão e pardieiro dumas casas e outro chão que foram casas e são pardieiros em rasão da queima que ardeu a dita rua», MXXXIII, idem, fl. 25. Ext. id.

(44) Perg.^o n.^o 19 do L.^o 1 dos Perg.^o do Arq. Part. de Sezim. O test.^o foi feito em Sezim «ante a porta da adega da dita quinta», a 28.4.1451 (Cristo). Escrito por Vasco Afonso, Tab. d'el Rei, cerrado e selado com esta tinta preta e cera branca». Foram tes.tas Afonso Martins de Freitas, Afonso Anes criado e caseiro de Afonso Vasques Peixoto, Pero Moreno, Gonçalo Martins, João Dias e Afonso Anes f.^o de João Afonso da freg.^a de Nespereira. Os testamenteiros foram o cônego Nicolau Anes e Afonso Martins de Freitas, sobrinho e herd.^o do testador.

cemitério de Santa Maria⁽⁴⁵⁾ onde jaz sua mulher Joana Gonçalves⁽⁴⁶⁾. Mais uma vez enche-se o claustro de clérigos e frades: vêm de S. Domingos, chegam de S. Francisco. Ouve-se o lamuriar, o carpir gritante dos parentes, da vizinhança. É uma procissão de gestos teatrais a arrancarem os cabelos e barbas, de capuzes de dó a taparem as vestes. Vão também as obradas, as «costumadas»⁽⁴⁷⁾, para se distribuírem pelas igrejas e conventos, a reconfortarem os vivos nas suas rezas e prantos. Sucedem-se as missas, as vigílias, os salmos⁽⁴⁸⁾.

Afonso Vasques Peixoto foi senhor do lugar e quinta de Sezim, em Santa Eulália de Nespereira, herdade onde vivia «*ao fazer sua postumeira e ultima vontade*»; da quinta da Ribeira, em Creixomil, «cerca da Porcarixa»⁽⁴⁹⁾; dos lugares «em a Lama de Teive e das Pias em Corvite»; duma propriedade em S. Lourenço de Calvos e de outra

(45) Nessa data o cemitério era no claustro da Ig.^a de S.ta Maria.

(46) Por os herd.os de Afonso Vasques Peixoto terem sido seus sobrinhos, julgo que se teve f.^{os} não lhe sobreviveram. É possível que Joana Gonçalves fosse viúva ao casar com o sr. de Sezim. Diz uma verba do test.^o: «... e também uma cadeia de prata com a... que peza 14 onças, mando que a dêem a Leonor Vasques, neta de Joana Gonçalves». Será a mesma?

(47) Ordena 12 obradas no dia do seu enterro: 5 para S.ta M.^a, 2 p.^a S. D.os, 2 p.^a S. Francisco, 1 p.^a S. Paio, 1 p.^a S. Tiago e outra p.^a S.ta Margarida; não especifica em que consistiam.

(48) Diz p.^a no dia do seu enterro virem os clérigos da ig.^a de S.ta M.^a a receberem 100 reis cada um por missa e vigília, os frades de S. Domingos e de S. Francisco por 40 reis cada e «digam Missa e vigília» e os clérigos do coro pelo mesmo. Ordena as mesmas Missas e vigílias ao 9.^o dia, mês e ano. Na instituição do vínculo ordena aos sucessores que mandem dizer em cada hum anno na Ig.^a de S.ta Maria pelos dias e festas mais principais de S.ta Maria pela sua alma e daquelas que é obrigado 6 Missas cantadas e no fim da cada Missa irem sobre o seu túmulo fazerem oração com água benta e isto «sempre pela dita quintam» fora as outras obrigações deixadas com os legados.

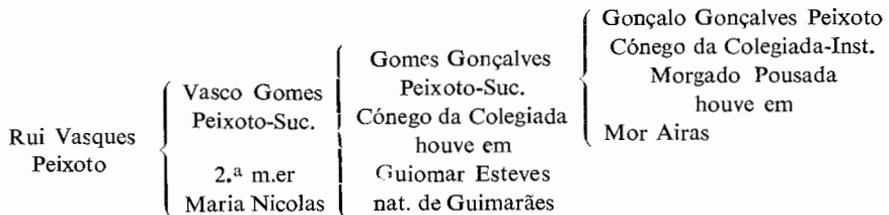
(49) V. notas 20 e 28. O caseiro da q.ta chamava-se João Martins, pagava 300 e tantos reis, 2 feixes de palha e um par de galinhas de renda. O herd.^o desta q.ta foi seu sobrinho Fernão Martins de Freitas, com obrigação de mandar rezar anualmente 3 Missas em S.ta M.^a, uma em S.ta M.^a de Janeiro, outra por S.ta Maria de Agosto, e outra por Todos os Santos, com a condição de se não tiver descendência a q.ta ir para o parente mais chegado na linha de Afonso Vasques Peixoto.

Fernão Martins de Freitas foi escudeiro e era irmão de Afonso Martins de Freitas; não sei se teve geração. A 14.12.1470, sendo m.or na Q.ta de Riba d'Ave, vende metade dumas casas na Judiaria a confrontarem com casas de judeus e com a viela que vai p.^a o Forno de Rui de Castro por 3 mil reais brancos a Mosse de Lamego, judeu. O traslado é feito a 23.9.1474 por ordem do juiz ordinário de G.es pelo duque «Joham alvares, escudeiro creado do snr. conde estabre», pelo Tab. Nuno de Vargas. Perg.^o 4 do L.^o 2 dos Perg.^{os} do Arq. Part. da Casa de Sezim. O Abade de Tagilde cita Fernão Martins de Freitas no seu trabalho, mas não dá mais notícias.

em S. Pedro de Abação⁽⁵⁰⁾. Teve também a Trofa, com suas devesas e chantados «que jaz em Brito»⁽⁵¹⁾, e bastantes objectos a provarem ainda mais a sua abastança, uns em sua casa, outros a penhor. O relicário de ouro com muitas relíquias, a taça grande de bastiais, a bacia e o «pexel» de prata, a salvinha de 4 onças. O colar esmaltado, os muitos botões e a cadeia de prata. Os santos em pedra, as alfaias da casa, os pratos de estanho, as Armas, as 2 colheres de prata. Detenhamo-nos a olhar o seu leito, o único movel mencionado na manda além da «redondela de ter vinho»: é macio, alto, fofo. Tem 4 cocedras de penas veiros, um quente almadraque do mesmo⁽⁵²⁾ e dois de lã; duas fronhas e travesseiros lavrados, o travesseiro grande de pena. É o único conforto na sua vida austera de escudeiro na era de qua-

(50) As propriedades em Corvite e em Calvos ficaram para seu principal herdeiro, o seu sobrinho Afonso Martins de Freitas e seus sucessores com obrigação de darem anualmente à Confraria do Serviço de S.ta Maria 2 maravidis de boa moeda p.^a a Confraria mandar dizer 1 Missa cantada no 1.º dia da quaresma. Verba trasladada a 3.1.1452, v. «*Catálogo de Pergaminhos*» (nota 3). O lugar de Abação ficou para a ig.^a de S. Romão de Arões «donde meo padre foi Abbade e que pella sua alma e pella minha digam cada anno na dita Igreja uma Missa em dia de S. Romão».

(51) Pagava por ano 16 alqueires de milho e de centeio. Deixou-a a seu parente Rui Vasques Peixoto com a condição de mandar rezar anualmente 1 Missa em S. Francisco em honra de S.to Ildefonso. Rui Vasques Peixoto, escudeiro do Duque foi Sr. do Mor.^o de Pousada. V. o meu «*Casa de Pousada*», *Velhas Casas*, (V), pp. 11 a 18. Eis a sua árvore:



Pensamos nesta altura do trabalho que a mãe de Afonso Vasques Peixoto fosse uma senhora da Casa de Pousada, pois, pelo pai, não vemos parentesco com Rui Vasques Peixoto.

(52) Cocedra = colchão.

Penas Veiras = Peles de esquilo avermelhadas por terem sido caçadas durante o verão.

Almadraque = almofada grande cheia de plumas, ou, se mais modesta, de lã. Também quer dizer colchão. Significados tirados de A. H. de Oliveira Marques — «*A Sociedade Medieval Portuguesa*», 4.^a ed., 1981. Moraes no «*Dicionário*» diz que cocedra é também um cobertor acolchoado.

trocentos a vestir «balandrau de pano preto de olanda forrado a olanda branca», capelos de bom pano, calças, manto de Arbim azul sem contar a «roupa de cotio»⁽⁵³⁾.

Declara ser filho do abade de Arões e parente de Rui Vasques Peixoto, senhor da Casa de Pousada⁽⁵⁴⁾. Deixa a sua propriedade da Ribeira a seu sobrinho Fernão Martins de Freitas⁽⁵⁵⁾, cita cônegos, escudeiros, criados⁽⁵⁶⁾. Faz «*pura doação para sempre a Affonso Martins de Freitas meu sobrinho do meu lugar e quinta de Sezim que jaz na freguesia de Nespereira da dita villa em o qual lugar ora eu estou assim pela guiza que ora eu as tenho por minha herdade que elle dito Affonso Martins haja para sempre e faça dellas o que quizer e por bem tiver como cousa sua própria e a hora da minha morte possa logo tomar da dita quinta posse e haja como dito é e com tal condição que o dito Affonso Martins ou seus herdeiros mandem dizer em cada hum anno na dita Igreja de Santa Maria pellos dias e festas mais principais de Santa Maria pella alma de Affonso Vasquez (a sua própria) e daquelles que sou teudo e obrigado 6 missas cantadas e cada missa vão sobre elle (o seu túmulo) fazer oração com água benta e que isto sempre pella dita quinta...*». Instituído o vínculo de Sezim seguimos então com seu primeiro administrador, Afonso Martins de Freitas, sobrinho e herdeiro de Afonso Vasques Peixoto.

«Veem da linha de Martim de Freitas Alcaide de Coimbra no tempo de Dom Sancho II», rezam os nobiliários, as crónicas, as genealogias escritas passado séculos, em letras quase desenhadas. O feito de Martim de Freitas, embora não documentado, vai alumiar através

(53) O balandrau era um manto muito amplo, com mangas. Capelo, uma capa pequena com capuz mais ou menos complicado. Tanto a «olanda» como o «arbim» eram tecidos usados na época. Roupas de cotio era a mais grosseira.

(54) V. nota 51.

(55) V. nota 49.

(56) Personagens citados no seu testamento: sua falecida mulher Joana Gonçalves; Martim Afonso de Miranda e sua m.er (ou se trata do 2.º Morgado de Patameira ou de um dos seus dois netos com o mesmo nome), anteriores possuidores do relicário e do colar esmaltado; o Prior do Souto, Álvaro Vasques; Frei João Velho; Isac Rei, judeu; Martim Esteves Barbato, escudeiro, cunhado de Rui Vasques Peixoto (v. o meu «*Casa de Pousada*», p. 12); Luís Anes Vogado, Tab. do Duque de Bragança; Rui Vasques Peixoto (nota 51); Leonor Vasques, neta de Joana Gonçalves; Lopo de Castro, escudeiro, vassalo d'el-Rei, juiz ordinário de Guimarães pelo Duque, x com Constança Vasques viúva de Rodrigo Annes, tab.; Afonso Martins de Freitas e Fernão Martins de Freitas, sobrinhos; Álvaro Vasques, seu criado; o testamenteiro e testemunhas.

das gerações o simbolismo da lealdade portuguesa. As campanhas de Dom Sancho II, a conquistar aos mouros o Baixo Alentejo, a agarrar o primeiro pedaço do Reino dos Algarves, fizeram cair, abandonada, a administração pública. Roubos, saques, abusos, assim se desenrolava a vida em Portugal desde 1242: fervilhavam as intrigas na Côrte. Intromete-se a Igreja e o Papado. D. Afonso, Conde de Bolonha, volta de França com o apoio do Papa, do alto clero, da nobreza, para depor o Rei seu irmão, Dom Sancho II. Há guerra, logo perdida por Dom Sancho; refugiado em Toledo, ali morre em 1248. Três vezes levantam-se pelo Rei deposto: Óbidos, Celorico e Coimbra. O primeiro não resiste ao cêrco, Celorico aguenta mais. Coimbra, pela mão de Martim de Freitas entra na História e na lenda. Jaz em Toledo o cadáver real. Depois de longa jornada ali chega o Alcaide de Coimbra. Ajoelha. Ao régio morto, a quem prestara juramento, devolve as chaves do Castelo que o Rei lhe confiára. Aguarda uns minutos. Depois, das mãos sem vida retira as chaves, pronto a regressar a Portugal e a depô-las ante o novo monarca El-Rei Dom Afonso III.

Se tal pudesse acontecer poríamos o Infante Dom Pedro, Conde de Barcelos (fal. em 1354), compilador do «*Nobiliário*», a João Baptista Lavanha (morreu em 1625), anotador do mesmo, a Salazar y Castro († em 1734), e a Felgueiras Gayo (fal. em 1831) e muitos outros memorialistas e linhagistas, de várias épocas, a discutirem uns com os outros a ascendência de Martim de Freitas. Fazem-no proceder em linha recta de Gonçalo Ouveques, fundador do Mosteiro de Cete, pai de Diogo Gonçalves de Urro, caído na Batalha de Ourique, e avô de João Dias de Freitas, o primeiro a usar o apelido Freitas por residir nessa freguesia. Uns dizem-no filho de Estevão de Freitas, o «*Maladante*», partidário de Afonso Sanches, o bastardo d'el Rei Dom Diniz; outros de Eulália de Freitas e seu marido Duarte Puim, outros... E ainda mais se confundiriam suas vozes, ao dizerem se os Freitas em Guimarães no tempo de Dom João I, têm ou não a Martim de Freitas por seu antepassado, ou se descendem ou não dalgum ramo colateral.

— «No meu «*Nobiliário*» em título de Freitas, ponho as duas hipóteses», diria Gayo na sua incerteza. — «Neste manuscrito, assevero que Martim de Freitas é seu avoengo», falaria um anónimo⁽⁵⁷⁾. Surgiriam alvitres, nasceriam pareceres, estalaria a discussão. Não os

(57) Felgueiras Gayo no «*Nobiliário*», vol. XIV, t.t.º de Freitas, § 1.º diz que Afonso de Freitas (no texto) é 4.º ou 6.º neto de Martim de Freitas, o alcaide de Coimbra, e f.º de Álvaro de Freitas, o que mandou fazer a capela de S. Braz. No

contrariamos, não os seguimos. Mostramos apenas o que sabemos dos Freitas em Guimarães, nos séculos XIV e XV, o que faziam, o que eram realmente.

Álvaro Gonçalves de Freitas, vassalo d'El-Rei, almoxarife em Guimarães⁽⁵⁸⁾, vedor da Fazenda de D. João I⁽⁵⁹⁾, Juiz em Guimarães⁽⁶⁰⁾, instituidor do vínculo e capela de S. Braz nos claustros da igreja de Santa Maria⁽⁶¹⁾, tem sido tratado em vários nobiliários e

§ 2 diz que o mesmo Afonso de Freitas é f.º de Diogo Glz de Freitas (que também dá como irmão de Álvaro de Freitas, acima, que aparece com dois pais) é neto de Gonçalo Martins de Freitas, descendente do pai ou bisavô de Martim de Freitas. A confusão é grande. No «Título de Cardozo que por direita varonia pertenssem Manuel de Freitas do Amaral da Villa de G.es» (M. do Arq. da Casa de Pindella) faz o anónimo autor a seguinte dedução genealógica: D. Gonçalo Ouveques, fund.º do Mosteiro de Cete, Cav.º no tempo do Conde D. Henrique e de D. Afonso Henriques teve a Diogo Gonçalves de Urro, q. morreu na Batalha de Ourique e foi pai de D. João Dias de Freitas, o 1.º a usar esse apelido por viver na freg.ª de Freitas, contemporâneo de D. Afonso Henriques e D. Sancho I. João Dias teve a Estêvão Anes de Freitas, pai de Martim de Freitas que foi pai de Estêvão de Freitas, o «Maladante», alcaide do castelo de Lagalta, que entregou a D. Afonso Sanches, e teve o grande Martim de Freitas, alcaide de Coimbra, fiel a D. Afonso II. Este foi pai de Estêvão de Freitas, vassalo d'el Rei D. Dinis, que teve Fernão de Freitas, escudeiro de D. Afonso IV, o qual teve a Álvaro de Freitas, pai de Afonso de Freitas, no texto. Pelo menos cronologicamente há uma certa confusão.

(58) Como vassalo d'el Rei e almoxarife de Guimarães é tratado a 13.2.1399 num emprazamento que lhe fazem, a ele e sua m.er Beringeira Gil, os padres coreiros dumas casas na «Rua de Dona Nais». Perg.º CLXXXV do «*Catálogo de Pergaminhos*» (nota 3), p. 70. Numa pública-forma de emprazamento, a 20.9.1392, que lhe faz o cabido a ele e sua m.er «Beringeira Gil que fôra casada com Vasco Domingues de quem não tivera geração», vêm como vassalo d'el Rei, e criado do mesmo Senhor. Fala também nos serviços que prestou à igreja de S.ta Maria «tratando alguns veitos d'ella», e nos legados de seus sogros, o cônego Gil Annes e sua amiga Maria de Sousa. Perg.º CLXXVIII do L.º acima citado, p. 67.

(59) Assim aparece, e já viúvo, ao fazer um emprazamento a 24.5.1416. Perg.º CCVI do L.º citado na nota anterior, p. 76, e no treslado do seu testamento. Alfredo Pimenta em «*Cartas de Reis*» in «*Boletim de Trabalhos Históricos*», vol. II, n.º 1- p. 25 publica uma carta de D. João I, escrita no Mosteiro de Paço de Sousa ao Prior e cabido da ig. de S.ta Maria em que diz: «q por razom de huua vinha q. esta a par do moesteiro de sam francisquo dessa villa nos falamos aco co alvaro gonçalvez de freitas veedor da nossa fazenda alguuas cousas q. vos da nossa parte q. som nosso serviço e vossa prol E porem vos Rogamos q o credes de todo aquello q vos sobreello disser da nossa parte...» com o mesmo cargo e morador da casa do Rei a receber 7000 libras é citado em Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, II vol., p. 40.

(60) Foi-o em 1390, DLXVII do L.º 5 da Nota Antiga, f. 10 ext. na «*Revista de Guimarães*», vol XXVII, N.ºs 3 e 4.

(61) No seu testamento, feito em Lisboa a 22.10.1419, manda fazer a capela de S. Braz, no claustro da igreja de S.ta M.ª, e que nela o enterrassem vindo buscar

estudos ⁽⁶²⁾. Casado com Beringeira Gil, viúva de Vasco Domingues, mercador e almoxarife ⁽⁶³⁾, e filha do cónego Gil Eanes e de «sua manceba Maria de Sousa» ⁽⁶⁴⁾, dela não tem geração. Manda erguer depois da sua morte a capela de S. Braz, abóbada de ogiva de quatro braços, «as misulas figuradas de curiosos grotescos» ⁽⁶⁵⁾, pintada ⁽⁶⁶⁾, para a qual ordena «*que quatem boos pedreiros e boo pyntor que saibam bem obrar todo e que se nom perca o que se hy despende*». Abandono-o por agora no seu armoriado túmulo de granito, onde jaz sua ossada, vinda de Santarém ⁽⁶⁷⁾, jacente, a repousar num disforme cão. E acrescento mais Freitas do Guimarães de então: seu

o seu corpo a Santarém onde residia, ao fazer um ano depois da sua morte. V. as verbas testamentárias no «*Catálogo dos Pergaminhos*», p. 96 e 99. Não deixou filhos e nomeou em seu cunhado (casado com a sua irmã Leonor Gonçalves), Diogo Martins, almoxarife em Guimarães entre outros «cumpridores» de seu testamento, encarregado das obras da capela. O testamento de Diogo Martins vem no mesmo «*Catálogo*», p. 100.

⁽⁶²⁾ A pessoa de Álvaro Gonçalves de Freitas tem sido tratada em vários nobiliários e estudos. Diz Gaio no «*Nobiliário*», tomo de Freitas, que foi vedor e testamenteiro d'el Rei D. João I, que lhe deu em 1389 as casas de Requião, e que foi sr., por compra em 1400 às freiras de Arouca, da q.ta de Agrelas e da honra de Guminhães e Caldas de Vizela, que repartiu em 1402 com Gonçalo Martins de Carvalho, sr. da mesma honra, os casais que a ambos pertenciam. Mais documentado, o abade de Tagilde, ao tratar do vínculo de S. Braz nos «Apontamentos para a História de Guimarães», in «*Revista de Guimarães*», vol. XXIV confirma-lhe os cargos, o casamento, a linha de sucessão nos sobrinhos e transcreve o seu testamento. Em 1960 a então directora do Museu Alberto Sampaio, D. Maria Emília do Amaral Teixeira em «Aspectos do claustro do Museu Regional de Alberto Sampaio», in «*Revista de Guimarães*», vol. XXL, descreve a capela, a sua abóbada de ogiva de quatro braços, «misulas figuradas de curiosos grotescos», e lembra os frescos das suas paredes já citados por Alfredo Guimarães no «*Mobiliário Artístico Português*», vol. II. Meticulosamente, Vaz Osório da Nóbrega em «*Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga*», Vol. VII, Tomo I, pp. 32 a 38, ao tratar das armas do túmulo de Álvaro Gonçalves de Freitas, traslada toda a documentação. Eu própria, nas «*Capelas Vinculadas*», andei a pesquisar a capela e seus senhores.

⁽⁶³⁾ A 25.4.1382 Vasco Domingues, mercador, como testamenteiro de sua sogra Maria de Sousa, «manceba que foi do cónego Gil Eannes, passa uma proc.^o» Perg.^o CLXI do «*Catálogo de Pergaminhos*», p. 59.

⁽⁶⁴⁾ Maria de Sousa faz aos clérigos do coro a doação da pensão anual de 20 soldos, Perg.^o CLVII do Catálogo acima citado, p. 58, e no seu testamento (doc. da nota ant.) doa o lugar da Curveira, em Silvares, onde impõe, a favor dos mesmos, três libras, perpetuamente.

⁽⁶⁵⁾ Maria Emília do Amaral Teixeira — obra citada na nota 62.

⁽⁶⁶⁾ Os frescos nas paredes ainda foram vistos por Alfredo Guimarães, que os cita no «*Mobiliário Artístico Português*».

⁽⁶⁷⁾ Verba do seu testamento.

primo João Rodrigues de Freitas, morador na Costa em 1415⁽⁶⁸⁾, Martim Fernandes de Freitas «q soya viver na rua de Santa Maria»⁽⁶⁹⁾, senhor das Caldas de Vizela, segundo Gayo⁽⁷⁰⁾, Paio Rodrigues de Freitas, um dos heróis do cerco a Guimarães⁽⁷¹⁾, Álvaro Pires de Freitas, tesoureiro da Colegiada, criado d'El-Rei⁽⁷²⁾, Nicolau de Freitas, abade de S. João das Caldas⁽⁷³⁾, outro do mesmo nome, tabelião⁽⁷⁴⁾, Gil de Freitas, escudeiro do Prior⁽⁷⁵⁾ e Gonçalo de Freitas «çapateiro do Conde Dom Afonso»⁽⁷⁶⁾. E há também Afonso de Freitas, com quem seguimos.

(68) É parente de Álvaro Gonçalves de Freitas e um dos que, a seu rogo, recebe o encargo de ir a Santarém pela sua ossada (1419). Era escudeiro, a 24.11.1415, e é testemunha na compra duma q.ta em Vale do Bouro; os compradores foram Diogo Martins e sua m.er Leonor Gonçalves (nota 61); morava então na freg.^a da Costa, lugar da Azenha. Perg.^o n.º 10 do Arq. Part. da Casa de Sezim.

(69) A 19.1.1397 «trazia uma casa» na Rua de S.ta Maria. DXCIII da Nota Antiga, L.º 5, fl. 17, Ext.º na «*Revista de Guimarães*», vol. XXVII, n.ºs 3 e 4.

(70) Diz Gayo no tomo de Freitas § 26 que foi «Anadel Mor do Rey D. João I dos seus besteiros e lhe confirmou a honra e terra de Bem Viver no ano de 1383 e lhe deo mais o lugar de Caldas de Vizela da Adega de Saa e Prestimo de Bestello e da Quinta da Teixeira e os casaes de Barcada, tudo no dito anno, e no anno de 1392 lhe deu a Alcaidaria-Mor do Castello de Trancozo...». Segundo a mesma fonte era bisneto de Estêvão de Freitas, o «Maladante».

(71) Fernão Lopes — na «*Crónica del Rey D. João I de boa memória*», II vol., ed. da Imprensa Nacional, MCMLXXVII, pp. 20 a 22, conta os seus feitos, juntamente com os de seu cunhado Afonso Lourenço de Carvalho, (casado com uma sua irmã), na tomada de Guimarães por D. João I em 1385. Em Gayo, em tit.º de Freitas, § 35, vem como neto do Martim de Freitas que no § 2 dá como avô de Alvaro Gonçalves de Freitas.

(72) Deve ser mais novo que os outros. Entre 1450 e 1454 aparece em vários documentos como criado d'el Rei e Tesoureiro da Colegiada «*Catálogo dos Pergaminhos*» (nota 3). Nos «Elementos para um Catálogo dos Chantres, Tesoueiros Mestres-Escolas, Arciprestes, Arcediagos, Magistrais, Cónegos Prebendados e Meios-Prebendados da Colegiada de Guimarães», publicados por Rodrigo Pimenta, no «*Boletim de Trabalhos Históricos*», vol. VII, vem que foi Tesoureiro em 1451, 1455 p.^a 1456, 1470, 1474, 1479 p.^a 1480 e 1481 p.^a 1482.

(73) O seu nome aparece em emprazamentos de 1399, 1401 e 1424. «*Catálogo de Pergaminhos*», pp. 70, 72 e 80.

(74) Escreve, além de outros documentos, muitos no «*Catálogo de Pergaminhos*» de 1411 a 1430.

(75) Em 3.5.1485, Perg.^o CXI do «*Catálogo de Pergaminhos*», onde manda trasladar um doc. de 10.10.1336; a 27.7. do mesmo ano profere uma sentença, Perg.^o CCCXXX, idem.

(76) A 4.11.1426 é trasladada uma cláusula de seu testamento. Perg.^o CCXX do L.º citado, notas anteriores, p. 80. Teve, pelo menos, 1 f.^a, mãe de Gil de Freitas, escudeiro do Prior Afonso Gomes (1460), Perg.^o CCXVIII, mesmo L.º, p. 105.

A 5.8.1380, em Guimarães, vão-se eleger os procuradores da vila para jurarem a sucessão do Reino. No concelho toma também assento Afonso de Freitas, Juiz da vila⁽⁷⁷⁾. Nada sabemos sobre o seu parentesco com os outros Freitas aqui tratados. Vêmo-lo também a 5.9.1382: «*num campo sito na rua de Mercadores em que houve casas que arderam com mais outras quando ora aqui fora a queima em esta villa*»⁽⁷⁸⁾. O vento empurrara as chamas: o colmo, a palha, as casas, tudo ardera. No rescaldo das labaredas Afonso de Freitas, mercador, e sua mulher Maria Martins, vão edificar, à sua custa; pagarão de foro à Casa de Santa Luzia e a «Madanella» da Igreja de S. Tiago 5 maravidis velhos⁽⁷⁹⁾. Deixá-los levantar as suas casas. Vamos falar do vínculo da Casa Nova, herdado por Maria Martins de seu pai, Martim Lourenço.

O vínculo da Casa Nova, pequeno casal na freguesia de Santa Maria de Oliveira, em Cabeceiras de Basto, foi, e muito bem, já estudado pelo Abade de Tagilde⁽⁸⁰⁾. Às suas páginas vamos buscar o cónego Gomes Lourenço, os seus bens a darem origem ao morgadio no testamento que fez a 5.2.1354⁽⁸¹⁾. E também os seus herdeiros e testamenteiros Martim Lourenço e João Lourenço, irmãos e cirurgiões a viverem em Guimarães. De porta em porta, entre chagas e miséria, primeiro ambos, depois só Martim Lourenço e seu «quelérigo»⁽⁸²⁾ ouvem o murmúrio das derradeiras vontades dos moribundos, sangram e administram os últimos sacramentos⁽⁸³⁾. Lembramos aqui todo o estranho sortilégio da medicina de então: as «intervenções benéficas ou mortais», a magia, a superstição, o estudo das estrelas,

(77) Manuel Alves de Oliveira — «O concelho» de Riba de Vizela e a crise nacional dos fins do século XIV» ao transcrever parte dum doc. existente no Archivo General de Simancas, Patronato Real leg. 37, f. 48.

(78) Desconheço a origem deste incêndio.

(79) Perg.^o CLXII do «Catálogo dos Pergaminhos», p. 60.

(80) Abade de Tagilde — «Apontamentos para a História de Guimarães — Vínculo da Casa Nova», in «Revista de Guimarães», vol. XXIV, n.^{os} 3-4.

(81) In obra acima citada.

(82) A 19.11.1353 na doação feita ao Cabido pelo cirurgião João Lourenço e m.er Maria Peres de toda a Herdade que fôra de Maria Dias, sita na freg.^a de S. Nicolau de Cabeceiras de Basto, S.to André e S. Paio de Painzela, é test.^a Lourenço Dominguz, «quelérigo de Martim Lourenço çolorgiam», Nota Ant.^a, L.^o 1, fl. 38. Ext. na «Rev. de Guimarães», CLXXXVIII, vol. XXIV, 3-4.

(83) João Lourenço é a 23.3.1353 testamenteiro de Ayras Juyaes (Nota Ant., L.^o 1, fl. 23, CXV do vol. XXIII da «Rev. de G.es») A 19.4. 1352 como testamenteiros do Cónego Gomes Lourenço entregam ao Cabido a renda das «casas de dous andares e soto e seu enxido» (id., fl. L.^o 30, v. CIV, Ext. no vol. XXIV da «Revista» n.^o 1) A 19.4.1353 João Lourenço é testemunha d'um prazo (id, fl. 34 v.^o). A 5.2.1354,

as muitas drogas, as noções herdadas dos árabes⁽⁸⁴⁾, e nestas linhas evocamos a Pedro Julião, futuro Papa, e a Dom Pedro Amarelo, médicos, Piores de Santa Maria de Guimarães⁽⁸⁵⁾, a cogitarem no claustro.

João Lourenço casou com Maria Peres e não tiveram filhos. Martim, Juiz da vila em 1356 e 1378, é marido de Senhorinha Lourenço e têm sucessão⁽⁸⁶⁾. Por seu testamento de 12.3.1391 institue o vínculo. É sua herdeira uma filha, Maria Martins, mulher de Afonso de

como testamenteiro do cônego Gomes Lourenço, Martim Lourenço confere ao Cabido a posse dum casal com obrigação duma capela de Missas e 12 aniversários por sua alma («*Catálogo de Pergaminhos*», p. 50). A 21.6.1360 «Joham Lourenço, celorgiam» e m.er, Maria Perez, doam ao Cabido umas casas na «rua da Rochela» (Nota Ant.^a, L.º 1, fl. 52 v.º, CCLVI, vol. XXV da Revista). A 13.6.1365 por seu irmão e testamenteiro Martim Lourenço, «celorgiom», são apresentadas ao Cabido as cláusulas do testamento de João Lourenço («*Catálogo de Pergaminhos*, p. 53»). A 29.9.1371 tomam os Clérigos posse dumas casas por morte de Maria Peres, viúva de João Lourenço «çolorgiom» (id., p. 55). A 14.11.1376 Martim Lourenço, como testamenteiro de seu irmão, doa ao Cabido umas casas na Rua de S.ta Maria (L.º 3, fl. 12 na Nota Antiga, CCCCXXVI ext. no vol. XXVI na «*Rev. de Guimarães*», e a 11.8.1406 é apresentado o testamento de Senhorinha Lourenço, viúva de Martim Lourenço (Cat. de Pergaminhos, p. 73). Por estes documentos podemos avaliar os bens e a importância dos dois irmãos.

(84) Henrique Pereira de Moraes — «Gastrenterologia: Contribuição para o estudo do seu desenvolvimento em Portugal nos séculos XVII e XVIII», dissertação para Acto de Licenciatura apres. à Faculdade de Medicina do Porto, 1965 (mans.), II parte, Cap. I.

(85) D. Pedro Amarelo, Prior da Igreja de S.ta Maria foi dos primeiros a dedicar-se ao estudo da medicina em Portugal. Nada tem a ver com a família Amaral. Pedro Julião, ou Pedro Hispano, o Papa João XXI deixou várias obras de medicina.

O 1.º foi Dom Prior de 1172 a 1191 e o 2.º de 1273 (tinha sido apresentado pelo Rei 16 anos antes) a 1277, um ano antes de ser Papa. In obra citada na nota 36.

(86) Além de Maria Martins, que foi a herdeira tiv. a «Fernando (que já era falecido quando o pai fez o testamento, pois o não nomeia mas consta de uma carta de compra de casas na rua Sapateira, dum casal em Nespereira, feita em nome de Fernando, filho de Martim Lourenço, cirurgião, a 21.2.1352 que existe no Arq. da Colegiada. L.º 1, Testamentos e Doações, fl. 111 v.º); Maria; Ignês; Joanna e Leonor (cartório do sr. Barão de Pombeiro», in Abade de Tagilde, obra citada na nota 80. Do mesmo livro transcrevemos: «...Falleceu (Martim Lourenço) provavelmente em 1407, porque a 19 de Outubro deste anno sua filha, Maria Martins, apresentou seu testamento perante o juiz de Guimarães». O testamento foi feito a 12 de Março da era de 1429 (Christo 1391) com um codicílio feito em 1393.

Neste testamento diz que por haver herdado parte da fazenda do cônego Gomes Lourenço (não diz que parentesco tinha com este) os seus testamenteiros, a mulher, Senhorinha Lourenço, a filha Maria Martins, e o genro, Afonso de Freitas, com metade

Freitas. Rodeiam-na os filhos. «Senhorinha, Martim, João, a quem o avô legou os livros de cirurgia, e se este morrer a seus irmãos (o que parece indicar outros além destes) e Maria»⁽⁸⁷⁾. Propriedades no julgado de Montelongo, de Freitas e de Travaços⁽⁸⁸⁾ em Cabeceiras e por outros lugares, jazigo no claustro da Colegiada: «dous caixões de pedra enxeridos nas paredes nas costas da capella do Santissimo Sacramento e por guarnição de cada hum tem hum arco de pedra». É este o Morgadio de Casa Nova, a passar de pais para filhos na descendência de Afonso de Freitas e de sua mulher Maria Martins. Morre Afonso de Freitas⁽⁸⁹⁾. Com os de seu sangue e apelido vamos encher mais

da dita fazenda e de outra que ele comprara, fizessem celebrar missas in perpetuum por alma do dito cônego (Cart. citado).

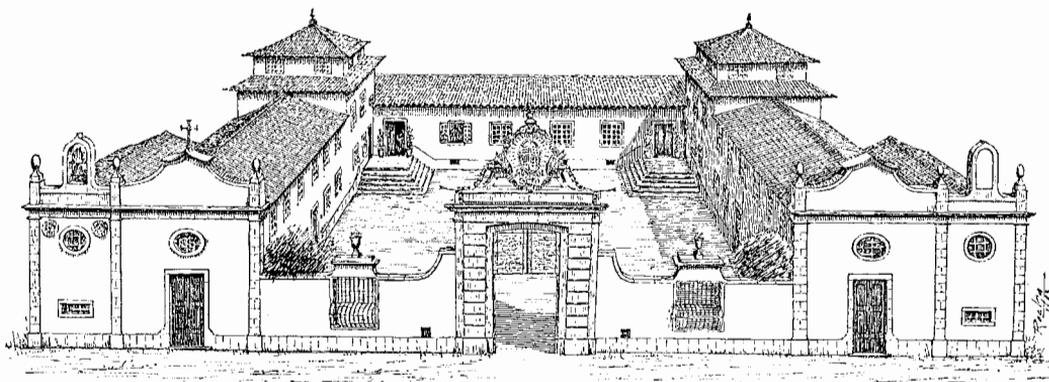
É esta a instituição do vínculo da Casa Nova, cuja cabeça era o casal deste nome, na freguesia de Santa Maria do Outeiro, Cabeceiras de Basto, de que fala Pegas, *De Majoratu*, tomo 2.º, cap. 10, n.º 384, pág. 338, dizendo que fôra instituído em 1429, o que é erro por tomar esta data como de Christo sendo de César, o que fizeram outros».

No manuscrito citado na nota 97, diz que o cônego Gomes Lourenço era pai de Senhorinha Lourenço. De Inês e Leonor, filhas de Martim Lourenço, não temos notícias. Sobre Joana conhecemos este doc.: «CMXLI 22.4.1412. Doação do Casal das Quintas, freg.ª de Nespereira e de 10 soldos impostos no Casal da Arrochela, feita ao cabido por Joham de Basto, vinhateiro e m.er Leonor Mendes, m.ores em G.es, por alma do doador e de Johanna Martins que foi sua m.er, f.ª de Martim Lourenço e m.er Senhorinha Lourenço, donde o dito casal das Quintas descende...». Nota Antiga, L.º 10, fl. 27 v.º. Extracto na «*Revista de Guimarães*», vol. XXIX, n.º 1.

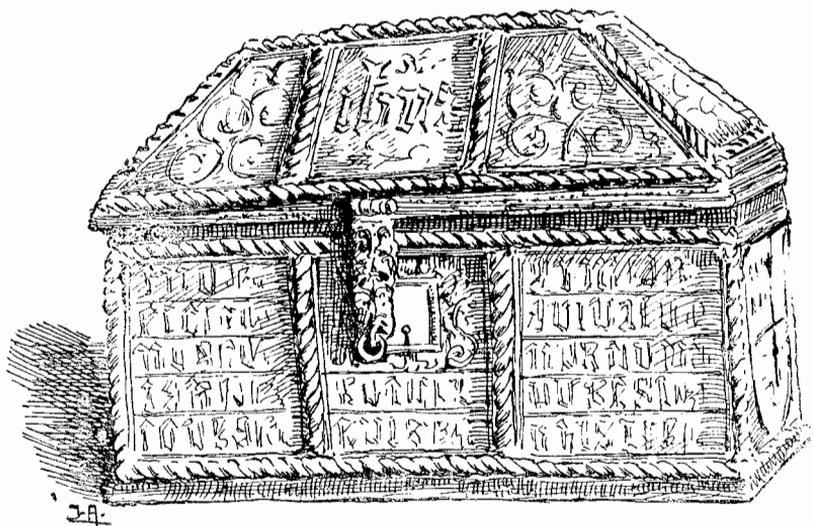
(87) Nota 80. Maria, a f.ª mais nova, casou com Pedro Vasques, de Montelongo, tiv. muita descendência: Freitas, dos Morgados de Nossa Sr.ª do Ó; Peixotos, das Lamelas (v. a sua geração no meu «*Casa de Pousada*», notas 51, 52, 53, 54 e 55, a partir de seu neto Pedro de Freitas Peixoto); Freitas Sampayo (v. Jordão de Freitas — «*Felgerias Rubeas*»), etc. Segundo Gayo, Pedro Vasques usava o apelido Moreira e foi sr. do Padroado das Igrejas de S.ta Cristina e S. Romão d'Arões e f.º de Vasco Esteves, depois de viúvo abade de Moreira de Rei, e de sua m.er D. Teresa Afonso Pereira.

(88) A 22.3.1354 João e Martim Lourenço, cirurgiões, como herdeiros e testamenteiros do cônego Gomes Lourenço, compraram por 6 libras de dinheiros portugueses propriedades na «freguesia de S. João de Cortegaça, e no casal de Paços, Julgado de Montelongo, e de Freitas e de Travaços, e a 30 do mesmo mês, por 16 libras, outra parte dos mesmos bens. Perg.º n.º 38 do L.º 1 de Pergaminhos, do Arq. Part. da Casa de Sezim. Há também empraçamentos no julgado de Cabeceiras de Basto.

(89) O traslado duma sua cláusula testamentária foi apresentado a 27.1.1417 por seu genro Pedro Vasques. Nela lega 40 soldos à Confraria dos Tabeliães, impostos na Herdade do Bairro, freg.ª de Nespereira. A testamenteira foi sua viúva: «*Catálogo dos Pergaminhos*», p. 77. Pedro Vasques possuiu, também, umas casas na Rua de S.ta Maria, id., p. 82.



Casa de Sezim (gravura publicada no fasc. 47 de «Carvalhos de Basto» e gentilmente cedida)



Arqueta de prata doada à Colegiada pelo D. Prior Luís Vasques da Cunha

páginas, vivas a atravessarem os séculos. Martim Afonso de Freitas foi seu filho e sucessor.

À volta da Igreja da Colegiada, ruas e ruelas de casas de pedra e colmo, aqui e além esvoaça o fumo dos fornos, a perfumar os ares com o bom cheiro do pão, com o perfume da lenha a arder. Pertença de alguns, do da Rua de Gatos entrega, a 5.8.1423, Martim Afonso de Freitas um quinhão à Confraria do Serviço de Santa Maria, legado de sua mãe⁽⁹⁰⁾. Ruas estreitas, enlameadas, a serpentear pela vila, cheias de nichos e recantos. Quem se lembra hoje onde era a rua de Traspom? A 19.7.1424, nessa mesma rua, Martim Afonso de Freitas é testemunha dum prazo dos Leborões⁽⁹¹⁾. Pelo claustro soam campainhas, a «campa tangida» toca alvoraçada; repicam os sinos festivos, a chamar os fiéis.

«ERA DE MIL E CCCCLVII ANOS EM O DIA DE S. MARIA DE MARCO LUIS VASQUES PRIOR DESTA IGIA FEZ ABRIR HUA ARCA Q ESTA EM O ALTAR MOR A QUAL NAO SE HAVIAM ABERTO DESDE MEMORIA DOS HOMENS E FORAM EM ELA ACHADAS RELIQUIAS PARTE DA VESTIDURA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO E PARTE DE UM VEV DE SANTA MARIA E DAS VESTIDURAS DOS APOSTOLOS E MARTIRES E DE OUTRAS RELIQUIAS DE SANTOS E SANTAS OUTRAS»⁽⁹²⁾. Foi um grande acontecimento, descrito a 27.3.1427, em caracteres góticos nas paredes da linda arqueta de prata, a dos Cunhas, doada à Colegiada por Dom Luís Vasquez da Cunha ou seu irmão Dom Rui da Cunha, Priores desta Igreja, com suas armas esquarteladas de Cunhas e Silvas⁽⁹³⁾, hoje exposta em vitrina, sobre uma

(90) L.º citado na nota anterior, p. 80.

(91) Nota Antiga, L.º 1. Ext.º na «*Revista de Guimarães*», vol. XXVII, n.º 1 Morava então em Guimarães.

(92) Legenda em caracteres góticos, nas paredes da arqueta de prata, lida pela Dr.ª Margarida Rosas da Silva Rebelo, Conservadora no Museu Alberto Sampaio, de Guimarães.

(93) Heráldica: de família. Escudo: clássico. Composição: esquartelada. No 1.º: Cunhas; no 2.º: Silvas; no 3.º: Cunhas; no 4.º: Silvas. Tanto podem ser as armas de D. Luís Vasques da Cunha, como as de seu irmão Dom Rui. São as de seu pai (Cunhas), esquarteladas com as de sua mãe (Silvas).

Quem abriu a arca do altar-mor da Colegiada foi D. Luís, mas esta arqueta pode ter sido doada por ele ou seu irmão D. Rui. A 1.ª vez que aparece nos inventários do Tesouro da Colegiada é num do séc. XV, feito no priorado de D. Afonso de Lemos; isto é entre 1449-87, onde se lê: «It outra arca de rreljquias dourada q madou ffazer lujs basques com suas armas q pesou sete marcos e meo». No inventário de 1527 é assim descrita: «It outra arcaa de prata mais pequena moçça cõ as

almofada, no Museu Alberto Sampaio e certamente admirada, e segura com veneração pelas mãos de Martim Afonso de Freitas, escudeiro do Prior Dom Rui de Cunha⁽⁹⁴⁾.

Últimos anos do reinado d'El-Rei Dom João I, Rei de Portugal, Senhor de Ceuta, o vencedor de Aljubarrota, a investir com sanha contra os inimigos, o irrequieto defensor das nossas fronteiras, o fundador de Portugal em África. Rever Guimarães dessa época é posar na côrte do Conde de Barcelos, amado bastardo do Rei, nas tréguas de muita luta gloriosa; é sentir o esplendor da Colegiada. O Prior é Dom Luís Vasques da Cunha, fidalgo apelido a soar em muitas batalhas e serviços a El-Rei, armas manchadas por deserções para Castela⁽⁹⁵⁾. Sucede-lhe seu irmão Rui da Cunha, Juiz ordinário da vila

armas dos da cunha e seus letereiros a q'ldizem q deu o pl'or Ruy da Cunha q foy p'or da dita Igja e tambem servee nas p'cisões e he chea de Reliqujas não se sabem os nomes he toda dourada e pesa a dita arqua tiradas as ditas Reliqujas cinco m'cos e tem fechadura e não tem chave...». Assim também reza o de 1585, que acrescenta, ao falar do peso: «...digo que peza cõ a fechadura de prata seis marcos e meo e tem chave cõ que se fecha e tem duas caixinhas dentro hua de paaõ de faya outra de paaõ com Reliqujas nesta arqua estão as Reliqujas e bula dellas que o doutor fernão glz de osqua acpreste trouxe de Roma e não tem outras mais que o lenho da cruz as outras mais se perderam». Transcrições de Eduardo de Almeida — «*Os Cónegos de Oliveira* — Tesouro da Colegiada», in «*Revista de Guimarães*», vol. XXXVI.

Esta valiosa peça, citada em quase todos os trabalhos sobre ourivesaria portuguesa, está exposta em Guimarães no Museu Alberto Sampaio.

(94) «A 22-6-1429 deram por escambo a Afonso Vasques bruel escudeiro de Martim Vasques da Cunha, morador em Rio Mau o casal da Ribeira em Fareja. Testemunha: Martim Afonso de Freitas, escudeiro de Rui da Cunha, Prior desta Igreja». L.º de Tranzações e Escambos, p. 181 v.º. Arq. Mun. A. Pimenta.

(95) Ao morrer El-Rei D. Fernando, o avô de D. Rui da Cunha, Vasco Martins da Cunha, «o Velho», seguiu o partido da herdeira do trono D. Beatriz, Rainha de Castela. Mais tarde juntou-se ao Mestre de Avis, servindo-o sempre fielmente antes e depois do seu reinado. (V. Fernão Lopes — «*Crónica del Rey Dom Joham I*», Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, MCMLXXVII, Parte Primeira, págs. 101, 114 e 344; Parte Segunda, págs 5 e 8). O seu primogénito foi Martim Vasques, da Cunha «o da batalha de Trancoso um dos mais denodados cavaleiros do seu tempo». Em 1387, no cerco a Vilalobos, com 17 companheiros, defendeu-se contra 400 lanças castelhanas, além de muitas outras facécias mencionadas na obra acima referida. Nove anos depois passa-se para Castela, onde é feito Conde de Valencia del Campo e combate contra Portugal. O filho segundo foi Estêvão Vasques da Cunha, refugiado em Castela depois de matar o amante de sua mulher, mas que depois voltou para a Pátria. o 4.º e 5.º (o 3.º foi o pai de D. Rui da Cunha) imitaram o mais velho: depois de se terem distinguido em várias acções, voltaram-se para Castela. O último ficou por lá, sendo muito agraciado; o outro, que fôra capitão na nossa Armada, voltou ao fim de cinco anos e foi perdoado por D. João I. Os feitos destes

em 1334 ⁽⁹⁶⁾, Martim Afonso de Freitas, senhor do vínculo da Casa Nova, marido de Catarina Peixoto, que julgo irmã do instituidor de Sezim ⁽⁹⁷⁾, segue com os seus o facho do poder dos Cunhas. Aparecem também na desgraça do seu apagar.

Dos filhos de Vasco Martins da Cunha, «o Moço», por alcunha o «Rabo de Asno» ou «Rabo Azêdo», 8.º senhor da honra do julgado de Tábua, 6.º administrador desse morgadio, senhor da Terra da Cunha, Lanhoso, e de muitos outros senhorios, fiel companheiro de Dom João I ⁽⁹⁸⁾ só encontramos três nos papéis de Guimarães. Ei-los: Dom Luís Vazques de Cunha, Prior da Colegiada de 1419 a 1430 ⁽⁹⁹⁾, Lopo Vaz de Cunha, senhor do Padroado de Castro Laboreiro ⁽¹⁰⁰⁾ e

e dos outros filhos de Vasco Martins da Cunha que nunca abandonaram Portugal encontram-se na obra acima citada: Parte Primeira, págs. 101, 114, 180, 183, 219, 229, 305, 344, 361, 362 e 368. Parte Segunda, págs. 39, 40, 41, 42, 43, 47, 48, 85, 89, 91, 153, 166, 171, 215, 216, 217, 220, 224, 226, 315, 322, 335, 336, 338, 356, 364, 365, 367, 398, 412 e 423. Deles descendem, além de muita nobreza portuguesa, muitos grandes de Espanha. Anselmo Braamcamp Freire — «*Brasões da Sala de Sintra*», Imp. Nacional, Casa da Moeda, 1973, I vol., VIII, Cunhas.

Julgo que nessa altura, a Pátria era mais o próprio Rei, que se achava legítimo, do que a própria Terra; isto sem querer desculpar os Cunhas; por menos em alguns o interesse parece ter tido grande parte na sua deserção.

⁽⁹⁶⁾ Obra mencionada na nota 80.

⁽⁹⁷⁾ O Abade de Tagilde no «Guimarães-Apontamentos para sua história» (concelho), ms. de 1884, existente na Sociedade Martins Sarmento, ao falar da Casa de Sezim, freg.^a de Nespereira, escreveu que a m.er de Martim Afonso de Freitas «Foi Catarina Anes, a «Cameira», ou Catarina Peixota, que lhe sobreviveu». Li também que Catarina Peixota era f.^a de Afonso Vasques Peixoto, mas pelo testamento deste vê-se que era sua irmã, quando muito sua prima, pois diz que os filhos dela são seu sobrinhos.

⁽⁹⁸⁾ «*Brasões da Sala de Sintra*», nota 95; Felgueiras Gayo — «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», Tomo X, Cunhas & Alão de Moraes — «*Pedatura Lusitana*», Tomo III, vol. I, p. 467 e os seus feitos na «Crónica» (nota 95), Primeira Parte, págs. 114 e 344, e Segunda Parte p. 48 e 8.º além das acções conjuntas com seus irmãos.

⁽⁹⁹⁾ L.º citado na nota 36.

⁽¹⁰⁰⁾ Confirmação e instituição canónica do abade de Castro Laboreiro, na igreja, sem cura, de S. Tiago na vila de Guimarães, a 1.1.1426. «*Catálogo dos Pergaminhos*», p. 82. Lê-se no doc.: «...e também renunciou em 1 de janeiro o abade confirmado d'ella, Rodrigo Annes d'Asnaes, criado de Lopo Vasques da Cunha, por intermedio de seu procurador Fernão Gonçalves de Araújo...» Este último foi igualmente procurador do prior Rui da Cunha para a apresentação da referida igreja em virtude do substalecimento de procuração feito por Lopo Vasques da Cunha, irmão e procurador do prior». Em nenhum dos livros consultados encontrei Lopo Vasques da Cunha, irmão de D. Rui da Cunha, embora em muitos apareça um seu tio de igual nome.

Dom Rui da Cunha, a suceder no Priorado a seu irmão. Os outros ⁽¹⁰¹⁾, entre eles o primogénito, senhor da Casa de seu Pai e do Conselho de Dom Afonso V, não me parece terem vindo até Guimarães.

E volta outra vez João Garcia, mestre de obras da Colegiada, a correr pressuroso, do Padrão do Salado, onde se abrigam os emissários do Arcebispo de Braga, para a Igreja, onde está, portas trancadas e gente armada, Dom Rui da Cunha e seu séquito, a recusar a visita episcopal ⁽¹⁰²⁾. Não tarda, fulminante, a excomunhão sobre o Dom Prior e a sua Igreja. Reina agora Dom Duarte, lágrimas a correrem pelo Infante Santo, pena a deslizar nos seus douts escritos. A 28.9.1432 profere a sentença a favor do Arcebispo ⁽¹⁰³⁾. Protesta Dom Rui da Cunha, cioso das suas prerrogativas com a prosápia da sua nobre estirpe, ativo sobrinho neto do Arcebispo de Toledo ⁽¹⁰⁴⁾. «Lavram-se as pazes em 27.1.1440» e anula-se a sentença infamante ⁽¹⁰⁵⁾. Correram por então Dom Rui da Cunha e seus homens as praias marroquinas; intrépidos e audazes escaramuçam em Ceuta; em 1437 acham-se na desgraçada ida a Tânger ⁽¹⁰⁶⁾. Já rege o Reino o Infante D. Pedro. Rui da Cunha, creado da sua Casa, seu leal servidor desde menino ⁽¹⁰⁷⁾, vai a Roma como seu embaixador. Volta em 1444. Traz a Bula Papal a libertar as Ordens de Avís e de Santiago do jugo

⁽¹⁰¹⁾ Foram filhos de Vasco Martins da Cunha, «o Moço», e de sua m.er: Dom Luís Vasques da Cunha, Dom Prior de G.es; Dom Rui da Cunha também Dom Prior, Afonso da Cunha, escudeiro do Infante Dom Fernando, cativo em Fez onde ficou «pello filho de Azulabenzalá», e tinha estado na tomada de Ceuta, Aires da Cunha também escudeiro do Infante, Fr. João, Provincial no Carmo; Martim Vaz da Cunha, suc. a seu Pai combatente em Tânger e Ceuta; D. Maria, abadesa de Lorvão; D. Leonor, m.er de Fernão Gomes de Lemos, sr. de Goes (v. obras citadas) e Lopo Vaz da Cunha (nota 100).

Dom Rui da Cunha era primo direito da m.er do Chanceler João das Regras, que foi também Dom Prior em G.es e ofertou valiosas dádivas a N. Sr.^a da Oliveira. Dom Afonso Gomes de Lemos, valido de Dom Afonso V, que substituiu Dom Rui no Priorado, era cunhado de sua irmã D. Leonor (acima).

⁽¹⁰²⁾ Nota 24.

⁽¹⁰³⁾ L.^o citado na nota 36, p. 81.

⁽¹⁰⁴⁾ A mãe de Dom Rui da Cunha foi Beatriz Gomes da Silva, f.^a de Fernão Gomes da Silva, que também se passou para Castela, e de sua m.er D. Maria Tenório, irmã do Arcebispo de Toledo.

⁽¹⁰⁵⁾ Nota 99.

⁽¹⁰⁶⁾ Humberto Baquero Moreno — «*Rui da Cunha D. Prior da Colegiada de Guimarães*», in «*Actas V do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*», Guimarães, 1982,

⁽¹⁰⁷⁾ Idem.

espanhol ⁽¹⁰⁸⁾. Aonde os Freitas, morgados da Casa Nova, seus escudeiros?

Aonde? Sempre a seu lado, e também na grave crise de 1449, a culminar no drama de Alfarrobeira. É quase um homem El Rei Dom Afonso V. Revolta-se contra o tio, o Infante Dom Pedro, Duque de Coimbra, o que foi Regente, sábias mãos a conduzirem Portugal desde a morte de Dom Duarte. Exilada está em Castela a Rainha-Mãe. Ferve a intriga. Calado, hermético, a pender para o Rei, o Infante de Sagres. Depois... Lá vem, velho mas rijo, em socorro do real sobrinho, o Conde de Barcelos, Duque de Bragança desde 1442. Atravessa as neves do Barroso, os cachões do Douro, os gelos da Estrela, a angariar gente. Gente, também a acorrer para o Infante Dom Pedro; séquitos de fidalgos, clérigos e suas comitivas. Em Santarém juntam-se o Rei e o Duque de Bragança. A 8.5.1449 parte de Coimbra o Infante Dom Pedro. A 15 chega a Rio Maior e a 16 a Alcoentre. Vassallos do Rei e do Infante de Sagres insultam as suas hostes. É o primeiro encontro. Cercam-os os partidários do Regente; caiem a um atoleiro, muitos são mortos à paulada e degolados. Sai de Santarém o Rei em pé de guerra. Quem não conhece o triste desfecho? A 20 de Maio, tio e sobrinho defrontam-se nos campos de Alfarrobeira.

Passam os três dias da praxe. El-Rei Dom Afonso, vitorioso, abandona o campo. Entre muitos, dois cadáveres apodrecem aos ventos: o do Conde de Abranches, combatente de Tânger e Ceuta, horriavelmente decapitado, e o de Dom Pedro, Infante de Portugal, Duque de Coimbra, Regente e Defensor do Reino, o das Sete Partidas, irrequieto viajante nas rotas do mundo. Dom Rui da Cunha, Prior de Guimarães, seu vassallo, sai ileso. Não o poupa a vingança régia: é logo substituído por Dom Afonso Gomes de Lemos, affecto a Dom Afonso V.

Por terem tomado parte no massacre de Alcoentre e na batalha de Alfarrobeira são a 12.12.1450 confiscados os bens a Afonso Martins de Freitas e a seu irmão Gonçalo Martins, creados de Dom Rui da Cunha. O beneficiado é Fernando Afonso, escudeiro e servidor de Dom Afonso V ⁽¹⁰⁹⁾. Parece-me que por ser factio remoto, pela dor e

⁽¹⁰⁸⁾ Fortunato de Almeida — «*História da Igreja em Portugal*», Nova ed., dirg. por Damião Peres, p. 350.

⁽¹⁰⁹⁾ Humberto Baquero Moreno — «*A batalha de Alfarrobeira, Antecedentes e significado histórico*», Lourenço Marques, 1973. Este interessantíssimo trabalho é também citado por José Marques — «*A Colegiada no Priorado de D. Afonso Gomes de Lemos*», nas «*Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*», vol. II, Guimarães, 1981.

confusão do momento, ninguém até hoje ligou os seus nomes ao morgadio da Casa Nova a que pertencem como filhos legítimos de Martim Afonso de Freitas e de sua mulher Catarina Peixota, atrás referidos.

Afonso Martins de Freitas obtém carta de perdão ⁽¹¹⁰⁾. A 20.7.1455 há um indulto geral. Entretanto, em 1451, recebe por herança do tio Afonso Vasques Peixoto a quinta e morgadio de Sezim ⁽¹¹¹⁾. Calam-se os nobiliários, dispersam-se os papéis. Casado, no dizer dos linhagistas, com Beringeira Mendes da Maya, o silêncio, depois do fragor de Alfarrobeira, desce sobre ele. Arranca-o destas folhas, mostra-o apenas, segundo o testamento do filho, a repousar para sempre na «crasta da Colegiada». O movimento, o barulho, voltam com o seu filho e sucessor Fernão Martins de Freitas, o «Beçudo».

«O mayor Senhor não só em Portugal, mas em Castel'a, Aragão e Navarra, pois he sem duvida que não havia Casa alguma, que não fosse de Infante que podesse competir com elle em Estados» ⁽¹¹²⁾ é o Senhor Dom Jaime, 3.º Duque de Bragança. Acompanha a El-Rei Dom Afonso V, «por Graça de Deos Rey de Castela, e de Lião, de Portugal e de Toledo, de Galiza de Sevilha de Cordova de Murcia, de jaem, dos Algarves, daquem e dalem mar em Africa, dos Aljaziras de Gibraltar, Senhor de Biscaya e Molina» ⁽¹¹³⁾ nas jornadas a África em 1458, 64 e 71, na ida a Toro. «Pellos seus muitos e singulares serviços q nós El Rey e nossos reinos delle temos recebido», fora outras muitas mercês, é agraciado em Ceuta a 6.5.1474 com o Padroado das Igrejas de Santa Maria da Oliveira e de «todollas outras Igrejas e Mosteiros da ditta villa e termos» ⁽¹¹⁴⁾. É enorme o poder da sua Casa.

Da criação do Duque, seu criado e grande servidor, Fernão de Freitas, o «Beçudo» de alcunha, Morgado da Casa Nova e de Sezim, a seguiu-o nas lutas e nas tréguas. E é já Dom João II que em Abrantes, a 19.1.1483, passa o alvará: «querendo fazer grasa e Mercê a

⁽¹¹⁰⁾ Idem.

⁽¹¹¹⁾ V. texto e nota 44.

⁽¹¹²⁾ Dom António Caetano de Souza — «*História Genealógica da Casa Real*», Tomo V, p. 403. Tinha o Duque de Bragança «cinquenta cidades villas e castellos sem que se numerassem quintas herdades devezas e campos de que era senhor... destas terras podia tirar 3 000 homens a cavallo e 10 mil infantes...».

⁽¹¹³⁾ Assim se intitula El-Rei Dom Afonso V, pelo menos de 1476 a 1478. Dom António Caetano de Sousa — «*Provas da História Genealógica da Casa Real*», Tomo II, p. 13 e Tomo IV, p. 5.

⁽¹¹⁴⁾ Carta de Confirmação del Rey D. Manoel ao Duque D. Jayme, dos Padroados da Villa de Guimaraens. O original está no Cartório da Casa de Bragança, maço de Guimaraens. Neste doc. está transcrita a carta de Dom Afonso V, escrita em Ceuta a 6.3.1474, a doar a Dom Fernando estes Padroados.

Fernão de Freitas escudeiro e morador na v.a de Ges e... avemos por bom e filhamello ora por noso escudeiro e nosa espisial goarda...», e mais adiante: «...em nosa sala Rial goarda com comenda a todas as suas couzas asim por recomendas e por nosso o honrre e trate e favoresão como couza nosa» (115). Isto em Janeiro. Mas em Eivas, a 20 de Junho, rola a cabeça do Senhor Dom Jaime, 3.º Duque de Bragança, degolado por ordem régia.

El-Rei Dom João II, firme no seu conceito de realeza, continua o duro caminho. Enterra o seu punhal no peito do jovem Duque de Viseu, seu primo e cunhado, manda degolar e esquartejar outros nobres, lança numa cisterna o Bispo de Évora. Pelas suas muitas ligações com a Casa de Bragança e «*por ser dos mais nobres e poderozos de Guimarães*», a Fernão de Freitas, «*o mandou desterrar desta v.ª El-Rey Dom João 2.º por se Resiar delle*» (116). Na côrte, prossegue o Rei «o duro ofício de reinar» cada vez mais só, a erguer Portugal muito alto. Em Espanha, refugiado e a salvo, entretido no seu brincar, o Senhor Dom Jaime 4.º Duque de Bragança, filho do degolado de Évora, orfão de 4 anos.

(115) «Dom João por grasa de Ds Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Affrica Senhor de Guiné a todos quantos esta carta virem fazemos saber q nos querendo fazer grasa e merce a Fernão de Freitas Escudeyro e morador na vª de G.es o avemos por bom e filhamello ora por noso escud.rº a nosa expisial goarda e emcomendo a todas suas couzas e porem mandamos a todos nosos correedores Juizes e justiçaes e ofeçiais e pesoas a q. o conheçimt.º desta pertenser, e esta nosa carta for mostrada q. hajão daqui em diante o d. Fernão de Freitas por noso escudeyro em nosa salla rial goarda comcomenda e todas as suas cousas asim por recomendadas e por noso o honrre e trate e favoresão como couza nosa e de q. grande cargo temos não lhe fazendo nem consentindo fazer algum nojo dezaguizado nem sem Rezão e vindo cazo q lhe feito seja lhe farãi todo o correger e emmendar como for rezão e direyto, e q huns e outros al não fasais dado em abrantes aos 19 dias de Ag.tº Pº Alz o fes de 1483 El Rey.

E o mais por voso escudeyro e em vosa goarda e emcomenda Fernão de Freitas pág. 280 João Fernandes».

Este filhamento está copiado no man. citado na nota 57, donde o transcrevemos. Felgueiras Gayo cita este doc.

(116) Assim reza o man. acima citado: «...por ser dos mais nobres e poderozos de Guim.es o mandou desterrar desta vª ElRey D. João 2.º por se resiar delle e de Fernão Affº Leborão «o Velho» como afirma por seu Testam.tº D. Antº de Lima, Alcaide Mor de Guim.es no a. de 1573». «Mas por uma sentença dada a 16.2.1491 no almoxarifado da vila sabemos que Fernão de Freitas, juntamente com seu primo de igual nome, o «Moço» foi lançador do serviço dos cem mil cruzados que os povos do reino entregaram a el-Rei para o casamento do príncipe seu filho», (o malogrado Príncipe D. Afonso). — João Lopes de Faria, «Arquivo da Colegiada de Guimarães», doc. 29.º in «*Revista de Guimarães*», vol. XXXV, n.º 4, pág. 241.



Vinte alqueires de centeio, vinte de milho e dez de trigo. Uma marrã de olhitos vivos, 100 reis, um carro de palha triga. O quarto do vinho. Vêm no carro puxado a bois, a chlar por atalhos e caminhos. É a renda paga pelos caseiros da quinta de Sezim aos senhorios Fernão de Freitas e sua mulher Beatriz da Costa, emprazamento feito a 29.9.1494 ⁽¹¹⁷⁾. No ano seguinte sobe ao trono El-Rei Dom Manuel. Chama de volta ao Reino seu sobrinho o Senhor Duque de Bragança e seu irmão; restitui-lhe os bens e títulos, cobre-os de mercês. O calor do sol alegra a terra: brotam os frutos. O regresso do Senhor Dom Jaime traz vida aos seus vassalos: aumentam os seus poderes, acrescentam as suas riquezas.

Escudeiro e Chanceler do Duque Dom Jaime em terras de Entre Douro e Minho ⁽¹¹⁸⁾, Fernão de Freitas e sua mulher Beatriz da Costa ⁽¹¹⁹⁾, em Guimarães, e nas suas casas na rua Torre Velha, mandam arrecadar, ano atrás de ano, as rendas das suas propriedades: 12 alqueires de trigo, 6 de centeio, 6 de milho, 4 galinhas e 450 reais brancos de 10 pretos o real, da Ribeira de Creixomil ⁽¹²⁰⁾; 1 marrã, 1 alqueire de castanhas secas e 400 reis de «seis centis o real, pelo casal do Ruival, em Santa Maria do Outeiro, julgado de Cabeceiras de Basto» ⁽¹²¹⁾; 25 alqueires de trigo, 1 carneiro e uma canada de manteiga pelo do Souto em «Santa Olaya de Revelhe julgado de

(117) Perg.º n.º 33 do L.º 1.º de «Pergaminhos» do Arq. Part. da Casa de Sezim. Foi feito em Sezim pelo Tab. Bastião Gonçalves; os caseiros chamavam-se Afonso Pires e Isabel Domingues.

(118) Como tal vêm nos documentos das notas 120, 121, 122 e 124.

(119) Era f.ª de Afonso Domingues da Costa e de sua m.er Isabel Fernandes e irmã de Rui da Costa, que viveu pelos anos de 1494 e foi F. C. R., sr. da Q.ta da Breia e primo do Cardeal de Alpedrinha. In Felgueiras Gayo — «*Nobiliário das Famílias de Portugal*» Tomo XII, Costas & 123 Costas da Breia.

(120) «Prazo em 3 vidas do casal da Ribeira de Creixomil, feito por Fernão de Freitas, escudeiro, chanceler do duque em terras de Entre Douro e Minho e sua mulher Beatriz da Costa a Afonso Anes e mulher Duração Gonçalves, feito em Guimarães na rua da Torre Velha, casas de morada do dito Fernão de Freitas a 7.10.1506». Perg.º n.º 34 do L.º 1.º de Pergaminhos do Arq. Part. de Sezim. V. nota 28.

(121) «Prazo do casal do Ruival, em S.ta Maria do Outeiro, julgado de Cabeceiras de Basto, feito por Fernão de Freitas, escudeiro da casa do duque e seu chanceler nas suas terras d'Entre Douro, Minho e Beira, e mulher Beatriz da Costa, moradores em Guimarães a Gonçalo Gonçalves e m.er Margarida Fernandes. Feito em Guimarães a 12-6-1506 pelo Tab. público e judicial pelo duque Bastião Gonçalves, sendo Tes.tas Ruy Pires, clérigo de Missa e capelão de Tayde, etc.» Perg.º n.º 12, (v. nota anterior).

Montelongo» (122). E defendem-se, batem-se, lutam pela sua quinta de Sezim, emaranhada em pleitos contra o Alcaide Mor de Guimarães, Dom Diogo Lopes de Lima (123), terrível vigia dos direitos reais, a querer transformar em reguengas as viçosas leiras de Sezim (124).

O Senhor Dom Jaime, Duque de Bragança, no seu desvairo, assassina sua mulher, a Duquesa Dona Leonor de Mendonça; faz-lhe El-Rei sentir a sua mágua. Prepara-se a expedição a Azamor. Apresenta-se o Duque de Bragança, recruta os seus homens; às suas custas vão três mil. Quatrocentas velas, galiotas, bergantins largam do Tejo a 13 de Agosto de 1515. Nessa armada, de homens do Rei, de homens do Duque, de fidalgos e plebeus e de renegados, vai também o Morgado de Sezim e Casa Nova, Fernão de Freitas, o «Beicudo».

Dá-se a conquista de Azamor! Mais uma vez as espadas cruzam-se com os alfanges. Sangue a jorrar por Cristo, sangue a morrer por Alá, gritos de feridos, lúgubre bramir de cavalos moribundos. Defendem uns o seu chão; outros vêm, iluminados, atraídos pelo mar que os chama. Desenrolam-se os combates. Azamor, como Ceuta, Tânger, Alcácer-Céguer e Arzila. Como Anafé, Larache, Mazagão, Safim, Agadir e Mogador. Pedras avermelhadas de Marrocos, regadas com o nosso sangue, banhadas pela nossa fé, baluartes de Portugal em África.

Com as tropas vitoriosas do Duque volta Fernão de Freitas (125).

(122) «Prazo em 3 vidas do casal do Souto, em St.^a Ovaya de Revelhe, julgado de Montelongo, feito por Fernão de Freitas, escudeiro, chanceler do Duque, e mulher Beatriz da Costa a Pero Fernandes e m.er Feito pelo Tab. Bastião Gonçalves em Guimarães a 20.10.1510». Perg.^o n.º 41, (v. nota anterior).

(123) V. a ascendência e geração de Diogo Lopes de Lima em Gayo; no Alão, em Braamcamp Freyre — «*Brasões da Sala de Sintra*»; em D. António de Lima — «*Nobiliário*», etc. Há interesse em ler: Alfredo Pimenta — «*As liberdades municipais do século XV*», in «*Boletim de Trabalhos Históricos*», vol. IX, n.º 1-2, e João de Sousa da Câmara — «O Alcaide-Mor de Guimarães nas crises nacionais», in «*Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*», vol. III.

(124) No Arq. da Casa de Sezim há, pelo menos, 2 perg.^{os} sobre esta contenda: «Sentença dada pelo Lic.do Pero da Guerra, desembargador dos agravos em 25 de maio de 1507 sobre uma renda antiga de Sezim a saber: Diogo Lopes de Lima, fidalgo da Casa d'el Rei e alcaide-mor da villa de Guimarães contra Fernão de Freitas, tinha d'el-Rei cem mil reis de tença e para pagamentos delles tinha certas freguesias, e casaes, e moradias, entre as quais era a freguesia de Nespereira e a qt.^a de Sezim, pelo que pagavam 135 reis», e «Sentença de D. Manuel sobre as leiras de Sezim, que pretendia como reguengas o alcaide-mor de Guimarães Diogo Lopes de Lima, em questão com Fernão de Freitas, chanceler do Duque, dada em Santarem a 10 de abril de 1508». Perg.^os n.º 4 e 20 do L.^o 1.

(125) Man.^o da nota 57; Gayo — «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», Tomo XIV, Freitas & 3; Tagilde, obra citada na nota 80, etc.

Poucos anos depois repousa para sempre num dos «moimentos» encimados por dois arcos, no claustro da Real Colegiada da Senhora da Oliveira, onde lemos em letra gótica: «Aqy jaz Fernão de Freitas e sua neta Mecia». Só duas filhas deixa de seu casamento: Ana, a mais velha, Filipa, a segunda. A primogénita, desherdada pelo pai «por se namorar de João da Cunha Lima»⁽¹²⁷⁾, morre, segundo os nobiliários, num convento. Para a mais nova, Filipa de Freitas, em quem o pai nomeia os morgadios, um casamento a gosto dos seus: Afonso Rodrigues do Amaral, Cavaleiro do Duque, que com ele foi a Azamor «em hũ Navio seu a sua custa com q gastou muito no qual se foy emBarcar de Guim.es donde vivia a Lx^a com m^{ta} gente q levou e mantim.tos nessa.ros»⁽¹²⁸⁾.

Da Casa de Sezim vai desaparecer a varonia Freitas. Amanhece a dos Paes Cardoso, ramo segundo da Honra de Cardoso, a que procede, no dizer das genealogias, de El-Rei Dom Ramiro de Leão, por seu filho, Dom Alboazar Ramires, também chamado «o Cid», por vencer muitos infiéis, súbditos de seu avô materno, o lendário Rei mouro de Gaia⁽¹²⁹⁾. Filho de Luís Paes do Amaral Cardoso, 3.º neto, sempre por linha masculina, de Vasco Paes Cardoso, Alcaide-Mor de

(126) Claustro da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, actualmente Museu Alberto Sampaio. No estudo referido na nota 80 escreve Tagilde: «Fernão de Freitas fez testamento em 14 de setembro de 1511 e em 20 já era fallecido». Pede a sua mulher Brites da Costa e à filha Filipa e ao genro que casem Beatriz com o homem que sabem e lhe dêem de dote para riba de 15000 reais. Era provavelmente uma filha bastarda. Manda ser sepultado na crasta da Colegiada com seu pae Affonso Martins de Freitas. — É este o Fernão de Freitas de que falla a inscrição do moimento. (Cart. do Barão). O original do test.º encontra-se no Arqu. Part. da Casa de Sezim (pergamino).

(127) Lê-se em Gayo, Tomo citado na nota 125: «Ana q sendo a mais velha perdeo os Morgados por cazar sem licença de seu pay com João da Cunha e Lima parente de Diogo Lopes de Lima Alcaide Mor de G.es: morreo pobrememente por seu pay a dezerdar em hum Hospital». Escreve Tagilde (nota 80): «... a mais velha mas desherdada pelo pae por querer cazar contra sua vontade, ou por se namorar de João da Cunha de Lima, como dizem outros genealogistas, e falleceu n'um recolhimento em G.es». Não encontrei referências a João da Cunha de Lima nos nobiliários que vi.

(128) Man.º na nota 57; Gayo — «Nobiliário das Famílias de Portugal», Tomo VIII, Cardosos, & 2 N 4.

(129) «Os Cardosos descendem dos Reis de Leão», tradição a correr de geração em geração, que não mantenho por falta de provas.

No manuscrito (nota 57) e em outros nobiliários principia-se esta linha em D. Ramiro, Rei de Leão, que por seu filho (e de sua 2.ª m.er, f.ª do Rei mouro de Gaya) o Infante D. Alboazar Ramires, é quarto avô na varonia de D. Hermígio Pais,

Trancoso, secongénito de outro de igual nome, Senhor da Honra de Cardoso, aio do Infante Dom Henrique, Afonso Rodrigues do Amaral também descende por sua avó paterna, de Pedro Rodrigues do Amaral, Conde Palatino, Protonotário Apostólico (130).

sr. de Cardoso, o que dizem trisavô, sempre por varão, de Vasco Pais Cardoso, suc. Aio do Infante Navegador. O mesmo escreve Gayo no «*Nobiliário*», com pequenas variantes: começa com D. Alboazar Ramires e até Vasco Pais Cardoso, que chama Vasco Lourenço Cardoso, omite uma geração nos parágrafos que reputa mais certos. Iniciam-se então as maiores divergências. Dá o Man.º a Vasco Pais Cardoso 2. f.os: Álvaro Vaz Cardoso, Suc. (pai de Luís Vaz Cardoso c. g., a continuar a chefia dos Cardosos) e Vasco Pais Cardoso, f.º 2.º, Alcaide-Mor de Trancoso e bisavô, na varonia, de Afonso Rodrigues do Amaral. Já Gayo lhe dá só 1 f.º, e natural, a Vasco Cardoso: Álvaro Vaz Cardoso, legitimado por C. de 29.4.1397, Suc. e pai de Vasco Pais Cardoso. Deste diz serem f.os: Luís Vaz Cardoso, Sr. de Cardoso, e Vasco Pais Cardoso, Alcaide-Mor de Trancoso, avô de Afonso Rodrigues.

Domingos de Araújo Afonso e Rui Dique Travassos Valdêz no — «*Livro de Oiro da Nobreza*», vol. III, p. 748, ao tratarem dos Condes de S. Martinho, (Chefes dos Cardosos), principiam com Vasco Hermíges, sr. de Cardoso (f.º no Gayo e Man.º de Hermígio Pais), trisavô de «Vasco Lourenço Cardoso, 5.º Sr. do Solar de Cardoso de quem se faz menção no Tombo de Mancelos, que teve de Frc.ª Martins um f.º bastardo de nome Álvaro Vasques Cardoso, 6.º Sr. de Cardoso, com o título de Honra que D. João I lhe confirmou, Sr. da vila de Moreira e Ervilhão e Alcaide-Mor de Trancoso, Leg.º em Santarém por D. Fernando (C. de 24-4-1397). Como só tratam do ramo principal não se referem à linha que nos interessa. Alão de Moraes, na «*Pedatura*», não estabelece ligação entre as duas linhas. A primeira, (Honra de Cardoso), dá-lhe princípio em Vasco Lourenço Cardoso e diz ser seu f.º legitimado o pai de Luís Vaz Cardoso com quem segue. À 2.ª, começa-a com Vasco Pais Cardoso Alcaide-mor de Trancoso (bisavô de Afonso Rodrigues do Amaral), não dando a sua filiação.

No arq. Part. de Sezim existe (cópia? original?) a Carta de Armas de Pedro Cardoso do Amaral, sobrinho materno de Afonso Rodrigues do Amaral, dada em Lisboa a 8.8.1538, Reg. na Chan. de D. João III, livro XLIV, fl. 92 (vem no «*Arquivo Heráldico Genealógico*», n.º 2160). Dela copio: «pero cardoso cavaleiro da ordem de cristo e comtador da minha casa me fez petição como elle descemdia por linha drt.ª sem bastardia por parte de sua may e avó da geraçam e linhagem dos Cardozos e dos do amaral que neste reino sam fidalgos... É filho de Lopo Afonso de Andrade escudeiro de linhagem e sua mulher Maria Gonçalves do Amaral bisneta legítima de Vasco Paes Cardoso e de briatis anes do Amaral tronco que são desta linhagem assim o dito vasquo Paes Cardoso trisavô delle foi um fidalgo m.tº onrrado allquaide mor de tranquozo e tronco principal desta geração de Cardosos». Condiz portanto com a «*Pedatura*». Pedro Cardoso veio viver para Guimarães, para casa de seu tio, por desavenças com sua mãe, viúva, e aqui casou e viveu, fundando a capela e vínculo de Nossa Senhora da Conceição, na Colegiada, c. g. V. as minhas «*Capelas Vinculadas na Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira*», pp. 4732 e seg.tes.

(130) «D. Manuel por carta de 30 de Agosto de 1503 confirmou outra do Imperador Andreas Paleologuo despota dos romanos, pela qual fizera fidalgos a Pero

Queremos vê-lo, a Afonso Rodrigues do Amaral, na ida a Azamor. À desfilada «com m.tos parentes e criados e cavallos», avisado por carta do Duque, «a partir logo de Guimarães», para a Galiza, ter com o Senhor Dom Dinis, irmão do Duque, em escaramuças «por humas paixoens com huns fidalgos gallegos». Galopa, corre, apressa-se. «Chega a tempo de o servir e depois de os deixar quietos e compostos, se torna para sua casa»⁽¹³¹⁾, em Guimarães, na rua das Ferrarias⁽¹³²⁾. Ao receber das mãos generosas de Dom Jaime a Quinta da Porcariça, em Creixomil⁽¹³³⁾. Ao emprazar, com sua mulher Felipa de Freitas, as suas terras ao primo Pedro Lagarto, Cavaleiro do Duque, Escrivão das Sisas⁽¹³⁴⁾, em 1514; o Casal do Bostelo, em Santa Maria do Outeiro, em 1515; a Bouça da Ribeira, em 1517⁽¹³⁵⁾. E falar mais dele. De Afonso Rodrigues do Amaral, Cavaleiro do Duque, Chanceler da sua Correição de Entre Douro, Minho e Beiras⁽¹³⁶⁾, a suceder nestes cargos ao sogro.

A 3.8.1523, em Vila Viçosa, ordena o Duque ao seu almoxarife em Bragança para entregar sessenta mil reis por ano a Afonso Rodrigues do Amaral, Cavaleiro da sua casa «*emq.tº por meu m.º estiver na*

Rodrigues, seus irmãos, filhos e descendentes. Na carta é intitulado protonotário, conde palatino, administrador perpétuo do mosteiro de S. Pedro das Águias e arcipreste da igreja de St.^a Maria da vila de Almeida. Chancelaria de D. Manuel, liv. 21, fl. 20 v.º. Braamcamp Freyre — «*Brasões da Sala de Sintra II*, pp. 337 e 338, Apêndice. Este dcc. está copiado no manuscrito da nota 57 e a pedido de José de Freitas do Amaral trasladado a 23.11.1769 nas notas do João Ribeiro (14-2-11) Arq. Mun. A. Pimenta V. nota 91 no meu «*Velhas Casas, (VII), Casa do Cano ou Salvador*».

(131) Manuscrito acima citado.

(132) Prova-se com vários documentos que aí vivia.

(133) «huma peça muito estimada neste Antre Douro e Minho», declaração dum tabelião de Barcelos nas inquirições dum dos seus descendentes, in Jorge de Faria Machado Vieira de Sampaio — «*Subsídios para a Genealogia dos Farias Machados das Casas da Bagoeira e das Hortas*», p. 182. A Qt.^a da Porcariça, em Creixomil, é também citada pelo P. Carvalho, na «*Corografia Portuguesa*», e por Tagilde nos «Apontamentos para a História de Guimarães (concelho), ms. etc.

(134) Era casado com Margarida de Freitas, neta de Fernão de Freitas, «o Moço», neto, por sua vez, de Maria Afonso de Freitas (notas 80 e 87). Foram os instituidores do vínculo de N. Sr.^a do Ó, em S. Fr.co. Para a família dos Lagartos v. Humberto Baquero Moreno — «Uma família vimaranense do Século XV: Os Lagartos», in «*Revista da Universidade de Coimbra*», XXII, 1973.

(135) Perg.os no Arq. Part. de Sezim, A Pedro Largarto emprazam o casal de Valbom, em Ribas, a 19.10.1514 (n.º 37); o casal de Bustêlo é emprazado a 21.11.1515 e a Bouça da Ribeira a 19.4.1517 (n.os 39 e 7). Filipa de Freitas não sabia escrever. No mesmo Arq. há escrituras de compras feitas por Afonso Rodrigues do Amaral.

(136) Assim é referido em todos os doc.s da nota anterior.

fortaleza da d.^a cidade», com obrigação de ter consigo «*continuadamente oito homens p.^a guarda da dita fortaleza*», a contarem do dia da sua entrada (137). Cinco dias depois manda as instruções ao novo alcaide: «*tanto q ora chegardes a m.^a cidade de Bragança aonde vos Invio fareys vir perante vós todos os espingardeyros*»; inquirirá de cada um dos seus alvarás e privilégios, verá se algum faleceu, exigirá de todos o fazerem tudo quanto lhes mandar (138). A 22.9.1523 «pello Doutor Diogo da S.^a Ouvidor do Duque N. Sr, e nas suas Terras de trasllosMontes» é entregue a «Aff.^o Roiz do Am.al cavalr.^o Fidalgo da caza do d.^o Sr e Alcaide Mor da d.^a cid.e em virtude de hum m.d.^o seu» a Fortaleza e o Castelo de Bragança (139).

Entrou a tomar a posse; nas mãos a chave da Torre de Menagem, as do Castelo, e muitas outras «q não sabia donde erão dos repar-tim.os e camaras do d.^o castello». Subiu às torres. Das suas góticas janelas vagueiam-lhe os olhos pela já quase branca serra de Sanábria, pela muito vasta planície leoneza estorricada pelos sois do verão, as muitas serras e outeiros de Portugal. Do alto, a abranger a cidade muralhada, a região raiana, todo o horizonte, talvez sonhe com a glória o novo alcaide. Desceu então para fazer o inventário.

45 celadas das Armas. 28 cossolletes, 5 «espiritus», armeiras de braços, de colotes e de outras maneiras «tudo isto desmanchado e ferrugento» e em pedaços. 4 Tornos de pau que pareciam «de Armas». 15 Bombardas entre grandes e pequenas e uma grossa sem «samarra» 2 «piparotes de polvora», um deles sem fundo, ambos «bazios sem nada». 13 espingardas sem «atacadouros», ferrugentas. Grande quantidade de virotes, sem ferros, sem pernas e 4 bestas todas desfeitas. 9 Leitos de armas, cinco sem tábuas, todos amontoados. Cordas (maromas) partidas em bocados. Um almofariz grande para a polvora com sua mão. 1 escada de mão. 589 Picas. 27 portas sem fechaduras, ferrolhos que não correm, portas e janelas em ruína, buracos em lugar das portas (140). O forno, a atafona, os escanos, os almários, o altar,

(137) Perg.^o no Arq. Part. da Casa de Sezim. Está copiado no manuscrito da nota 57.

(138) Carta do Duque de Bragança para Afonso Rodrigues do Amaral. V. nota ant. No verso do doc. está escrito: «Para Affonso Roiz todollos espingard.ros de Bragança».

(139) V. notas 137 e 138, O escrivão foi Guão Fernandes.

(140) Cossolletes são peitos de armaduras ou couraças, leves, de cobre ou latão. Armeiras são também peças da armadura; as «de colotes» correspondem à parte das calças. Virotes são setas grandes, muito agudas.

os copeiros de madeira tudo partido, a faltar tábuas, a desaparecer. Em bom estado só duas cubas, até a mesa grande está sem pés ⁽¹⁴¹⁾.

«Affº Roiz Eu duque Sr vos Invio mt.º saudar porq. sey qt.º e

(¹⁴¹) Por achar mt.º curioso transcrevo o doc. que existe em Sezim e está copiado no manuscrito. — «Saibão quantos este estromt.º de homenage virem q no anno de N. Sr. J. C. de 1523 annos aos 22 dias do mes de xvr.º na cidade de Bragança entrou dentro no castello estando ahy Aff.º Roiz do Am.al caval.rº da caza do Duque N. Sr. q ora vinha p.ª alcaide mor da fortaleza e castello da dª cidade o Dr. Diogo da Sª ouvidor do dº Sr nestas suas terras de traslos montes q assim ao prez.te tinha cargo da dita fortaleza e castello por mandado do dº Sr pello Ouvidor foy dito q o dº Affº Roiz do Amaral lhe era... estas provisões do ditto Sr pª lhe aver de entregar a dª fortaleza e castello q esta em seu poder e q por virtude da dª provizão elle lhe entregava ora como de feyto logo entregou o castello e fortaleza delle a chave da torre dahomenage, e as chaves do dº castello, e outra mão cheya de chaves q não sabião donde erão dos repartim.tos e cameras do dº Castello e elle Affonso Roiz se ouve por entregue de todo e recebeo as ditas chaves testemunhas que forão presentes Luis de Morais escudeiro e Luis da costa e Fernão Rebello cav.º e moradores na dª cidade e outros m.tos e se fez inventário do q se achou no dito Castello que he o que se segue = Item primeir.mente 45 selladas de Armas = item 28 coscoletos sinco espiritus som.te e tudo isto desmanchado e ferrugento e outros pedassos e outros coscoletes e Armeyra de braços e colotes e de outras maneyras todos desmanchados ferrugentos que por isso se não contarão = Item duas cubas piquenas hua de 15 almudes e outra de 30 pouco mais ou menos = Item coatro tornos de pao q parecião de Armas = Item 15 bombardas entre grandes e pequenas = Item outras bombardas grossa sem samarra = Item dois piparotes de polbra hu delles desmanchado e sem fundo bazios sem nada = Item treze espingardas sem atacadouros ferrugentos = Item hum relógio piqueno desmanchado e hua soma de virotes de pao sem ferros e sem pernas e 4 bestas de pao desmanchadas e outros pedaços d'outras = Item 9 Leytos de Armas e sinos não tinhão taboas estavam desmanchados cada couza sobre si — Item hum forno em sima na torre e 4 rodas de sisete = Item hua maroma e dois padosos doutras naromas já desfeitos e hua de Ledoura de pao desmanchada e hua atafona desmanchada = Item hu almofariz g.re de polvra com seu sucamão = Item hu altar de pao e dous bancos Longos = Item hua meza grande com os pees desmanchados = Item hu escano g.re e dois copeyros de pao sem tavoas da trazeita e hum almario com suas fechaduras e hua escada de mão e 589 Piquas e 27 Fortas sem fechadura e na salla a visinha tem outras portas de as estrebarias e cameras p.o q são necessarias 31 fichaduras com seus fechos e Ferrrolhos porq.os não tem som.te duas dellas as tem e Tambem he mister pª ellas 30 aldabas e a principal da Torre não tinha ferrolho por dentro e outras portas da estrebaria de fora q estão desmanchadas e hu coarto e hua genella grande da Torre e manhadadas de Armas juntas que pello Instrumento atraz par.esse ser q forão da casa do dº Alcayde e Ouvidor asim este por nos e asim estão desmanchadas e cobrada de todo outras duas portas da torre da salla do res e outras duas portas na salla da cozinha não tinhão portas e. assim asignarão e pedirão cada huma seu instrumento e eu Francisco Rodrigues do publico e judicial da dita cidade de Bragança e seus termos pello Dr. Duque noso Sr q este estromt.º escrevi e tirey and nota pª o dito Alcayde Mor e aquy meu publico signal fiz q tal e o Lugar signal publico Francisco Roiz».

contra vosa vontade ahy estais ja segundo mo escrevestes Hey por bem de vos desobrigar della tanto q vos recebida esta por ella entregareis essa fortaleza com ella envio poder para vos levantar a omcnage q. della me tendes feito Evora a 31 de xbrº de 1525 annos

Duque p.ª Aff.º Roiz» (142).

Com esta carta vai também o poder, assinado pelo Duque de Bragança e selado com suas Armas, para o Dr. Diogo da Silva seu ouvidor «nas comarcas de entre douro mº e Traslomontes» para levantar a homenagem dada por Afonso Rodrigues do Amaral ao Duque pela Fortaleza e Castelo de Bragança (143), abandonada, na maravilhosa beleza de suas pedras e musgos.

Ver a Afonso Rodrigues do Amaral. Não será difícil encontrá-lo «nas entradas das rainhas a Srª D. Lionor 3ª m.er de El-Rei D. Manoel e a Srª D. Catarina m.er de El-Rei D. João 3.º. Achou-se nestas jornadas por cartas e ordens do Duque D. Jaime partindo de sua casa com m.tos cavallos e criados e serviso conveniente» (144).

— «Lá está!»

— «Aonde?... estamos tão longe... Ali?»

— «Não. Ali são os 23 Moços de Estribeiros vestidos de jibões de seda e vistosos saios de grã; os 40 Moços de Camera ataviados de veludo alaranjado, capas amarelas com barras de veludo pardo e calções do mesmo guarnecidos de veludo amarelo; os 13 trombetas com as mesmas cores, os librés da guarda e os gorros amarelos dos charamelas».

— «Então, acolá! entre «os oficiais e criados principais luzidamente conforme o gosto e eleição de cada um, os seis Moços-Fidalgos com a distinção que pedião suas pessoas, os 300 a cavalo com lanças e canas». Parece-me vê-lo».

Continuamos com o esplêndido séquito do Senhor Duque a receber a Rainha Dona Leonor: os atableiros trajados de amarelo com guarnições negras, saios escarlates capas amarelas e gorros encarnados, os porteiros da maça, Reis de Armas, Arauto e Passavante a vestir cotas de veludo carmezim (145). Com o mesmo alarde se apresentaram a 23.4.1537 às bodas do Infante Dom Duarte com a Senhora Dona Isabel, dotada por seu irmão Dom Teodósio, Duque de Bragança, com o ducado de Guimarães. O Duque a esperar El-Rei «meia

(142) Carta do Duque, v. nota 137.

(143) Id.,

(144) Man.º citado na nota 57.

(145) D. António Caetano de Sousa — «*História Genealógica da Casa Real*», Tomo V, p. 535 e seg.tes (descrição do séquito ducal).

légua fora de Vila Viçosa acompanhado de seus Irmãos, muitos Fidalgos, Cavaleiros e Escudeiros de sua Casa com grande ostentação e acompanhamento de criados... (146).

Nesse mar colorido, visto tão de longe, de tons de amarelo, de vermelho, de negro e laranja, massa movediça em vérias e cortesias, perdemos a Afonso Rodrigues do Amaral, Senhor de Sezim pelo seu casamento. Valemo-nos do Abade de Tagilde. Em dois parágrafos dá-nos as notícias procuradas: «D. Filipa do Amaral faz testamento em 15 de Janeiro de 1536 declarando que já lhe falecera uma filha; manda sepultar-se na crasta da Oliveira com seu pae. Já era falecida em 1538, pois neste anno fez-se partilha dos seus bens». «Afonso Rodrigues do Amaral casou segunda vez com Catharina Annes, sua creada, a «Gancha», por alcunha, em 26 de agosto de 1549, de quem tinha uma filha — Fillipa do Amaral que em 1586 era casada com Diogo da Costa Homem (147) que deve ser o Vereador de Guimarães

(146) Nota 144.

(147) Felipa do Amaral e seu marido tiv: I) Catarina de Figueiredo do Amaral = a 10.1.1599 com Belchior Machado de Faria (M 1 Creixomil, Arq. Mun. A. Pimenta), Cap. de Inf.^a, Juiz pelas Ordenações e Provedor da Miz.^a de Barcelos, pais do Dr. António de Faria Machado, Fid. Capelão, Dez.or da Casa da Suplicação e Inquisidor da Índia, +em Goa, s.g.; Dr. Diogo da Costa Homem, Bach., F.S.O., s.g.; João Machado de Figueiredo, Vereador em Barcelos, = com Isabel de Araújo s. g. leg.^a; Grácia Machado, solt.^a; Estácia do Amaral de Faria = com seu primo António Machado Carmona, Morgado de Carmona, c. g. (Morgados de Carmona, Arriscados de Barcelos, Condes de Azevedo, Falcões de Braga, Condes de Calheiros, Condes de Carcavelos e Viscondes do Olival, etc.); Filipa do Amaral de Faria = com seu primo Matias Pais de Faria, sr. da Casa de St.^o António de Vessadas, c.g. (Felgueiras Gayo, da Casa de Fervença, Casa das Hortas, em Braga, Casa de Vale Flor de Infias, na mesma cidade, Sousas Canavarros, dos Barões de Arcossó, etc.); Isabel de Faria, solt.^o, e D. Maria de Faria = com Manuel Barbosa de Figueiredo, c. g. (Condes de Villas Boas, Condes de Correia Bettencourt, etc.). V. Jorge de Faria Machado Vieira de Sampaio — «*Subsídios para a genealogia dos Farias Machados das Casas da Bagoeira e Hortas*», pp. 131 e segs., Felgueiras Gayo — «*Nobiliário*», tit.^o Farias, & 106, Villas Boas etc. II) Florisanda da Costa = em Creixomil a 1.4.1589 com Cosme da Costa, sr. da qt.^a da Breia (M 1 Creixomil), pais de André Homem do Amaral = com D. Paula de Sousa e Menezes, c. g. (Bravos, v. Gayo, tit.^o de Farias e o meu «*Casa das Lameiras*», *Velhas Casas*, (IV); João Homem do Amaral s. g.; Francisco da Costa, abade de St.^a M.^a do Abade; Domingos da Costa Homem, Dez.ro e depois Prior de Sintra; e uma freira que com sua mãe vendeu parte da Breia. III) Francisco da Costa Homem, s. g. e IV) Diogo da Costa Homem = em Braga com Grácia de Villas Boas (V. Luís de Bivar Guerra — «*Um Caderno de Cristãos Novos de Barcelos*», Gayo — tit.^o de Villas Boas, etc.), pais de João Homem do Amaral = com sua prima Jerónima de Villas Boas e, que em 1637 venderam a Porcaíça, c. g.; Joana do Amaral = em Creixomil a 4.10.1632 com seu primo Geraldo de Villas Boas, c. g.; Maria e Estácia, nascidas na Porcaíça e bap.s a 17.1.1616 e 17.1.1618

em 1603 e 1611, oriundo de Viseu». Acrescenta que Afonso Rodrigues do Amaral fez testamento a 3.8.1552 e faleceu a 4, tendo havido três filhos de seu primeiro matrimónio: António (com quem seguimos), «Diogo que foi morto à Ponte do Sôr indo com D. Jaime para Villa Viçosa em uns brinços com outros fidalgos moços da casa do duque; e Mecia a que está no moimento como diz a inscrição»⁽¹⁴⁸⁾. Não fala no enorme pleito, na grande questão a dividir Afonso Rodrigues do Amaral de seu filho primogénito António de Freitas do Amaral, por morte de sua mulher e mãe, Filipa de Freitas, Morgada de Sezim.

A 23.9.1538 partilham-se os bens de Filipa de Freitas. «A prata, ouro, dinheiro e Roupã e tapeçaria e arquas e alfayas de casa e guado e porcos e assi de pão e vinho e novidades para o marido Afonso Rodrigues do Amaral». E os de raiz: a quinta de Riba d'Ave com seus moinhos e pertences em Santa Maria de Silvares; as Herdades da Portela, «que trazem João Lopes em S. Jorge do Selho»; o campo «da Malfadoyra» com sua deveza, na freguesia de Urgeses; as casas de herdade, na freguesia de «S. Crimenço», julgado de Cabeceiras; as propriedades na freguesia de «S. Gião do Calendário», termo de Barcelos; as herdades em Esposende, do mesmo termo. E mais todos estes haveres, a fazer-nos passear, pelas ruas do Guimarães quinhentista: o lugar do Prego (Rego?), no fundo da Rua da Caldeiroa; os 28 reis de renda paga por Francisco Alvres Maceiro pelo moinho da Rua de Couros; metade do pardieiro na rua de Santa Maria emprazado a João Annes, carpinteiro; a casa na rua de Couros «com seu enxido e leira da horta que está acima dela»; «as casas da herdade em que mora com seu enxido e estrebaria na rua das Ferrarias junto a S. Paio», a confrontarem por detras com a viela do Hospital da Rua Sapateira, outras na rua de S. Paio, e a quinta de Vila Verde, com suas casas e campos. Para o filho, António de Freitas do Amaral, «escudeiro fidalgo da Casa do Duque» ficam a quinta de Fontes, em Joane, Julgado de Vermoim; a honra de Vila...; as casas do Paço junto ao Sant... de Cabeceiras de Basto; o lugar das Improas, ao Carvalho, termo da vila; um campo em S. Tiago do Candoso e as casas em que vive, ali, na rua que vai para S. Paio⁽¹⁴⁹⁾. Fora o morgadio que já é seu.

(M 1 Creixomil). V. os meus «*Velhas Casas*», *Creixomil: «Casa das Lameiras»* p. 59 nota 13 e segs., «*Casa de Laços*», pp. 10 e segs., nota 25 e «*Casa do Costeado*», p. 4, nota 9.

⁽¹⁴⁸⁾ V. nota 80.

⁽¹⁴⁹⁾ «Partilhas entre Afonso Roiz e seu f.º Ant.º de Freitas por morte de sua may Fellipa de Freitas», a 23.9.1538. Original no Arq. Part. da Casa de Sezim.

Afonso Rodrigues do Amaral doou a quinta da Porcariça a seu genro Diogo da Costa Homem. Contra a doação ergue-se o filho, António de Freitas. Começa a correr o processo, agora encadernado junto com as muitas sentenças sobre bouças, pastos, montados e campos de Sezim, alcançadas por Afonso Rodrigues do Amaral ⁽¹⁵⁰⁾, páginas e páginas para serem cuidadosamente folheadas, a culminarem na «Renovação da desherdação q fez Afonso Roiz a seu fº Antº de Freitas» ⁽¹⁵¹⁾. Um ano depois do pai, em 1553, já está morto António de Freitas, Morgado de Sezim e Casa Nova, escudeiro fidalgo da Casa do Duque.

No fundo, pouco sabemos da sua vida. Até mesmo a ascendência de sua mulher, Victória Ferraz do Rego, permanece confusa, ao sabor dos linhagistas ⁽¹⁵²⁾. Para uns é dos Regos de Viana, para outros dos de Barcelos, para todos filha de Ana Ferraz, aia da Duquesa de Bragança, Dona Isabel de Velasco. Ficamos só a olhar o granito gasto das suas sepulturas, nas costas da Capela-Mor da Real Colegiada da Senhora da Oliveira. Música de órgão, piar de pardais e mochos, cantar das gotas d'água nos beirais, repicar dos sinos. Silêncio a descer, a guardar na sua imensidade, o dia a dia das suas vidas. A continuarem nos filhos que deixam: Fernão, Diogo, Mécia e Isabel. Destes irmãos fica tutor, por morte dos pais ⁽¹⁵³⁾, o primogénito. — Fernão de Freitas do Amaral.

Destino de Isabel Ferraz do Amaral? Como o de uma vela, chama a tremelicar entre muitas. Sem se distinguir das outras freirinha em Vale de Perdizes, lá fica, a 5.4.1562, com o bom dote entregue pelo irmão mais velho ⁽¹⁵⁴⁾, à espera que o sopro do tempo a apague da vida que lhe escolheram. Destino de Mécia? Casam-na primeiro com um parente, Álvaro Paes Ferraz, de Ponte do Lima ⁽¹⁵⁵⁾, e, depois,

⁽¹⁵⁰⁾ Originais no Arq. citado na nota ant.

⁽¹⁵¹⁾ «Justificações e outros papeis», v. nota ant.

⁽¹⁵²⁾ Gayo, no «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», tit.º de Regos, & 21, dá-a como f.ª de Francisco do Rego e de sua m.er Isabel Ferraz Victória, neta pat. de Luís do Rego e mat.(possivelmente) de Alvaro Paes; e no tit.º de Farias & 12 como f.ª de Bento do Rego, mor. em Viana e m.er Ana Ferraz. Nos manuscritos citados na nota 57 não se menciona o nome do pai: «... f.ª de... e de sua m.er D. Isabel Ferraz que servio a Sr.ª D. Isabel de Velasco Duquesa de Bragança 1.ª m.er do Duque D. Jaime...».

⁽¹⁵³⁾ Nota 80.

⁽¹⁵⁴⁾ «Dote de Fernão de Freitas a sua irmã Isabel Ferraz a 5.4.1562», Arq. Part. da Casa de Sezim.

⁽¹⁵⁵⁾ Gayo, tit.º de Ferrazes, & 34 N 2: «f.º de Gregorio Paes de Araújo e sua m.er Isabel Ferraz, neto mat. de Álvaro Paes Ferraz».

com Bartolomeu Faria de Andrade, Padroeiro do Convento de Santa Clara de Guimarães⁽¹⁵⁶⁾. Pela quinta de Vila Verde, em Guimarães, pela Casa de Laços, por Tomar, por Torrados, pelas mais terras, cresce e multiplica-se a descendência de Mécia Ferraz do Amaral⁽¹⁵⁷⁾. E D'ogo de Freitas do Amaral?

(156) F.º de João Ribeiro de Faria e de sua m.er D. Helena de Andrade, neto pat. de Pedro Vaz Golias, Sr. de Torrados (f.º de João Ribeiro, o «Golias», e m.er Isabel Vasques do Vale, v. quadro genealógico do meu, «*Casa da Covilhã, Velhas Casas*» (II), e Gayo, (tit.º de Golias) e de sua m.er Briolanja de Faria (f.ª de João Álvares de Faria e de sua m.er Brites Afonso; v. o meu «*Casa da Avelira — Velhas Casas*» (VII), pp. 6 a 8, e Gayo «*Nobiliário*», tit.º de Farias, e liv.º citado na nota 47, (págs. 140 a 142); neto mat. de Pedro Afonso de Araújo e de sua m.er Leonor de Andrade. Esta sr.ª era irmã de Baltazar de Andrade, mestre-escola da Colegiada da Oliveira, fundador do Convento de St.ª Clara em Guimarães, e ambos f.os de Lourenço de Andrade «fidalgo algarvio, vindo para G.es ao serviço do Duque de Bragança, D. Jaime». Por extinção da descendência de Baltazar de Andrade, sucedeu no Padroado Bartolomeu Faria de Andrade (no texto). Entre os bens dotados pelo fundador ao Convento estavam as igrejas de St.ª Maria de Ribeiros e St.ª Cristina de Arões, ambas de Fafe. V. João de Oliveira Guimarães — «Convento de Santa Clara de Guimarães».

(157) Do 1.º casamento teve António Paes do Amaral, também casado 2 vezes. 1.º com D. Helena de Almeida, de quem nasceu Luís Paes do Amaral, escrivão das Sizas, marido de D. Cecília Nogueira. Tiv. estes, 1 única f.ª: Ana do Amaral, que quando casou com seu primo António de Freitas do Amaral (v. adiante), levou em dote o ofício de escrivão das Sizas, os casais de Figueiredo e Aléns, em Figueiredo, as q.tas de Vila Verde e Sub-Carreira, o casal de Armeiros, em Caldelas, etc. (Dote de 13.7.1639, Tab. Ant.º Nogueira do Canto (10-2-12), Arq. Mun. A. Pimenta. Luís Paes do Amaral, teve, fora do matrimónio, pelo menos Maria do Amaral, a 28.8.1639, dotada por sua madrastra para casar com Ambrósio da Costa f.º de João Fernandes Gião e M.ª da Costa, falecidos, moradores na Qt.ª de Tábuas de Cima, freg.ª de S. Pedro de Freitas, Fafe, com 30 mil reis, 1 saia de veludo, 1 roupão de meio brocado, e outro de baeta, 1 manto de seda com suas rendas, 1 gibão de tafetá, 1 vestido de caminho, outro gibão, roupão e saia, 6 lençóis 1 cobertor, 1 colchão novo, 5 toalhas de meza, 8 guardanapos, 6 «toalhas de agoa as mãos», 1 arca de pão, 1 caixa, 1 mesa, 2 cadeiras, 3 travesseiros, 1 fronha, 2 almofadas e 1 carro de pão. (Tab. acima citado). Tiv. geração, v. nota 87 no meu — «*Casa do Cano ou Salvador, Velhas Casas*» (VIII). António Paes do Amaral = 2.ª vez com Margarida Gomes Pedroza de quem teve: Maria, B. a 26-8-1593 (M 1 Oliv.ª) e Isabel Ferraz = a 6-11-1623 com Afonso Martins de Macedo (M 2 Oliv.ª), a quem, em 18-12-1625, é emprazado o Casal do Ladrido, em Taboadelo (Perg.º 14 do Arq. Part. de Sezim). Foram estes os pais de D. Francisca de Matos e Noronha, n. a 21-9-1629, m.er de seu primo Dionizio de Freitas do Amaral (v. adiant), c. g. Em Helena da Cunha (ou será sua 1.ª m.er Helena de Almeida e confusão de quem escreveu o assento?), teve António Paes do Amaral a D. Maria Paes do Amaral = a 15-1-1624 com António Borges Nogueira, Tab. de Notas, sr. da Casa de Laços, c. g. V. o meu «*Casa de Laços, Velhas Casas*» (IV). Foi também pai de Frei Jerónimo de Guimarães, +em Tomar a 4-7-1624 (Perg.º 14, acima) e de Manuel +a 30-4-1620.

A 7-8-1640 Ana do Amaral e marido António de Freitas do Amaral e Isabel

Casado com Leonor Ribeiro ⁽¹⁵⁸⁾, arrasta o apagado destino de filho segundo. Sem filhos do casamento, a apadrinhar um ou outro menino na freguesia da Oliveira, onde assiste, encontrámo-lo já com 51 anos, em 1598. como testemunha no processo da morte de Ambrósio Peixoto de Carvalho, Morgado de Pousada ⁽¹⁵⁹⁾. Voltamos a vê-lo, a 22.9.1623, na sua casa em Guimarães, na rua de Vale de Donas. Antónia Barbosa, viúva de seu filho natural António de Freitas do Amaral, «falecido na Baía, partes do Brasil», passa para a Baía uma procuração a defender os interesses dos filhos ⁽¹⁶⁰⁾, os pequenos Fran-

Ferraz e esposo Afonso Martins de Macedo, partilham bens «como parentes tão chegados amigos e bem querentes». Aos 1.os (netos de Ant.º Paes do Amaral), tocam as casas, as q.tas de Vila Verde, na freg.ª de S. Sebastião; Sub-Bouças, em S. Faustino de Vizela, os casais dos Arneiros, em S. Tomé de Caldelas (Taipas), e das Aléns, em Figueiredo, tudo no termo de Guimarães, e o do Augueiro, em S. Miguel de Vilariinho, hoje conc. de St.º Tirso. Os 2.os ,(f.ª e genro), ficam com as casas novas de pedra onde vivem, a Qt.ª de Covas, em Urgêzes, os casais de Lamas, em S. Martinho de Candoso; Paço, em Polvoreira; Ladrado, em Taboadelo, as medidas da Herdade da Arriconha, em Tagilde; o Prazo de Basto com todos os seus casais em S. Miguel das Caldas de Vizela (tudo de Guimarães) e 2 casas na Cordoaria Velha, em Lisboa. Tab. Ant.º Nogueira do Canto (10-2-13), Arq. Mun. A. Pimenta.

Do 2.º casamento teve Mécia Ferraz do Amaral a João de Faria de Andrade, suc. a seu pai, que, como sua mãe, também casou duas vezes. A 1.ª com D. Maria de Sequeira e a 2.ª com D. Giralda Machado de Miranda. Da 1.ª m.er teve a Gonçalo de Faria de Andrade = em Tomar com D. Suzana de Freitas, c. g.; Damásia e Gonçalo, órfãos de pai em 1640 (L.º de notas do Tab. Ant.º Nogueira do Canto (10-2-59), Arq. Mun. A. Pimenta) e a outros s. g. Da 2.ª esposa nasceu Bartolomeu de Faria de Andrade, que suc. na Casa de Torrados, e no Padroado de St.ª Clara, apesar da acção intentada pelo irmão mais velho, e = com D. Serafina de Miranda e Almeida, c. g. Tomou posse do Padroado em 1655. V. o meu «*Casa do Costeado, Velhas Casas*» (III) e de muito interesse o estudo de Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde, sobre o Convento de St.ª Clara, citado na nota ant.º.

⁽¹⁵⁸⁾ Ela faleceu a 25-2-1629 (M 2 Olv.ª). A 3-10-1625 na «manda q fas Lionor Ribeiro dona veuva q ficou de dioguo de freitas do amaral doente em cama da doenssa que nosso Senhor lhe deu», deixa por sua universal herd.ª «de tudo qt.º tinha e eranças que viesse a ter» a Antónia Barbosa, viúva de seu enteado António de Freitas do Amaral. Este test.º é feito nas suas pousadas «à porta de Santa Luzia da banda de dentro». (L.º de notas do Tab. Fr.co Peixoto de Carvalho, Arq. Mun. A. Pimenta).

⁽¹⁵⁹⁾ Nota 88 no meu «*Casa de Pousada, Velhas Casas*» (V), pp. 48-49.

⁽¹⁶⁰⁾ P.çam de Antónia Barbosa a Inasio da Costa». A 22.9.1623, na rua de Vale de Donas, casa de Diogo de Freitas do Amaral, Antónia Barbosa, dona viúva de Ant.º de Freitas do Amaral † na Baía, e Inácio da Costa, tutor de Francisco e de Jerónima, meninos de 10 e 8 anos, f.os dela e de seu defunto marido, passam procuração para a Baía p.ª se fazer inventário e tudo se arrecadar no Cofre dos Órfãos. Ant.ª Barbosa sabia escrever. (L.º do Tab. João de Abreu, Arq. Mun. A. Pimenta, p. 172). António Freitas do Amaral era f.º nat. de Diogo de Freitas do Amaral; sua viúva passou a 2.as núpcias com João Gomes Cardoso, Escrivão dos Órfãos.

cisco e Jerónima ⁽¹⁶¹⁾, netos de Diogo Freitas do Amaral. A quem só tornamos a encontrar, a 9.8.1624, dia da sua morte, «sepultado em S. Francisco como pessoa de sua qualidade» ⁽¹⁶²⁾.

Fernão de Freitas do Amaral, Morgado de Sezim e Casa Nova, tutor de seus irmãos, marido de Dona Isabel de Carvalho, recebe do sogro, Fernão Rebelo de Carvalho, Morgado da Rua Escura e de outras fidalgas casas ⁽¹⁶³⁾, o ofício de escrivão da Câmara, ainda no reinado d'el Rei Dom Sebastião ⁽¹⁶⁴⁾. Dá-se Alcácer-Quibir. Portugal agoniza. Fernão de Freitas do Amaral em fins de 1580 é «escrivão da camara nesta notavel e sempre leall villa de guimaraees e seus termos por sua catoliqua magestade» ⁽¹⁶⁵⁾ El-Rei Dom Felipe. Outros batem-se e sofrem por El-Rei Dom António, o Prior do Crato, esperança de muitos.

E há o grande pleito pela quinta da Porcaria. E esta carta:

Responde Fernão de Freytas do Amaral em seu nome e dos mais her.ros fylhos que ficaram de Ant^o de freytas do Amaral defunto que o sup.te Diogo da Costa requere o encabeçamento da quintam da porcaria ante tempo... Por não se terem feito partilhas foi a quinta sequestrada... De inde tanto q. Ant^o de freytas soube q seu Pay tinha dado a dita quinta a Diego da Costa e o dito Antonio de Freitas a ter p^a sua...» ⁽¹⁶⁶⁾.

Grossas, pesadas, acumulam-se as folhas dos autos da demanda. A Porcaria, o verde dos seus campos, são agitados pela rixa a dividir a

⁽¹⁶¹⁾ De Frc.^o não temos mais notícias. Jerónima do Amaral Barbosa, f.^a de «António de Freitas do Amaral, já †, e de sua m.er Antónia Barbosa = na Igr.^a de S. Seb.^o a 20-4-1644 com Manuel Barbosa Cabral, f.^o de Matias Nogueira e de sua m.er Felipa de Oliveira Cabral, m.ores na Qt.^a do Vinhal, S. João de Folhada, termo de Gouveia (M 1 S. Seb.^o). Ele era «homem de Juizo mt.^o versado nas Humanidades servio na Guerra da Aclamação e achou-se na tomadada de Salvaterra do Minho», (Gayo, tomo VI, Barbosas). Foi capitão de Inf.^a, viveram em G.es, tiv. muitos f.os, (N 1 e 2 Oliv.^a), um deles, com o mesmo nome do pai, vem citado no meu «Casa de Pousada, Velhas Casas» (V). V. também a nota 42 VI) do meu «Gonçalo Lopes, Mestre de Pedraria».

⁽¹⁶²⁾ M 2 Oliv.^a, (Arq. Mun. A. Pimenta).

⁽¹⁶³⁾ De Fernão Rebelo de Carvalho e sua Casa, trata o meu «Casa do Cano ou Salvador, Velhas Casas» (VIII).

⁽¹⁶⁴⁾ Nota 80.

⁽¹⁶⁵⁾ Certidão de Salvador de Mesquita, in João de Meyra «Guimarães no tempo do Prior do Crato».

⁽¹⁶⁶⁾ Carta nos «Autos da Demanda sobre a qt.^a da Porcaria», (Arq. Part. de Sezim).

família. Dum lado a descendência de Felipa do Amaral, do outro a representação da linha primogénita, Fernão de Freitas do Amaral, Fidalgo Cavaleiro ⁽¹⁶⁷⁾, escrivão da Câmara, Morgado de Sezim e Casa Nova. A não ser... Aparece-nos uma demanda, sem autos, sem papelada; mais uma história manuscrita, perdida numa gaveta. Valerá a pena encaixá-la, copiá-la, a ela, nascida não se sabe aonde ⁽¹⁶⁸⁾, metê-la, na história da Casa de Sezim, aqui apresentada com claros, com falhas, mas sólida, provada com documentos, penhascos de granito, agarrados com força e solidez à terra? Não resistimos.

Para seguir o anónimo manuscrito parariámos em Fernão de Freitas, o «Beißudo». Logo continuaríamos com sua filha mais velha, Ana de Freitas, a deserddada pelo pai por se namorar ou casar com João da Cunha Lima e pobremente morta em um hospital. A haver geração, nela seguiríamos a representação da Casa. Diz o papel que houve. Dá-lhe por única filha a Leonor da Cunha Lima, mulher de João Lourenço, morador em Basto, pais de Francisco Lourenço, combatente em Alcácer-Kibir, e a ajudar depois o Prior do Crato. Teve este, de sua mulher Felipa Francisca, natural do Arco de Baúlhe, um filho, João Lourenço, como seu avô. Tudo isto vem em páginas sem datas, sem qualquer dado, sem nenhuma fonte onde se vá buscar a confirmação.

Há mais. João Lourenço, o neto, «intenta longa demanda sobre morgadios contra seu primo Fernão de Freitas do Amaral», senhor de Sezim e Casa Nova. «Só a perde porque o seu adversário provou que o pai de João Lourenço ajudou a salvar o Prior do Crato».

Se estas genealogias falassem verdade os representantes de Sezim e Casa Nova não seriam os Senhores da Casa; seguem outra linha, a dos Lourenços, sempre na varonia. Levam-nos até Paulo José de Lima, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo ⁽¹⁶⁹⁾, nascido em Vila do Conde a 25.2.1715 ⁽¹⁷⁰⁾, 2.º Administrador da Capela de Stª. Catarina e a sua mulher Dona Monica Escolástica de Vasconcelos Monteiro de Barros e Almada, senhora de 3 Morgadios em Azurara, a erguerem

⁽¹⁶⁷⁾ Assim surge em vários doc.s, entre eles no dote de seu f.º Gregório.

⁽¹⁶⁸⁾ Tive notícias destes papeis, aos quais não dá nenhum crédito, pelo Dr. Francisco Luís de Vasconcelos, (Francisco de Sequeiros), 5.º neto na varonia de Paulo José de Lima, que encontrou estas folhas.

⁽¹⁶⁹⁾ Torre do Tombo. Chancelaria da O. de Cristo, L.º 270, fl. 180, 166 v.º e 96 v.º Reg.tº da Carta e alvará da profissão hábito e tença. Inf. que muito agradeço ao Dr. José Krohn da Silva, que me fez o favor de a procurar.

⁽¹⁷⁰⁾ Bap. 7 da freg.ª de S. João Baptista de Vila do Conde, (Arq. Dist. do Porto). Viviam os pais, Paulo Fernandes e Luísa Francisca, na Rua do Cais. Tinham

em Vila do Conde, frente à Praça a sua Casa do Sub-Mosteiro. E a seus netos e representantes os Vasconcelos Melo e Costa ⁽¹⁷¹⁾.

Procurar no Arco de Baulhe a família do bisavô de Paulo José de Lima Francisco Lourenço casado com Felipa Francisca ⁽¹⁷²⁾. Trazê-la para Vila do Conde com seus netos Paulo Fernandes Lourenço, ferrador, António Fernandes de Lima, navegante. Depois correr a vila: Rua do Cais, Rua do Sub-Mosteiro, embaladas pelo Ave, a deslizar

= na Matriz de Vila do Conde a 5-12-1706 (C. 3, id.), ele f.º de Bernardo Lourenço e Maria Fernandes, da freg.ª de S. Martinho do Arco do Baulhe, conc.º de Cabeceiras de Basto, ela de Miguel Francisco e Antónia Fernandes, m.ores em Vila do Conde. Nos L.os de Vila do Conde encontro 4 f.os de Paulo Fernandes e sua m.er: Francisco, * a 28-1-1708; Manuel, a 5-9-1709 (B. 6, assentos onde vem a profissão do pai); P.º António Fernandes Lourenço de Lima, Prior da Colegiada de Vila do Conde (1759-97), in Mons. J. Augusto Ferreira — «*Vila do Conde e seu Alfoz*», p. 33, a 23-4-1712 (B. 7) todos na Rua do Sub-Mosteiro e Paulo, acima citado. Irmão de Paulo Fernandes ou Paulo Fernandes Lourenço, como por vezes usava, foi António Fernandes de Lima, † na rua do Sub-Mosteiro a 6-9-1724, solt.º, órfão e navegante. Tinha bens e o herd.º foi o irmão, (O. 4 Vila do Conde, Arq. Dist. do Porto).

⁽¹⁷¹⁾ V. «*Anuário da Nobreza de Portugal*» — Vasconcelos Sousa Castro e Melo —. São hoje representados pelo Eng.º João de Vasconcelos Costa e Melo, c.g., trineto de Frc.º de Vasconcelos Monteiro de Lima Barros e Faria (f.º de Paulo José de Lima), F. C. A. (1779), 8.º adm. dos vínculos em Azurara (suc. a sua mãe), e de sua m.er D. Helena Josefa Joaquina de Sousa Pereira de Castro e Melo, 22.ª Sr.ª da Torre e Paço Torre de Sequeiros, (Ponte do Lima). E também: Bertino Daciano S. R. Guimarães, Eugénio de Andréa da Cunha e Freitas e Serafim Gonçalves das Neves — «Azurara», p. 239; António Pereira da Silva — «Nobres Casas de Portugal», vol. II, Casa do Sub-Mosteiro; Conde de Castro Solla — «Notas de um Antiquário», in «*Ilustração Vila Condense*», n.º 31; José de Sousa Machado — «Últimas Gerações», vol. II, Cost. 208, & 1.º Faço de Sequeiros. Chamo a atenção para o abandono da Casa do Sub-Mosteiro, (já saída das mãos dos seus senhores) hoje infelizmente só fachada, pois o miolo foi demolido. Numa terra tão linda como Vila do Conde (e em quase todas) é uma dor de alma ver os muitos atentados ao seu património artístico e natural. Infelizmente nascem por todos os cantos a matarem as características, as vistas, o ambiente. Ignoro o que se pretende fazer a tão bonita casa, tão bem enquadrada na Praça.

⁽¹⁷²⁾ Francisco Lourenço * na freg.ª de Arco de Baulhe, lugar do Arco, foi B. a 24.4.1604, era f.º de Amaro Lourenço, † no mesmo lugar a 18.12.1634 e de sua m.er Catarina Francisca, aí também † a 12.11.1628. Entre outros foi irmão de João Lourenço Fernandes, ferrador, 2 vezes = c. g. Francisco Lourenço = com Felipa Francisca, aí † a 11.5.1648, tiv. muitos f.os. Entre eles: Bernardo Lourenço (nos assentos de Bap. há um Bernardino B. a 25.5.1643, não sei se será o mesmo) = com Maria Fernandes, pais de Paulo Fernandes e António Fernandes de Lima (no texto). Recuando mais encontro no mesmo lugar do Arco o fal.º a 14.12.1597 de Lourenço Fernandes, mas nesta rápida pesquisa não fiz a ligação. M. 1, 2 e 3 de S. Mart.º do Arco de Baulhe, Cabeceiras de Basto, Bib. Mun. e Arq. Dist. de Braga.

para o Mar. Movimentá-las: passo travado de garranos, força das mulas, dos bois, a arrastarem pezos. Cantar a beleza dos cascos das naus, das galeotas, o forte martelar nas bigornas nas manhãs cinzentas, envoltas em nevoeiro. E a alegria dos barcos lançados às águas, soprados pelo mundo dos ventos e marés, o arder da Fé aceza de seus homens frente às Capelas e altares da sua devoção. A prosperidade a vir, a forja de Paulo Fernandes a parar a casa a crescer⁽¹⁷³⁾; o traço da pena de seu filho Paulo José de Lima, escrivão da Câmara de Vila do Conde, a aparecer nas actas. Assim provamos: Francisco Lourenço, o de Alcácer, se existiu não é Francisco Lourenço, o do Arco, nascido em 1604. E as páginas soltas, sem amarras, levantadas pela fantasia, caem como quase sempre, rôtas, inutilizadas pela verdade dos documentos.

A 5.12.1597, nas suas pousadas na Rua Escura, a Senhora Isabel de Carvalho, Dona viúva de Fernão de Freitas do Amaral, entrega a legítima recebida de seus pais e de uma sua irmã, freira em S. Francisco de Vale de Pereiras, a seu filho o Reverendo Cónego Francisco de Freitas do Amaral⁽¹⁷⁴⁾. Como tutora e curadora de seus filhos vai apresentar o Abade de S. Miguel de Fun...⁽¹⁷⁵⁾, privilégio da sua casa. Muito ligados à história de Sezim, os filhos de Fernão de Freitas do Amaral, por sucessivas mortes, sucedem uns aos outros no Morgadio. Uma das filhas, Dona Ana de Carvalho, está já casada com António Sodrê Pedroza, Fidalgo da Casa Real, Escrivão da Câmara, a substituir nesse cargo o sogro⁽¹⁷⁶⁾. A outra, Maria, reza entre os muros de

(173) A 21-5-1721 Paulo Frz e sua m.er Luisa Francisca, m.ores em Vila do Conde fazem um contrato com Francisco Monteiro de Barros, mercador na mesma vila e proc.or dos herd.ros de Catarina Pais, ausentes no Brasil, para aumentarem sua casa, vizinha da dela. Descrevem-se as obras. (L.º de notas do Tab. de Vila do Conde Manuel dos Reis Gandavo, 6.ª Série, L.º n.º 16 do 1.º cartório, Arq. Dist. do Porto). No mesmo L.º vem uma procuração geral passada a 4.1. 1721 por António Fernandes Lourenço para Miguel António, lavrador, da Freg. de S. Salvador do Campo, termo de Barcelos. Ambas as escrituras trazem a assinatura de Paulo Frz.

(174) «Doação que faz a Sr.ª Isabel de Carvalho ao Sr. Cónego Francisco de Freitas». Esta esct.ª já está citada na nota 251 do meu «*Casa do Cano ou Salvador, Velhas Casas*» (VIII).

(175) «Pr.çam que faz Isabell de carvalho»; não houve efeito. (L.º de notas do Tab. Ant.º Dias Maceiro (10-2)13), Arq. Mun. A. Pimenta).

(176) A 17.6.1597 a sr.ª Ana de Carvalho e seu marido o sr. António Sodrê, Cavaleiro Fidalgo e Escrivão da Câmara de G.es, nas suas pousadas na Rua Escura, passam uma proc. Entre as tes.tas: António de Freitas do Amaral, Cav.º Fid.º, irmão dela. L.º citado na nota ant.º. Não tiv. f.os Ant.º Sodrê, que aparece em várias escrituras, † na sua casa na rua de St.ª Maria a 2-7-1626; era irmão de Branca Sodrê, m.er de Luís de Almeida Leborão, c. g..

Santa Clara, onde professou. Com todos, com algumas pinceladas de sua vida, entra a Casa de Sezim no século XVII.



Na mesa há poucos guardanapos; lavam-se os dedos gordurosos de comida no gomil apresentado pelo pajem. Senhoras não se vêem. Cães apanham os restos, os ossos, um ou outro ponta pé. Saem e entram, numa azáfama, os creados. Escravos negros e pardos param, absortos, nos seus sorrisos infantis. Com apetite, com voracidade, comem fidalgos, eclesiásticos, familiares e convidados. Assim deviam ter sido as refeições de António de Freitas do Amaral, primogénito de Fernão de Freitas do Amaral e de Dona Isabel de Carvalho, o mais apagado de todos os irmãos. Fidalgo da Casa Real⁽¹⁷⁷⁾: senhor do Morgadio até 1614, não deixa filhos do casamento⁽¹⁷⁸⁾. Sua mulher, Dona Leonor Barbosa, vinda de Ponte do Lima⁽¹⁷⁹⁾, servida por aias e escravas, também partirá, apenas um nome, uma vaga lembrança. E os outros, filhos varões de Fernão de Freitas, infusas cheias de bom

(177) Nota ant.

(178) Teve pelo menos 3 f.as naturais: D) A 3-3-1627 casa Francisco da Rocha, f.º de Mestre João e de sua m.er Catarina Frc.ª, do Cano das Gafas, com Ana de Freitas, f.ª nat. de António de Freitas do Amaral, já defunto e M.ª Ribeiro, da freg.ª de S. Paio. Tes.tas: Fernão de Freitas do Amaral e seu f.º António de Freitas do Amaral, e Pedro Moreira, criado do reitor, além de muitas outras pessoas. (M. I, Olv.ª II). A 25-5-1639, na rua da Caldeiroa, casas de Ana Ribeiro, solt.ª, diz ela que dotava sua f.ª Maria do Amaral e que a esta pertencia a metade do casal da Ribeira, em Creixomil, foreiro ao Morg.º de Sezim, de que fôra adm.or António de Freitas do Amaral, pai da dita Maria do Amaral, prazo que lhe fôra feito a ela pelo dito seu pai a 22-2-1616 nas notas do Tab. Jm.º de Barros. Tinha M.ª do Amaral, também direito a 100\$000 reis que o Rev.do Lic. do Francisco de Freitas do Amaral, Chantre do Porto, lhe deixara em test.º e que seu sucessor, herd.º e testamt.º, o Lic.do Fernão de Freitas do Amaral, estava obrigado a lhe entregar. Leva em dote um enxoval de móveis e pertenças de casa no valor de 15\$000 reis. O noivo é Jorge da Rocha, f.º que ficou de Sebastião Rodrigues e m.er, Marta da Rocha, m.res em G.es; traz como dote «o 3.º das casas que estão à porta da Torre Velha da banda de fora que são de alpendrada». Tes.tas: António de Freitas do Amaral e Gaspar Lopes. Jorge da Rocha assina. (L.º de notas do Tab. Ant.º Nog.ra do Canto (10-2-58), Arq. Mun. A. Pimenta, III). Jerónima de Freitas, irmã inteira da n.º II, é mencionada no seu dote.

(179) «... f.ª de Gaspar Barboza e m.er Ana Correia Feijó, neta pat. de D.os Dias Rz Malheiro, o «Vinagre» e m.er, Brites Barboza, a Fidalga, m.ores em Ponte do Lima, e mat. de Álvaro Correia e m.er Isabel de Amorim», (in Gayo — «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», tit.º de Barbosas), & 54, onde, por lapso, diz terem tido geração.

vinho verde, sentados em bancos, à conversa, pois pouco se vêem, aguardam a vez de nos ocuparmos deles.

Francisco de Freitas do Amaral, o filho segundo, foi consagrado a Deus. Para cônego Meio Prebendado da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira entra em 1585, e «vence athe os 3 de Fevr^o de 1600 (180)». A 22.8.1595 foi provido estudante de Direito Canónico na Universidade de Coimbra (181). Um pouco de brancura, flocos de neve a cairem docemente, vamos agazalhar mais o cônego Francisco de Freitas do Amaral, Mestre Escola da Sé da Guarda. Chega a Guimarães. Celebra a 22.6.1607, no Mosteiro das Freiras, o casamento de seu irmão Fernão de Freitas do Amaral com Catarina de Neiva (182). Sucede nos vínculos ao irmão primogénito. A 15.3.1616 dõa à Coraria as casas e leiras «*alem do Rio de Couros para cinco Missas rezadas com seus responsos no fim sobre as suas sepulturas do Morgado de Cezim dos Freitas e Peixotos e seus antepassados que estão na Colegiada junta a Capela do Santissimo Sacramento ou aonde se mudar a dita Capela ditas nas ultimas 5.as feiras chegadas a Paixão e uma cantada de Requiem no oitavario dos Santos com responso por seu pae e mãe Fernão de Freitas e Isabel de Carvalho*» (183). Chantre da Sé no Porto, falece em Guimarães a 30.1.1639 (184). Enquanto dobram os sinos na Guarda, no Porto, em Guimarães, pelo Morgado de Cezim, reza-se também em Vairão. Aí vamos encontrar, recolhida, sua filha natural Dona Ana, afastada de todos, esquecida do mundo.

O sol escalda as pedras. Um domingo qualquer. Estão abertas as tendas, «fazem-se obras servis». Ao raiar da madrugada, noite ainda, rezaram-se missas e saíram procissões da Colegiada, de S. Domingos, de S. Francisco. Entre os devotos há quem se aproveite da escuridão para «praticarem muitos desserviços a Deus Nosso Senhor». De resto acontece o mesmo à noite, nos sermões no Campo da Feira. Sinos a tanger do nascer da luz até às Avé-Marias já por duas vezes saiu com «toda a pompa e ornato» o Sagrado Viático. Acudiram os Moços da Confraria; calçado e de sobrepeliz o que leva a Cruz. Já correu pelas ruas das freguesia a campainha a chamar todos para a hora da doutrina; vieram muitos, principalmente os de menor idade. Na igreja,

(180) V. nota 72: «*Elementos para um Catálogo...*», p. 146.

(181) Id.,

(182) V. nota 195.

(183) João Lopes de Faria — «*Velharias da Colegiada*». A aceitação deste legado foi a 19-3-.

(184) (M 2 Olv.^a). Deixou por herd.^o e test.^o seu sobrinho Fernão de Freitas de Mesquita que também lhe sucedeu no cargo.

cuidadosamente fechadas, as grades do altar do Santíssimo Sacramento. Zeloso, o sacristão cuida em ter tudo prestes para as missas rezadas e cantadas; às portas, fojos impedem a entrada dos bichos. No côro rezam os cônegos; «uzão indeçentemente de mechas de tabaco de fumo pellos narizes mascando e tambem papel». Desleixam-se no vestir, dão escândalo. No nave, entre o mulheroio, homens disfarçados com biocos falam com mulheres «de má suspeita», inquietando as outras. Chiu! Haja respeito!

Nesta tarde de domingo, cá fora, «capellas da Igreja ecantos da Crasta na porta do Choro», a federem, molhadas, tristes alvos de urgentes neecessidades. Nos «escalois» da porta, nos assentos do pátio, reclinam-se eclesiásticos e pessoas nobres, sentados, «a impedirem com suas conversas o officio divino e o passo das mulheres». E a graça que elas têm ao vir ao chafariz, encostado à torre? — Espreitem-nas pelas janelas vejam como olham para cima. Muitas fazem-se de surdas não importa! Ao passarem pelo Padrão ouvirão «pallavras dezonestas». Praça da Senhora da Oliveira, Praça Maior da Vila, cheia de vida nesta tarde de sol, a verem-se «couzas muito contrárias ha onestidade clerical» a esgueirarem-se vultos cheios de fé⁽¹⁸⁵⁾, o Bem e o Mal a passar nas suas lajes. Que faz o Conego João do Amaral Castelo Branco, terceiro filho de Fernão de Freitas? Abandona a conezia.

«Depois de succeder no vínculo casou com D. Joana de Azevedo, e segunda vez com D. Sabina Peixoto»⁽¹⁸⁶⁾, conta o Abade de Tagilde. — O quê?, exclamamos com espanto, confusos, intrigados. Cônego Meio Prebendado da Real Colegiada da Oliveira João do Amaral⁽¹⁸⁷⁾ só tem ordens menores. Não é sacerdote, não tem a alma marcada para toda a eternidade com o carácter de Ordem, não celebra missa. Basta-lhe deixar de rezar os officios, de «comer das meias prebendas». «Sai, muda de estado»⁽¹⁸⁸⁾. A noiva escolhida é senhora de muitos bens: Joana de Azevedo Machado, filha de Paulo Vaz de Campos e de sua mulher Ângela de Miranda, moradores em Refojos, concelho

(185) Coligi estes dados de «Para a História da Colegiada de Guimarães, Visitações dos Arcebispos de Braga à Colegiada de N. Sr.^a da Oliveira entre os secs. XVI e XVIII, in «Boletim de Trabalhos Históricos», vol. X. Deti-me especialmente no séc. XVII.

(186) V. nota 80.

(187) «...venceo athe 16 de Mayo de 1614 a. succedeo-lhe o seg.te Cosme Frz e o d.º João do Amaral começou a vencer em o 1.º de Maio de 1600» (v. nota 181).

(188) Em muitos processos de clérigos com ordens menores, no caso de abandonarem por terem casado, vem apenas esta frase: «mudou de estado». Informação do Rev. do Franquelim S. Neiva Soares, conscencioso investigador e autor de trabalhos de muito mérito.

de Cabeceiras de Basto. E três anos antes de suceder a seu tio já o encontramos casado.

No claustro da Colegiada a Capela de S. Braz, mandada levantar por Álvaro Gonçalves de Freitas, atrás citado, e pertença dos Leborões desde o findar do século XV ⁽¹⁸⁹⁾. Neta materna de Damião Leborão de Almeida, 4.º Senhor da capela na sua família, e de sua mulher Ana Machado de Miranda, Joana de Azevedo Machado, recebe de Miguel Leborão de Almeida e Maria Miranda, irmãos de sua mãe o casal do Proposto, umas casas na Rua dos Fornos, o Prazo do Gaiteiro, onde é 2.ª vida, e muitas outras propriedades, entre elas a Arcela, em S. Pedro de Azurém ⁽¹⁹⁰⁾. A 16.1.1639 na sua quinta do Gaiteiro, onde vive com seu marido João do Amaral de Castelo-Branco, assina um contrato ⁽¹⁹¹⁾. Por vezes, encontra-se noutra quinta: no Remessal da Boa Vista, em S. Cristovão de Selho. É no Gaiteiro, a 11.4.1641, que Joana de Azevedo Machado abandona este mundo; sepultam-na em S. Domingos, tudo deixando ao marido ⁽¹⁹²⁾.

A 5.10.1644, ainda no Gaiteiro e já casado com Sabina Peixoto ⁽¹⁹³⁾ João do Amaral de Castelo-Branco como «administrador e Snor. da Capela da Casa Nova, sita em St.ª Maria do Outeiro, Cabeceiras de Basto» empraza o casal do Souto em Santa Eulália de Revelhe» ⁽¹⁹⁴⁾. Ao falecer, por 1645 ou 1646, não deixa o Senhor de Sezim

(189) V. Abade de Tagilde, nota 80, — Capela e vínculo de S. Braz — e o meu «*Capelas Vinculadas na Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira*», Capela de S. Braz.

(190) Concerto ante miguel leborão de miranda e sua irmã em 7-9-1611. L.º de notas 10-1-73), Arq. Mun. A. Pimenta). A ascendência de Joana de Azevedo vem em Gayo, Tomo XVI tit.º de Leborões e Tomo XIX. tomo de Machados, & 14.

(191) «Contrato entre João do Amaral e João de Abreu Tabelião judiciall». L.º de notas do Tab. João Nogueira (22-1-19) (Arq. Mun. A. Pimenta). a 22.9.1633 Joana de Azevedo na q.ta do Remessal da Boavista faz doação ao marido do prazo do Gaiteiro do casal do Miradouro reguengo e de outro em S. Lourenço de Riba Selho. (L.º de notas do Tab. João de Abreu (12-3-33) Arq. Mun. A. Pimenta).

(192) M. 2 S. Paio (Arq. Mun. A. Pimenta).

(193) Este casamento não vem nos assentos da vila de G.es, nem nos de Revelhe. O P.º Adriano Peixoto, Pároco de Revelhe † a 2.10.1624 (M. 1 Revelhe-Fafe, Arq. Dist. de Braga) deixa 500\$00 para dote a uma sobrinha, e era irmão de Baltazar Peixoto, c. g. Serão parentes de Sabina Peixoto?

(194) L.º de notas do Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-44), (Arq. Mun. A. Pimenta). Este casal é emprazado a António Peixoto, da freg.ª de Revelhe, Fafe, f.º de António Fernandes e sua m.er Maria Peixoto, e neto materno de Sebastião Peixoto. É irmão do Lic.do Domingos Peixoto, e a 30-9-1647 leva em dote este mesmo casal e os campos do Miguel e Miguelinho na mesma freg.ª, já nele nomeados a 28-9- do mesmo ano nas notas do Tab. de Montelongo Roiz de Carv.º, para casar com Angela Rebelas de Meireles, irmã do Lic.do Frc.º Rabelo de Andrade. (L.º do

geração de seus casamentos. Mas houve um filho: o Padre Jerónimo do Amaral. Não tardará a aparecer-nos a pedir, a clamar nos tribunais pelos morgadios de seu pai.

O quarto filho de Fernão de Freitas e de sua mulher Isabel de Carvalho foi Fernão de Freitas do Amaral. Ei-lo a sair do antigo Mosteiro das Freiras, na Rua de Santa Maria, a 22.7.1607 celebrado o seu casamento ⁽¹⁹⁵⁾ com Catarina de Neiva, sobrinha do Chantre da Sé de Goa e descendente, por linha feminina, de João Afonso Ribeiro, o «Golias» ⁽¹⁹⁶⁾. Logo, por 1608, nasce ⁽¹⁹⁷⁾, seu filho António de Freitas do Amaral, futuro e legítimo pretendente na sucessão de Sezim. Longe ainda destas demandas sobe Fernão de Freitas do Amaral os altos degraus da Casa da Câmara.

«Juiz Vereadores e Procurador da Villa de Guimarães Eu El Rey Vos envio muito saudar. Ey por bem ã as pessoas abaixo nesta minha carta nomeadas sirvão o anno q. Vira de mil seis cētos e dezanove de Vereadores e procuradores dessa Villa e emquanto ouver por bem então mandar o Contrayro» ⁽¹⁹⁸⁾...

Tab. acima citado (12-3-45). A noiva era f.^a de Manuel Glz de Vides e m.er Paula Rebelo, já † †, m.ores que foram em St.^a Marinha de Pedraça, Cabeceiras de Basto. Seu irmão, o Lic.do Frc.^o Rabelo de Andrade = a 12-1-1637 com Maria Barbosa de Meireles (M. 1 S. Seb.^o); são citados na nota 42 do meu «*Gonçalo Lopez, Mestre de Pedraria*».

⁽¹⁹⁵⁾ M 1 Oliv.^a. Esta boda, celebrada pelo irmão do noivo, o Mestre Escola da Sé da Guarda, teve como tes.tas: Francisco Dias, Gregório Rebelo, Mateus de Andrade, Pero do Canto e «outro mt.^o povo».

⁽¹⁹⁶⁾ F.^a de Pedro Álvares da Silva e m.er Suzana de Neiva, neta mat. de João da Costa e m.er Catarina de Neiva, esta f.^a de Pedro Gomes Golias e m.er Suzana de Neiva. P.^o Gomes Golias era f.^o de Gomes Glz de Abreu, oriundo de Viseu, e de sua m.er Catarina Anes Golias, f.^a de João Afonso Ribeiro, o Golias«» (Gayo, tomo X, tit.^o Golias & 2), tronco de muitas famílias de G.es e várias vezes por mim citado. Afonso da Costa de Neiva, irmão da 1.^a Catarina, teve g. illg.^a.

⁽¹⁹⁷⁾ Nas «Provanças do Cónego Francisco Peixoto de Sá», feitas a 25-5-1657, in «*Boletim de Trabalhos Históricos*», vol. IV, N.^o 2, uma das tes.tas é António de Freitas do Amaral, que declara ter 48 anos, pouco mais ou menos. Além deste f.^o legítimo, Fernão de Freitas teve, pelo menos, a Luísa de Freitas, «f.^a natural de Fernão de Freitas do Amaral e de Maria Ribeiro, do Eirado» = a 1-9-1632 na Colegiada com João Ribeiro, f.^o leg.^o de Domingos Gonçalves, saptreiro, e m.er Joana Ribeiro, m.ores às Lagens do Tournal. As tes.tas foram: o Rev. do Baltazar de Meyra, Arcipreste, e o Lic.do Cónego Lourenço Mendes de Vasconcelos (M 1 Oliv.^a).

⁽¹⁹⁸⁾ Carta pela qual El-Rei Felipe II nomeia a Simão de Faria da Costa, Fernão de Freitas do Amaral e Manuel de Moura Coutinho, vereadores, e a Francisco Jorge, procurador da vila de Guimarães. Transcrita no «*Boletim de Trabalhos Históricos*», vol. VIII, n.^o 3-4. Cartas de Reis dirigidas à Câmara de Guimarães nos séc.s XVI, XVII, XVIII e XIX. Os originais estão no Arq. Mun. A. Pimenta.

Investido no cargo, Fernão de Freitas do Amaral ruma à sua casa na Rua Escura. Onde a 13.3.1636, sua mulher, herdeira com seu irmão Afonso da Costa de Neiva, de seu tio o Chantre da Sé de Goa, lhe confere todos os poderes para receber a herança e dela fazer o que quizer ⁽¹⁹⁹⁾. Onde, depois, a 27.5.1639, sua viúva recebe deslumbrada um «bisalho» de diamantes, chegados de Goa. Trouxeram-os Domingos Antunes e João Baptista, contra-mestre e marinheiro da nau capitania Nossa Senhora da Oliveira, denominação a invocar, através dos mares, a Virgem, padroeira de Guimarães. Mais virá: traz o resto a nau S. João do Porto ⁽²⁰⁰⁾. São riquezas vindas ao sabor dos ventos, à mercê do mar, nosso caminho nossa glória, nossa desgraça. A brilharem, a faiscarem no dote de António de Freitas do Amaral, feito na Quinta de Vila Verde a 13.7.1639 ⁽²⁰¹⁾.

Vamos agora ao mais novo dos filhos de Fernão de Freitas e de Isabel de Carvalho, Gregório do Amaral de Castello-Branco. Chame-mos as testemunhas: a João Bravo da Silva e a António Sodré, ambos cavaleiros fidalgos, e a Gonçalo João, alfaiate. Na rua da Porta do Postigo do Campo da Feira, a 21.3.1609, nas suas pousadas, Mécia Barbosa «dona viuva m.er que foi de Fernão Afonso Leborão cavaleiro fidalguo que está em gloria diz que estava contratada de cazar sua f^a Ana Barbosa e de seu marido cõ Gregorio do Amaral f^o de fernão de Freitas que está em gloria Cavaleiro fidalguo morador nesta vila que presente estava» ⁽²⁰²⁾. É mais um dote. Traz mais bens aos de Sezim: a quinta da Carpota, no concelho de Lousada, a de Mascotelos,

(199) «Proc. de Cn.^a de Neiva m.er de fernão de Freitas do amaral», L.^o de notas do Tab. Bento da Cruz Lobato (22-1-19), (Arq. Mun. A. Pimenta). O Chantre de Goa era o Lic.do Manuel Alvres de Neiva.

(200) «Pr.çam q fas Cn.^a de neiva dona v.^a e seu f.^o Ant.^o de Freitas e Afonso da costa de neiva», a Francisco Peixoto do Canto, F. C. R., e P.^o Marques para receberem os bens da herança que lhes vêm da Índia. (L.^o de notas do Tab. Ant.^o Nogueira do Canto (10-2-59), Arq. Mun. A. Pimenta).

(201) V. nota 157. Além dos bens referidos, Ana do Amaral trouxe em dote a q.^{ta} de Sub-Bouças, em S. Faustino de Vizela, os casais de Fradelos, em Arosa; da Figueira, em S. Miguel de Entre-Ambos os Aves, o do Augueiro, em S. Miguel de Vilarinho, e casas na Rua dos Mercadores. Do dote dele consta: toda a «Fazenda de raiz que se achar», a qt.^a de Fareja e as casas mais pertences da dita freg.^a, a renda do Casal de Eiriz, em Serzedo; as leiras que tem nas hortas da Rua de Couros; a fazenda do Comesado; o casal da Honra, em Creixomil; a casa, na rua Escura e outra na dos Mercadores, e toda a herança da Índia. Foram recebidos na Oliveira pelo Dr. Rui Gomes Golias, Mestre Escola a 12-12-1639, dispensados no 4.^o grau de consanguinidade. (M 1 Oliv.^a).

(202) «Dote q deu a Sr.^a Mycya barbosa dona v.^a a gregorio domarall cõ a Sr.^a anna barbosa sua f.^a» (L.^o de notas do Tab. João Bertoles (10-1-66), Arq. Mun. A. Pimenta).

em Cadoso, e da Codeceira, em Creixomil a de Fundevilla em Golães e casas na vila de Guimarães. Por este casamento⁽²⁰³⁾ (o de Gregório do Amaral e Ana Barbosa), entra na Casa de Sezim mais um Morgadio, o dos Leborões, Senhores da Capela de S. Braz no claustro da Colegiada, gótica abóbada de pedra, armoriados túmulos nos seus nichos⁽²⁰⁴⁾. E toda a alegria de mais uma geração: Luísa, Fernão,

(203) O assento de casamento não está nos L.^{os} de Oliv.^a, S. Paio, S. Seb.^o, Creixomil, Silvares e Cadoso. Desta data não há livros de Nespereira.

(204) Escreve Fernão Lopes na «*Cronica delRei Dom Joham*» (pp. 284-286 na ed. Lisboa, Imprensa Nacional, MCMLXVII), Parte Segunda: «El Rey trazia huum seu camareyro que chamavam Fernanmdafonso, jrmaão de Joham Afonso de Santarem, de que nesta hobra fazemos menção, homem de prol de boom corpo e que el-Rey amava muyto, assy por o de seu jrmaão que o bem servya como por suas manhas e con versação de que el-Rey era muy contente».... Relata como D. João I y o fizera prometer que «com nenhuuma molher nam tevesse geyto de bemquerença», os amores de Fernando Afonso com uma dama, as suas artimanhas para os encobrir e finalmente o terrível desfecho: perseguido pelos homens do Rei, refugiado numa igreja abraçado a uma imagem de Nossa Senhora, é preso, e embora até ao último minuto acreditasse no favor real é por ordem de D. João I «levado atee o Resyo, homde jaa estava huum esteyo posto e muyta lenha para o queymar». Logo »deram-lhe o fogo, e assy morreo». Seu meio irmão, Fernão (ou Fernando) Afonso Leborão, depois da tragédia recolhe-se a Guimarães, no dizer dos Nobiliários.

Em 1463 começa a aparecer um outro Fernão (ou Fernando) Afonso Leborão, casado com Catarina Fernandes, a emprazar várias propriedades no termo de G.es (V. «*Capelas Vinculadas*», notas 190). Logo no «*Catálogo dos Pergaminhos*» (nota 3), acompanhamos um pouco da sua vida: Juiz em 1478, confrade da Confraria de Nossa Senhora do Serviço, pelo menos de 1489 a 1522, escudeiro a partir de 1496, Juiz ordinário em 1498, é Senhor, por herança de Diogo Pires, (1505), da Capela e vínc. de S. Braz nos claustros da Colegiada (v. nota 80). É tronco dos Leborões, em G.es e trisavô, em varonia, de Ana Barbosa, f.^a de Fernão Afonso Leborão, cav.^o fid.^o, sr. do vínc. de seu bisavô. Ana Barbosa teve muitos irmãos; o mais velho foi o P.^o Baltazar de Mesquita Leborão, suc. a seu pai, Vigário de Silvares de 1616 a 1659, e depois abade de S. Romão de Paredes e que nomeou a capela de S. Braz em seu sobrinho António, Abade de Marecos (Nota 80), entrando assim este morgadio na Casa de Sezim, e Manuel de Mesquita Pimentel, Cav.^o Fid.^o da C. R., m.or na Índia de 1624 a 34 «nas fortalezas, fronteiras exrunadas do Malavar, Cabo Camorim no reino de Jafanapatão, sendo soldado, capitão e capitão-maior da companhia, nomeado Capitão-Maior de Jafanapatão por carta de 19 e alvará del Rei de 20-3-1640 e se não tomasse posse a conferia a quem casasse com uma sua filha sendo português, apto e suficiente». «*Ephemérides*» tirado do Cart. da Casa de Sezim. Na altura do alvará já Jafanapatão era do domínio holandês, o que Portugal ainda não reconhecera.

A mãe de Ana Barbosa, Mécia Barbosa era f.^a de António de Mesquita Pimentel, nat. de Vila Real, Corregedor-Mor em Viana, e de sua m.er Ana Barbosa Correia (f.^a de António da Costa Peixoto), neta pat. de Henrique de Carvalho, escudeiro, que viveu em G.es, e de sua m.er Isabel de Mesquita; a 24-4-1526 emprazam o seu Casal de Mascotelos, em S. Tiago do Cadoso, por eles comprado (Perg.^o do Arq. Part. de Sezim).

Francisco, Ana, António, Catarina Isabel, Mariana⁽²⁰⁵⁾ e Dionísio, logo esbatida, amarfanhada pela morte de sua mãe, Ana Barbosa, a 11.1.1624⁽²⁰⁶⁾, e deixá-los meninos entregues ao pai e aos tios.

«...dos agravos que vão dante os lançadores do dito almoxarifado do serviço dos cem mil cruzados que os povos do Reino outorgaram a el-rei para o casamento do príncipe seu filho...».

É uma acta da Câmara de Guimarães do ano de 1626, pesada lembrança de anos atrás, côrte de Madrid alvoroçada com as bodas do então Príncipe das Astúrias com Isabel de Bourbon, filha do Rei de França. Príncipe a subir ao trono em 1621:

«...aclama-se o «mui alto e Catolico D. Felipe 3.º de Portugal... ao pé do patio cavalgou o vereador mais velho um formoso cavallo ruço, bem ajaezado e ele bem vestido, com a soldadesca bem trajada, se foram andando em passo vagaroso, pela Rua Nova, saindo pela porta da Torre Velha foram para o Tournal... chegaram à Porta de S. Domingos que estava fechada e a abriu um dos capitães, o qual veio no corpo da camara com a chave na mão, e em nome do povo a entregou ao 2.º vereador que a recebeu como vassalo, e em nome do mesmo povo prometeu obediencia a vassalagem a S. Mag.de...»⁽²⁰⁷⁾.

Como vereador mais novo, Gregório do Amaral não é citado neste trecho, mas é quase certo vê-lo como os outros, cortejo a correr a vila «na mesma ordem a voltarem pelas ruas Sapateira, dos Mercadores, de St.^a Maria, do Gado e Escura, tornando à Praça e se recolher a Camara», ao som das «surriadas dos arcabuzeiros e salvas de alferes», a mágua e a amargura a dobrarem muitos.

Gregório do Amaral de Castelo Branco, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo⁽²⁰⁸⁾, viúvo, é vereador de Guimarães em 1621, 1626 e 1627, Escrivão da Câmara. Olho a fiscalizar os preços dos arrateis do anho e carneiro, os marchantes e padeiras, a venda do pão

⁽²⁰⁵⁾ Foram: Luísa da Trindade, Abadessa do Conv.º de St.^a clara em G.es, eleita a 16-8-1667 e 22-9-1676 (in «Convento de St.^a Clara, nota 156); Fernão de Freitas de Mesquita, Chantre do Porto (no texto); e segundo Tagilde* na Adeganha a 9-4-1610; Francisco, que deve ser D. Maurício, frade cruzio; Ana, freira; António de Freitas do Amaral, Abade de Marecos (no texto); Catarina, Freira; Isabel de Mesquita, freira em St.^a Clara; Mariana, B. a 27-8-1618 (M 2 Olv.^a), a única de que vimos o assento de Bap., † m. e Dionizio do Amaral Barbosa (no texto). À morte da mãe tinham as seguintes idades: exceptuando Mariana, já fal., 16, 15, 13, 12, 11, 9, 8 e 3 anos.

⁽²⁰⁶⁾ M 1 S. Seb.º, Arq. Mun. A. Pimenta.

⁽²⁰⁷⁾ Alberto Vieira Braga — «Administração Seiscentista do Município Vimaranesense». A aclamação de Felipe II em Guimarães foi a 25-5-1621. Vem a descrição completa.

⁽²⁰⁸⁾ Nota 80.

de trigo e borôa, do linho bom de Coimbra. Mão a aplicar a lei ao regimento dos boticários, a registar as provisões dos corregeadores, as fianças dos tabeliães, do escrivão dos orfãos, o juramento dos alfaia-tes. A distribuir as armas destinadas a Guimarães: 35 mosquetes, 140 arcabuzes, 265 «piquas»... Pés a trilharem o caminho a seu cargo, desde a Madroa, a andarem pelas obras do conserto da ponte de S. Gualter entre os carpinteiros a trabalharem em S. Lázaro, a passearem debaixo «dos alpendres ao longo da praça junto à Alfandega».

«...*juntam-se os homens nobres pera acordarem sobre a carta que mandou o Rey pera lhe darem pera ajuda da india... acordam os homens nobres abaixo juntos...*». Voz a ouvir-se nas eleições dos almo-taçes, dos misteres, «*na participação que os vereadores desta villa Simão Lobo Cristovão Machado e Gregório Amaral quizeram ter no despacho dos feitos de injurias verbais impedindovos que votasseis neles no primeiro lugar*»... Dia a dia⁽²⁰⁹⁾ em Guimarães, nos anos vinte de mil e seiscentos, acompanhados por Gregório de Amaral, viveuz a pesar-lhe, a lançar as vistas para nova mudança de estado.

Apesar da modesta origem⁽²¹⁰⁾, gozam os Guerras de grande prestígio no Guimarães seiscentista. É como o rodar dum pingente de cristal. Dum lado o brilho indiscutível de Dom Manuel Afonso de Guerra,

(209) L.º de Vereações da Câmara de Guimarães 1626-27, (Arq. Mun. A. Pimenta (4-1-15).

(210) Ao dar-nos a conhecer os processos de admissão aos quatro Colégios Maiores da Universidade de Salamanca dos estudantes portugueses que neles se candiatararam no século XVI, o P.º Armando de Jesus Marques, facilita muito a investigação genealógica. Assim na «Inquirição da ascendência, pessoa e bens de um illustre vimaranense, D. Manoel Afonso da Guerra, Bispo de Cabo Verde († 1624)», in «*Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*», vol. IV), prova-nos a origem dos Guerras de Guimarães. Afonso Anes e m.er Maria Afonso, lavradores honrados, nat.s e moradores em S. Romão do Corgo, terras de Basto, foram pais de António Afonso que veio para G.es onde = com Maria Gomes, f.ª de Gomes Dias e m.er Isabel Gomes, a «Fiadeira», f.ª de Maria Álvares. Viv. na Rua dos Mercadores; ele foi «arrendador de rendas», e tinham por officio vender fio, linho e panos na sua própria casa. Tiv. 5 f.os, um deles o inquirido Manuel Afonso, licenciado, depois chamado da Guerra, colegial da Madalena (colégio menor), em Salamanca, candidato ao Colégio Maior de S. Bartolomeu (1598) da mesma cidade, e a estudar por esmola por os seus não terem bens. Uma das tes.tas menciona um irmão de sua mãe, criado em casa do Dr. Gaspar de Carvalho, agraciado com a mercê de fidalgo por D. João III, sem dizer o nome. Manuel Afonso foi recebido a 5-8-1598 no Colégio de S. Bartolomeu; Felipe II concedeu-lhe a abadia de Vila Flor, em Traz-os-Montes. Aí esteve até 1614, foi então nomeado Bispo de Cabo Verde. Por ocasião da visita do Monarca a Lisboa, frente ao Rei pregou o «Sermon de Santiago», que foi impresso. Foi fidalgo do Concelho de Sua Magestade e Comissário do Santo Officio. Graças ao seu prestígio (e formação castelhana) engrandeceu toda a família.

Bispo de Cabo Verde, inflamada voz perante Felipe II no «Sermon de Santiago». Do outro, seu sobrinho, Salvador Gomes da Guerra, Fidalgo da Casa dos mesmos Reis. Também nos mostra o tremelicar do cristal o Licenciado António Jorge da Guerra, primo do Bispo, a casar suas irmãs com ricos negociantes. No irisar colorido tremeluz a lamarina sempre acesa, na Senhora da Oliveira, vínculo do Senhor Bispo; ressalta em S. Francisco o altar de Nossa Senhora da Embaixada morgadio do Licenciado⁽²¹¹⁾. E ilumina também a Maria da Guerra, moça donzela, irmã de Salvador Gomes da Guerra, a confesar a 16.7.1637, vésperas do seu casamento⁽²¹²⁾ as dívidas do irmão⁽²¹³⁾, a comprar com dinheiro deixado pelo tio Bispo «uns casais para ajuda» de seu matrimónio⁽²¹⁴⁾. É a escolhida por Gregório do Amaral para madrasta de seus filhos.

— «*Real! Real! Viva Dom João o IV, Rei de Portugal!*».

Frente à Câmara, brota o brado da gente entusiasmada. A 10.12.1640, Gregório do Amaral, escrivão da Câmara, tem a honra de escrever o auto da Aclamação de El-Rei Dom João IV mesmo antes de se «receber ordem superior para o fazer». Lê o Juiz de Fora, Dr. Pantalhão de Souza, as cartas da Câmara do Porto a participar o sucesso e pede uma pausa para mais novas. Respondem a nobreza e o povo, impacientes, aos vivas pelo novo Rei. À janela da Câmara,

(211) Sobre os Guerras, seus morgadios e alianças, tenho em preparação um estudo.

(212) A 5-10-1637 «o Rev. do Chantre do Porto Francisco de Freitas, recebe a Gregório do Amaral Castello Branco com D. M.^a da Guerra da rua do Postigo por proc. a Ant.^o Machado da Guerra». Tes.tas: Manuel de Mello Silva, Cristóvão Machado e «outros m.tos». (M 2 Olv.^a, Arq. Mun. A. Pimenta). D. Maria da Guerra era sobrinha do Bispo de Cabo Verde e prima, em 3.^o grau, (mães primas co-primas), de António Machado da Guerra.

(213) Salvador Gomes da Guerra, Cav.^o Fid.^o da Casa de Sua Magestade com pr. de Maria da Guerra, donzela, sua irmã, confessa deverem a Luís de Almeida Leborão as medidas de metade da q.ta do Conde, freg.^a de S. Cosme de Garfe, a 20-12-1630. (L.^o de notas do Tab. João de Abreu (12-3-33), Arq. Mun. A. Pimenta). Nesse mesmo livro distratam uma compra. A 19-9-1637, Maria da Guerra, donzela, como her.: de seu irmão Salvador Gomes da Guerra, F.C.R., já defunto, confessa uma dívida de 100\$000 reis que ele devia a Pedro Vieira da Maya, também já falecido. (L.^o de notas do Tab. Bento da Cruz Lobato (10-2-10), Arq. Mun. A. Pimenta).

(214) M.^a da Guerra, donzela, sobrinha do Rev. do Bispo de Cabo Verde, Dom Manuel Afonso da Guerra, do Conselho de Sua Mag.de, compra em 1622, com um dinheiro que lhe dá o tio, uns casais p.^a ajuda de seu casamento. L.^o de notas do Tab. João de Abreu (12-3-8). Tes.tas foram: seu irmão, Salvador Gomes da Guerra, F. C. R., Jorge Peixoto da Guerra (primo em 3.^o grau) e o Lic. do António Jorge da Guerra (primo co-irmão de sua mãe).

Manuel Machado de Miranda ⁽²¹⁵⁾, tange o sino do Senado e grita — «*Real! Real! Viva D. João o IV, Rei de Portugal*». No dia seguinte realiza-se a procissão de Acção de Graças. Das salas da Câmara saiem os vereadores ⁽²¹⁶⁾, a Nobreza. Na Praça junta-se-lhes o Povo, a segui-los, jubiloso. À noite, em todas as ruas, largos e becos da vila acendem-se as lamparinas, a desenhar no escuro da noite a alegria de Guimarães restaurado ⁽²¹⁷⁾.

Janeiro de 1641. El-Rei convoca Cortes. Procurador por Guimarães, eleito por 88 votos, lá vai Gregório do Amaral. Vai a Lisboa falar a D. João IV. Diz-lhe que:

«se os Reis tem obrigação de gratificar seus vassa'os os serviços que lhe fazem a tem maior aos moradores da mui notavel villa de Guimarães que a todos os mais do Reino porque elles forão os que acompanharão ao Infante Dom Affonso Henriques que nella nasceo e morou e nella teve sua Corte, que foi a primeira de Portugal indo conquistar este Reino no tempo que estava povoado de mouros que o possuião...» ⁽²¹⁸⁾.

Vai, juntamente com Fernão Rebelo de Almeida, lembrar regalias, rogar justiça, pedir mercês, e que El-Rei seja servido perdoar impostos, favorecer a nobreza nas eleições, exaltar a vila com todos os seus privilégios.

Toca a rebate! Toca a rebate! Vêm aí os castelhanos, estão na raia! Rufam, com alma os tambores, atordoam os ares os zabum-

(215) F.º 2.º dos Morgados da Rua Escura, = com a herd.^a da Casa de Cavaleiros, é citado a ps. 78, 79 e 80 do meu «*Casa do Cano ou Salvador, Velhas Casas*» (VIII). Como Capitão Mor foi dos 1.ºº a organizar as marchas de Guimarães para a raia, e também se distinguiu na guerra.

(216) Eram: Estêvão Machado, Sr. dos Morg.os dos Machados de Miranda em G.es, Pedro Cardoso de Menezes, da Casa do Proposto, e Afonso Martins de Macedo, adiante citado.

(217) Auto da aclamação d'el Rei D. João IV em Guimarães. Lido por João Lopes de Faria e pub. por António Lopes de Carvalho — «Guimarães e a aclamação de D. João IV», in «*Revista de Guimarães*», vol. esp. com. dos centenários da fundação e restauração de Portugal, MCMXL.

(218) «Os representantes de Guimarães nas cortes de 1641 e 1642» in «*Rev.ª de G.es*», citada na nota ant.º, I — Capítulos apresentados às Cortes de Janeiro de 1641, pelos procuradores Fernão Rebelo de Almeida e Gregório do Amaral Castelo Branco». São muito curiosos. Fernão Rebelo de Almeida era o Morg.º da Rua Escura, (v. o meu l.º mencionado na nota 215). Na obra referida na nota 208, em «*Receita e Despesa*» — 1941 vem: «A Gregório do Amaral Castelo Branco por conta do que se lhe devia de ir a Cortes à cidade de Lisboa na forma da Provisão de Sua Magestade... 40\$000».

bas ⁽²¹⁹⁾. Dão ânimo, ganas de ir, quase ninguém fica. Para Melgaço «a preparar a fronteira que estava mui arriscada», parte como muitos, Gregório do Amaral Castelo Branco. Leva os filhos, os sobrinhos, uma companhia à sua custa. Sai de Portugal, entra na Galiza, galopa pelos verdes campos, assusta aldeias, vigia o inimigo pela zona fronteira. Na madrugada da Guerra da Aclamação, a 9.9.1641, Gregório do Amaral assiste à passagem da Ponte do Rio Vargês e ao tocar de clarim e charamelas, no chão galego, aclama Dom João IV ⁽²²⁰⁾.

Guerra da Aclamação — em todas as frentes. No Brasil, em África, nas Índias. Perdem-se baluartes com honra, recuperam-se outros com glória. No imenso mundo do Portugal em todos os continentes, acendem-se fachos brilhantes, apagam-se alguns para sempre. No Alentejo as primeiras batalhas, o grosso do exército. Na fronteira transmontana, na raia minhota pequenos enfrentamentos. Tinham principiado em Julho «quando se rompera a guerra em Alentejo, conhecendo El Rey q̄ menear as armas só para a defesa era multiplicar o perigo, & q̄ a paz q̄ se desejava, se avia de conseguir fazendo a guerra, ordenou aos Governadores das Armas de todas as Provincias q̄ entrassem em Castella» ⁽²²¹⁾. De Guimarães, como de todas as cidades e vilas, ao som dos tambores, muitos já tinham partido.

(continua)

Maria Adelaide Pereira de Moraes

(219) «...quando o capitão-mor levantou gente para ir para Melgaço os homens dos tambores levaram... 800 rs». 1641, v. nota 207.

(220) V. nota 80, o Abade de Tagilde refere o sucesso. Pedro Cirne de Sousa — Relaçam do que fez a villa de Guimaraens do tempo da felice aclamação de Sua Magestade, até o mes de Outubro de 1641», Lisboa, por Jorge Rodrigues, Anno MDCXXXI. Está o Cap. Gregorio do Amaral entre os «q se acharão na entrada da ponte das Varzeas».

(221) Dom Luís de Menezes, Conde de Ericeira — *História de Portugal Restaurada* — Lisboa, na officina de João Galvão, com todas as licenças necessárias, ANNO MDC LXXIX, Tomo I — 1641 mez de Julho.